



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

ADOLESCÊNCIA, POBREZA E INCLUSÃO DIGITAL:
práticas discursivas e identidades (re)construídas no espaço virtual

Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo

Brasília/DF
2014



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo

**ADOLESCÊNCIA, POBREZA E INCLUSÃO DIGITAL:
práticas discursivas e identidades (re)construídas no espaço virtual**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Língua Portuguesa e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística. Área de concentração: *Linguagem e Sociedade*.

Orientadora: Prof.^a Dra. Denize Elena Garcia da Silva

Brasília/DF
2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 1019213.

C193a Campêlo, Sandra Rodrigues Sampaio.
Adolescência, pobreza e inclusão digital : práticas
discursivas e identidades (re)construídas no espaço virtual /
Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo. -- 2014.
159 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e
Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística,
2014.

Orientação: Denize Elena Garcia da Silva.
Inclui bibliografia.

1. Adolescentes. 2. Pobreza. 3. Inclusão digital.
4. Internet. 5. Análise crítica do discurso. 6. Funcionalismo
(Linguística). I. Silva, Denize Elena Garcia da. II. Título.

CDU 801

**ADOLESCÊNCIA, POBREZA E INCLUSÃO DIGITAL:
práticas discursivas e identidades (re)construídas no espaço virtual**

SANDRA RODRIGUES SAMPAIO CAMPÊLO

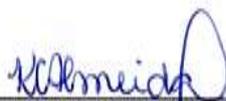
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Língua Portuguesa e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, área de concentração: *Linguagem e Sociedade*, defendida em 17 de dezembro de 2014, Banca Examinadora constituída pelas professoras:



Prof.ª Dra. Denise Elena Garcia da Silva
Universidade de Brasília (UnB) – Presidente



Prof.ª Dra. Edna Cristina Muniz da Silva
Universidade de Brasília (UnB) – Membro efetivo interno



Prof.ª Dra. Kelly Cristina de Almeida Moreira
Secretaria de Estado de Educação (SEE) – Membro efetivo externo

Prof.ª Dra. Francisca Cordélia Oliveira da Silva
Universidade de Brasília (UnB) – Membro suplente interno

*A todos colegas professores/as
que acreditam
que navegar é preciso.*

AGRADECIMENTOS

E quando eu pensei que não chegaria até aqui... Deus já havia traçado todos os meus caminhos. E fez-me ultrapassar todos os obstáculos desta jornada. E cercou-me de anjos, aos quais devo meus sinceros agradecimentos.

Ao meu marido, **Zeca**, meu porto seguro, meu amor. Agradeço pelo carinho, atenção e, principalmente, pela compreensão das constantes ausências na rotina familiar para dedicação à pesquisa. Aos meus amados filhos: **Catarina**, **Artur** e **Caio César**; razão do meu viver. Bênçãos de Deus em minha vida. Aos meus pais, **José** (*in memoriam*) e **Antônia**, grandes batalhadores e exemplos de vida. Aos meus irmãos, **Hélio** e **Lília**, pelo incentivo e apoio constante.

À minha orientadora **Denize Elena**, agradeço pelo acolhimento, pela sabedoria compartilhada, pelo incentivo à pesquisa, pela companhia nas viagens de estudo, pela dedicação e seriedade de seu trabalho. Certamente, uma providência divina em meu caminho. Eterna gratidão e amizade.

Às professoras **Edna Cristina**, **Kelly Cristina** e **Francisca Cordélia** pelo conhecimento compartilhado e por, mais uma vez, fazerem parte desta história.

Aos amigos de pesquisa, **Alessandro**, **Alley**, **Ana Cláudia**, **Carina**, **Fernando** e **Miguel** pela amizade, pelos conselhos, e informações preciosas oferecidas ao longo de minha trajetória como mestranda. Aos colegas da UnB, por terem dividido comigo momentos de reflexão, discussão e aprendizagem.

Aos professores **Kátia**, **Rita**, **Glaucinete**, **Rosângela**, e **Sarmento** que subsidiaram esta pesquisa sendo braço junto aos jovens.

Ao amigo **Pe. Ricardo**, meu conselheiro espiritual, a quem muitas vezes precisei recorrer para dar-me a força e a calma necessárias durante este momento. Às amigas, **Alzira** e **Indiara** que sempre acreditaram que eu poderia voar mais alto. E eu acreditei!

À Secretaria de Educação do Distrito Federal, pelo afastamento concedido para estudos.

E, especialmente, às amigas e companheiras de trabalho **Cleia** e **Adriana**, que juntas acreditamos que poderíamos conquistar a UnB. E o sonho do mestrado virou realidade.

A todos, muito obrigada.

E a Deus, toda honra e toda glória, agora e para sempre. Amém!

Navegar é preciso

*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso".*

*Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:*

*Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo
e a (minha alma) a lenha desse fogo.*

*Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso.*

*Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
para a evolução da humanidade.*

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

Fernando Pessoa

RESUMO

Esta dissertação resulta de uma pesquisa de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa) e tem por objetivo descrever e interpretar práticas discursivas nas interações verbais *online* entre adolescentes de classes desfavorecidas, o que é complementado com depoimentos dos mesmos sobre sua relação com a internet. O marco teórico básico envolve a exterioridade da linguagem sob a luz da Análise de Discurso Crítica, proposta por Fairclough (2001, 2003), bem como a interioridade do sistema linguístico dentro dos parâmetros da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004). Categorias sugeridas a partir do modelo do Sistema da Avaliatividade, por Martin e White (2005), complementam a análise linguístico-discursiva, uma vez que permitem conjugar as duas dimensões da linguagem: o discurso, que faz da língua um contrato social, com o enfoque em estruturas, sobretudo, em termos de significados e macrofunções da linguagem. Os dados empíricos foram obtidos junto a duas instituições públicas de ensino fundamental de Ceilândia com adolescentes de 14 a 16 anos moradores da região. Os métodos utilizados na geração de dados, que podem ser considerados de natureza netnográfica, foram produções de texto (redação e *posts*) e entrevistas semiestruturadas, levadas a cabo com os mesmos jovens, cujas interações *online* constituíram objeto de observação, registradas em diário de campo. Os resultados alcançados na pesquisa sugerem que as relações na e com a internet envolvem emoções que são intensificadas na vida real. Por outro lado, pode-se identificar uma acentuada humanização do computador (internet) que é visto como amigo, companheiro das horas solitárias, consolador, como ator coadjuvante em um mundo de cenários interiores, que clama por mudança. A pesquisa significa uma contribuição para trabalhos futuros que contemplem, no campo educacional, o acesso ao conhecimento pela internet como forma de alerta e, sobretudo de apoio para práticas sociais que favoreçam, mediante possibilidade de neutralização do fator classe econômico-social, a (re)construção de identidades sociais de adolescentes que vivem nas áreas periféricas dos grandes centros urbanos.

Palavras-chave: Adolescentes. Pobreza. Inclusão digital. Internet

ABSTRACT

This dissertation is the result of a qualitative research approach (descriptive and interpretative) and aims to describe and interpret discursive practices of online verbal interactions among teenagers from vulnerable social classes, which is reinforced by their own speeches about their interaction with the Internet. The basic theoretical framework involves the external dimension of language based on the Critical Discourse Analysis, proposed by Fairclough (2001, 2003) as well as its internal dimension, that is, the linguistic system within the parameters of the Systemic Functional Linguistics from Halliday and Matthiessen (2004). Categories suggested from the Appraisal System model from Martin and White (2005) complement the discursive linguistic analysis, once they allow the combination of both language dimensions: the discourse, which makes language a social bidding, focusing on its structures, especially, in terms of meaning and language macro-functions. The empirical data were gathered from two public primary educational institutions from the city of Ceilândia involving students aged between 14 to 16 years old, all of them local residents. The methods used on the generation of data, considered as a netnographic approach, were essay writings, posts, and semi-structured interviews, carried out with the teenagers, whose online interactions constituted the object of observation, recorded in field notes. The achieved results from this research suggest that the relationship with/on the Internet involves emotions that are intensified in real life. On the other hand, it is possible to identify a highlighted humanization towards the computer (Internet), which, according to the data, is seen as a friend, a lonely hours companion, a supporter, or be it as a supporting actor in an inner world scenario claiming for changes. The research represents a contribution for future investigations that contemplate the educational sphere as to the access of knowledge through the Internet as a way of warning and, above all, as a support for social practices that may favor the neutralization of the social economical class aspect, the (re)construction of teenager social identities of those who live in the outskirts of large urban centers.

Keywords: Teens. Poverty. Digital inclusion. Internet.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Significados da linguagem em curso (dis+curso).....	33
Figura 2 - Modelo tridimensional da linguagem	34
Figura 3 - Dimensões de análise de discurso crítica.....	35
Figura 4 - Texto em contexto	36
Figura 5 - Mandala da Gramática da Experiência (SILVA, 2013a).....	38
Figura 6 - Os recursos da avaliatividade	41
Figura 7 - Julgamento e apreciação como afeto institucionalizado.....	42
Figura 8 - Triangulação dos pressupostos teórico-metodológico da pesquisa	45
Figura 9 - Análise tridimensional da pesquisa, segundo a ADC	57
Figura 10 - Sistema da Avaliatividade	66
Figura 11 - Categoria Afeto.....	67
Figura 12 – Resumo do parâmetro Julgamento.....	70
Figura 13 - Inter-relação de Modalidade e Subcategorias do Julgamento	73
Figura 14 - Subcategorias da Apreciação	77
Figura 15 - Subsistema Gradação.....	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil sócio-econômico dos adolescentes participantes	55
Quadro 2 - Etapas da entrevista.....	58

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Formas de comunicação em Rede Social.....	26
Tabela 2 - Variáveis do contexto situacional e metafunções da linguagem.....	37

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADC	Análise de Discurso Crítica
CEF	Centro de Ensino Fundamental
CMC	Comunicação Mediada por Computador
DF	Distrito Federal
EAPE	Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IP	Internet Protocol
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
SA	Sistema da Avaliatividade
SEE	Secretaria de Estado de Educação
SMS	Short Message Service / Serviço de Mensagem Curta
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCP	Transmission Control Protocol
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação

LISTA DE SÍMBOLOS

Convenções de transcrição dos dados orais

(Baseadas em Silva, 2001, com adaptações)

Símbolo	Descrição
[Sobreposição de vozes
[]	Sobreposição de vozes localizadas
(+)ou (++)	Pausas
()	Dúvidas ou suposições. Transcrição incompreensível
/	Parada brusca
MAIÚSCULA	Ênfase na voz
<i>Itálico</i>	Expressões próprias da fala
Negrito	Neologismo
“ ”	Discurso direto
:	Alongamento de vogal
::	Alongamento maior de vogal
(())	Comentários do analista
-----	Silabação
,	(vírgula) entonação média
!	Entonação ascendente de exclamação
?	Entonação ascendente de interrogação
.	Entonação descendente
Reduplicação de letra ou sílaba	Repetições
Eh, ah, oh, ih::, ahã	Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção
... ou /.../	Indicação de transcrição parcial ou de eliminação

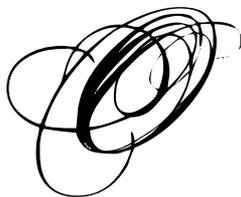
SUMÁRIO

VAMOS ZARPAR?	17
CAPÍTULO 1	20
1 MARINHEIROS, LEVANTAR ÂNCORA!.....	20
1.1 Adolescência.....	20
1.2 Pobreza.....	21
1.3 Inclusão digital.....	22
1.3.1 Internet.....	23
1.3.2 Redes sociais	24
1.3.2.1 Facebook	27
1.3.2.2 Twitter	28
1.3.2.3 Youtube	29
1.3.2.4 Ask.fm.....	29
1.3.2.5 Tumblr.....	29
1.3.2.6 Whatsapp.....	30
1.3.2.7 Instagram.....	30
1.4 Algumas considerações.....	30
CAPÍTULO 2	31
2 OS FARÓIS DA NAVEGAÇÃO.....	31
2.1 Pressupostos teóricos	31
2.2 Exterioridade da linguagem.....	32
2.3 Interioridade da linguagem – Linguística Sistêmico-Funcional.....	35
2.3.1 Metafunção ideacional.....	37
2.3.2 Metafunção Interpessoal.....	39
2.3.3 Metafunção Textual.....	40
2.4 O sistema da avaliatividade	40
2.4.1 A atitude	41
2.4.2 A gradação.....	42
2.4.3 O engajamento.....	43
2.5 Algumas considerações.....	44
CAPÍTULO 3	47
3 CAMINHO NÁUTICO DA PESQUISA	47
3.1 Pesquisa qualitativa.....	47
3.2 A pesquisa qualitativa na internet: “netnografia”	48

3.2.1	Princípios básicos da netnografia	49
3.2.2	Posições do pesquisador	50
3.3	Questões de pesquisa	51
3.4	Ética na pesquisa.....	52
3.5	Delineamento do <i>corpus</i>	53
3.6	Perfil dos participantes.....	55
3.7	Procedimentos metodológicos na coleta e seleção de dados	57
3.7.1	Produção Textual.....	57
3.7.2	Entrevista	58
3.7.3	Observação na internet	60
3.7.4	Diário de Campo.....	61
3.8	Algumas considerações.....	64
CAPÍTULO 4		65
4	O BAÚ DO TESOURO.....	65
4.1	Subsistema Atitude	66
4.1.1	Categoria de Afeto.....	67
4.1.2	Categoria de Julgamento	70
4.1.3	Categoria de Apreciação.....	77
4.2	Subsistema da Gradação	79
4.3	Personificação da internet	84
4.4	Os posts – Curtir * Comentar * Compartilhar	85
4.4.1	Customização do perfil.....	86
4.4.2	Narcisismo/ selfies.....	89
4.4.3	Comentários de contemplação.....	91
4.4.4	Repetição de recursos gráficos da escrita.....	93
4.4.5	Apagamento das vogais/ abreviações	96
4.4.6	Emoticons e onomatopeias	98
4.5	As entrevistas	100
4.6	Adolescência, pobreza e inclusão digital.....	104
4.7	Algumas considerações.....	111
A CHEGADA.....		113
REFERÊNCIAS		116
GLOSSÁRIO.....		121

APÊNDICE A – TERMO DE ASSENTIMENTO	125
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	126
APÊNDICE C – CARTA DE REVISÃO ÉTICA.....	127
ANEXO A – PRODUÇÃO DE TEXTO.....	130
ANEXO B – ENTREVISTAS.....	138
ANEXO C – CARTA DE APROVAÇÃO.....	157

VAMOS ZARPAR?



objetivo central desta dissertação é descrever e interpretar práticas discursivas nas interações verbais *online* entre adolescentes de classes relativamente desfavorecidas, com vistas à discussão, desde uma perspectiva crítica, de como identidades podem ser (re)construídas no espaço virtual. Para tanto, traçou-se os seguintes objetivos operacionais voltados, de modo específico, para adolescentes, estudantes de escolas públicas na periferia de Brasília:

- a) descrever o perfil de atores sociais adolescentes, de núcleo familiar baixa renda que transitam no espaço virtual;
- b) discutir, em termos avaliativos, a autoimagem desse adolescente como usuário da internet;
- c) apontar, na linguagem dos jovens, representações linguístico-discursivas constituídas mediante interações *online*;
- d) analisar recursos linguístico-discursivos e multimodais que constituem pistas da(s) identidade(s) dos jovens;
- e) identificar maneiras ou formas de inclusão digital de adolescentes em situação de pobreza.

Ao longo dos meus vinte e um anos de trabalho docente, quinze deles foram dedicados à formação de adolescentes de 13 a 16 anos – faixa etária que corresponde ao 9º ano do Ensino Fundamental – na disciplina de Língua Portuguesa. Como outras indagações, sempre fui inquirida pelos jovens quanto ao ensino formal da língua materna, bem como o porquê da obrigatoriedade do estudo de uma variedade de linguagem, distante das que eles haviam adquirido no seio familiar, bem como da comunidade, se distanciava muito da língua portuguesa em uso pelos jovens e, razão pela qual, não fazia muito sentido o conteúdo ensinado. Esse questionamento foi o pontapé inicial do meu projeto de mestrado: onde os jovens utilizavam a língua materna com habilidade? Minhas inquietações me direcionaram a buscar respostas em um espaço fora da sala de aula, e fora também de um espaço físico, real. Nesse tempo, cheguei à internet, mundo fascinante dos jovens, espaço em que me debrucei para levar adiante o desenvolvimento da pesquisa ora apresentada.

Devo ressaltar que, ao longo do processo de investigação, encontrei muito mais do que buscava. Além de habilidade, os adolescentes usam de muita criatividade para estabelecer

interações e recriar informações no ciberespaço. Ao mergulhar nesse mar de informações, observei que, por trás de enunciados curtos e imagéticos, havia cumplicidade, amizade, desabafos, pedidos de socorro, trocas de afetos, E-MO-ÇÃO!

E mais, ao submergir nessa espécie de viagem por um mundo novo, pude observar que os jovens são todos iguais, independente de classe sócio-econômica a que pertencem. A inclusão digital favorece, de modo relativo, a inclusão igualitária daqueles jovens “excluídos” por sua condição social. A pesquisa foi realizada com jovens residentes em Ceilândia, cidade-satélite de Brasília distante 30 quilômetros do centro da Capital Federal.

A pesquisa ora apresentada envolve quatro capítulos, além da presente introdução e das considerações finais. Antes, porém, de apresentar a estrutura dessa dissertação, esclareço que os títulos dos capítulos evocam a metáfora dos dilúvios de Lévy (1999), uma vez que resgato o conceito de ciberespaço como um universo oceânico de informações o que se coaduna com o termo preferido por internautas (internet + nauta/marinheiro): navegar na internet.

No Capítulo 1 – MARINHEIROS, LEVANTAR ÂNCORA! , contextualizo a pesquisa ao iniciar uma navegação que gira em torno de adolescentes, da pobreza e da inclusão digital. Na primeira seção, uma viagem pelas características da adolescência que ao longo do trabalho deverão ser retomadas em uma comparação com os dados analisados de interação e identidade dos jovens na internet. A segunda viagem será para caracterizar a situação de pobreza. Por fim, desbravaremos “terras” muito navegadas, porém pouco exploradas da internet e das redes sociais. Assim, busco traçar um panorama de quem são os atores sociais desta pesquisa; tecer considerações sobre a pobreza, bem como o cenário em que vivem os jovens que constituem alvo do estudo em termos de sua inclusão digital. De modo paralelo, busco descrever as redes sociais de relacionamento, foco desta pesquisa, em especial o *Facebook*. Serão apresentadas, ainda, algumas considerações registradas no diário de bordo da pesquisa.

No Capítulo 2 – OS FARÓIS DA NAVEGAÇÃO – apresento as luzes que guiam o presente estudo para o desembarcar em terra firme. Sob a lupa de Fairclough (2003), através de uma proposta teórica que o “Grupo de Brasília” assume como ADC, chega-se à terra da Análise do Discurso Crítica (ADC), pode-se identificar significados acionais, representacionais e identificacionais da linguagem. Na segunda parada, busca-se mergulhar mais no interior da linguagem, com o auxílio da equipagem teórico-metodológica da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), advinda da teoria social da linguagem proposta por Halliday (1994), e ampliada em Halliday e Matthiessen (2004 e 2014), iluminarão nosso caminho. Em seguida, anoro em uma espécie de ilha nas terras da LSF, denominada Sistema da Avaliatividade (SA), guiada à luz de Martin e White (2005). Por último, como quarta

seção, apresento algumas considerações registradas no diário de bordo, instrumento utilizado durante o percurso do estudo ora apresentado.

No Capítulo 3 – CAMINHO NÁUTICO DA PESQUISA – detalho o caminho percorrido na viagem. Apresento e caracterizo os atores sociais, bem como as ferramentas que auxiliaram na geração de dados. O capítulo envolve oito seções. A primeira concerne à definição de pesquisa qualitativa, enquanto a segunda explicita o que considero como “netnografia”. Em seguida, são caracterizados também os princípios básicos de uma netnografia e a posição do pesquisador frente ao campo de pesquisa. Na terceira subseção, apresento as questões de pesquisa e na quarta discutimos a ética do trabalho netnográfico. A quinta seção trata do *corpus* de investigação e na sexta caracterizo o perfil dos participantes. Na próxima seção, apresento os procedimentos de coleta/ geração dos dados. Encerro o capítulo com algumas implicações.

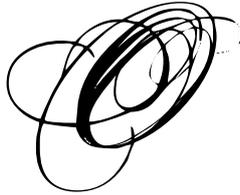
No Capítulo 4 – O BAÚ DO TESOURO – exploro a riqueza escondida nos dados coletados. Nesta parte, analiso cada pista linguístico-discursiva: a primeira, atrás das produções de textos; a segunda, nos dados da internet e a terceira nas entrevistas. Ao juntar todas as informações, vislumbro o grande tesouro.

Na última parte – A CHEGADA – chega-se fim do nosso cruzeiro, etapa em que são apresentadas as considerações relevantes sobre o trajeto percorrido e algumas implicações durante o percurso que nortearão futuras viagens.

Vamos zarpar?

CAPÍTULO 1

1 MARINHEIROS, LEVANTAR ÂNCORA!



foco deste capítulo configura uma navegação sobre a juventude, a pobreza e a inclusão digital. Na primeira seção, são apresentadas algumas características da adolescência, que ao longo do trabalho serão retomadas mediante comparação com os dados selecionados para o estudo, em termo de interação e identidade dos jovens na internet. A segunda apresenta uma breve caracterização da pobreza. A terceira seção oferece uma visão sobre a inclusão digital, ao mesmo tempo em que se busca explicitar o que vem a ser a inclusão e digital no âmbito social e escolar. A seção terceira subdivide-se em internet e redes sociais, esclareço o que são redes sociais em tempo de internet e discorremos sobre algumas redes mais utilizadas atualmente por jovens. Assim, pretendo: construir um panorama de quem são os atores sociais desta pesquisa; apresentar considerações importantes sobre a pobreza e a inclusão digital; descrever as redes sociais de relacionamento, foco desta pesquisa, em especial o *Facebook*. Serão apresentadas ainda algumas considerações preliminares.

1.1 Adolescência

Em termos etimológicos, a palavra adolescência (originária do latim *adolescencia*) encontra-se vinculado ao período da vida humana que sucede à infância. A adolescência coincide com a puberdade, e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas (FERREIRA, 1986). Em termos legais, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência é determinada pela faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos. E essa referência temporal serve de parâmetros para criação de leis e programas que asseguram os direitos desta população que configura como “um período de passagem para a fase adulta, caracterizando-se pelas mudanças e adaptações das capacidades no âmbito produtivo e reprodutivo”, como esclarece Conti (2008, p. 241).

A adolescência pode ser caracterizada por uma etapa de metamorfose, seja nas transformações corporais, dado o seu início com o estirão dos jovens, seguido de mudança de voz (no jovem menino), seja nas mudanças de comportamento, tais como explosão da sexualidade entre outras. Transformações comportamentais aparecem em um “continuum”

que se estende desde a rebeldia, o isolamento passando por apego exagerado a um grupo, até estados de depressão ou euforia, além de novas formas de vestir e de falar. Essas transformações incidem em suas relações sociais e familiares, daí o conceito cultural de adolescência ser associado à ideia de problema o que é denominado popularmente como o período de “aborrescência” (aborrecimento+adolescência). No entanto, cabe aqui ressaltar que a adolescência é marcada pela tomada de consciência de um novo espaço no mundo, a busca do “eu” (ERIKSON, 1987). Parece que a busca de um espaço para próprio “ego” gera uma crise de identidade interior para os adolescentes em situação de pobreza, que acarreta angústias, agressividade ou passividade/ anulação, dificuldades de relacionamento.

1.2 Pobreza

O conceito de pobreza é extremamente complexo, uma vez que pode ser compreendido a partir de um contexto social, político, cultural ou histórico, bem como estar associado a questões ideológicas ou religiosas. Nível baixo de renda ou consumo, subdesenvolvimento humano, exclusão social, falta de recursos, privação são algumas terminologias associadas ao conceito de pobreza.

Para Crespo e Gurovitz (2002), o conceito pode ser visto levando uma visão subjetiva do indivíduo (juízo de valor) de forma relativa ou absoluta.

A percepção da pobreza como conceito relativo é uma abordagem de cunho macroeconômico. [...] tem relação direta com a desigualdade na distribuição de renda. É explicitada segundo o padrão de vida vigente na sociedade que define como pobres as pessoas situadas na camada inferior da distribuição de renda, quando comparadas àquelas melhor posicionadas. O conceito de pobreza relativa é descrito como aquela situação em que o indivíduo, quando comparado a outros, tem menos de algum atributo desejado, seja renda, sejam condições favoráveis de emprego ou poder. [...] O enfoque absoluto na conceituação da pobreza se observa quando da fixação de padrões para o nível mínimo ou suficiente de necessidades, conhecido como linha ou limite da pobreza, determinando a percentagem da população que se encontra abaixo desse nível. Esse padrão de vida mínimo, apresentado sob diferentes aspectos, sejam nutricionais, de moradia ou de vestuário, é normalmente avaliado segundo preços relevantes, calculando a renda necessária para custeá-los. (CRESPO e GUROVITZ, 2002, p. 3)

Segundo os autores, foi a partir desses conceitos que surgiram três concepções para a definição de pobreza ao longo do século XX. O primeiro estágio entendia que a pobreza estava relacionada à questão de não ter o rendimento suficiente para sobrevivência. No segundo momento, a pobreza foi associada à ausência de necessidades materiais. De acordo com Silva

(2008, p. 273) “a pobreza material pode ser definida como uma situação em que as necessidades básicas não são atendidas de forma adequada, tais como habitação, alimentação e vestuário entre outras como: água potável, alimentação, vestuário, saúde, educação”. Muitos órgãos internacionais tiveram essa concepção como medida de pobreza na década de 70.

Por último, e mais complexo, está o conceito de pobreza associado à privação relativa. Nessa concepção, ser pobre vai além da renda e ela pode ocorrer em qualquer momento da vida. Um dos principais formuladores desse conceito é o indiano Amartya Sen, ganhador do prêmio Nobel de Economia (1999), que define a pobreza como uma “*privação de capacidades*”. A teoria de Sen (2000) associa a condição de pobreza à falta de liberdades básicas que as pessoas podem desfrutar. Baseado na teoria de Amartya Sen, Costa (2008, p. 23) em seus estudos sobre vulnerabilidade e exclusão social o seguinte:

Como se sabe, a liberdade é hoje universalmente reconhecida como um direito humano fundamental. Nestas condições, o relacionamento da pobreza com a liberdade leva-nos a concluir que, pelo menos enquanto negação da liberdade, a pobreza configura uma situação de negação de direitos humanos fundamentais... A relação da pobreza, em geral, e da fome, em particular, com a liberdade também serve para mostrar que a privação, mesmo quando seja apenas na forma elementar de privação alimentar, não é apenas material. Repercute-se noutras formas de necessidades humanas, materiais e imateriais.

Para Silva (2008), a pobreza é uma questão social. E esta pode ser caracterizada como:

conjuntos de problemas de uma dada sociedade, que se interceptam nas esferas dos âmbitos: econômico, político e social. No âmbito político, a questão social aparece sempre mesclada por práticas sociais e discursos contraditórios e, em decorrência do caráter antagônico das estruturas social e econômica, o consenso absoluto, sobretudo com relação ao pensamento e práticas hegemônicas, torna-se, então, ilusório (SILVA, 2008, p. 270)

Segundo a autora, a desigualdade econômica e a exclusão são conceitos que se encontram imbricados à questão de pobreza e, portanto, a uma questão social.

1.3 Inclusão digital

A inclusão digital está relacionada ao processo de democratização do acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), de forma a permitir a inserção de todos na

sociedade da informação. Faz parte do conceito de inclusão digital o acesso à informação que está nos meios digitais.

[...] a inclusão digital deve ser vista sob o ponto de vista ético, sendo considerada como uma ação que promoverá a conquista da “cidadania digital” e contribuirá para uma sociedade mais igualitária, com a expectativa da inclusão social. É possível, portanto, formular uma base conceitual para inclusão digital, com fundamento no espírito de ética universal. (SILVA, *et al.*, 2005, p. 30)

A inclusão digital é parte do fenômeno informacional da chamada sociedade de informação. O fundamento principal da inclusão digital é que todas as pessoas, principalmente as de baixa renda, possam ter acesso à informação que está *online* e a partir daí transformar em tais conhecimentos em ações que permitirão melhoria da qualidade de suas vidas. Segundo Castells¹(1999, p. 51):

o que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas aplicação desses conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso.

Vivenciamos, nas últimas décadas, a Era Informacional que, para o referido autor, se caracteriza pela rapidez com que o conhecimento é propagado e a facilidade de acesso. Na revolução das tecnologias da informação e da comunicação, “a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo” (CASTELLS, 1999, p. 51) Nessa perspectiva, temos que a inclusão digital contribui para a construção de conhecimento com liberdade.

1.3.1 Internet

A palavra internet tem origem inglesa e é a junção de inter (internacional) + net (rede), ou seja, é um conjunto internacional de rede e surgiu no fim do século XX. Conforme relata Souza (1999, p. 139):

A internet surgiu no final da década de setenta nos Estados Unidos, a partir de uma pequena rede de computadores. Quatro sites estavam conectados,

¹ Manuel Castell Olívan é um sociólogo espanhol, autor da triologia: A era da informação: economia, sociedade e cultura.

permitindo que o usuário de um se comunicasse com os outros três. Um conjunto de instruções, ou protocolo, foi desenvolvido para “quebrar” os arquivos em arquivos menores, o que permitia transmissões mais confiáveis. Esse protocolo recebeu o nome de *Internet Protocol* (IP). Mais tarde, um segundo protocolo, chamado *Transmission Control Protocol* (TCP) foi criado para garantir que os arquivos quebrados, os pacotes, não só fossem mandados, mas também chegassem com segurança e na ordem certa na máquina-destino.

Nesta pesquisa, além do termo internet, a nomenclatura ciberespaço será utilizada nos seguintes termos:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o **universo oceânico de informações** que ela abriga, assim como os seres humanos. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17, grifo nosso)

Ainda cabe esclarecer, o conceito de virtual que sempre é associado à internet. Lévy (1996, p. 16) sugere que “o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual”. Para o autor, virtual e real estão estreitamente interligados, pois o virtual será uma adequação da realidade, uma releitura do que ocorre em nossa sociedade. Porém, nem todos os relatos do mundo virtual são traços da realidade e vice-versa.

Enquanto pesquisa, a internet pode ser: o objeto, ou seja, aquilo que se estuda; o local da pesquisa, quando se trata do ambiente onde a pesquisa é realizada; ou o instrumento de pesquisa, sobretudo, quando a internet configura uma ferramenta para coleta de dados sobre um assunto. Nesta dissertação, a internet é usada como campo e instrumento para gerar dados.

1.3.2 **Redes sociais**

Ao iniciar esta pesquisa dentro das redes sociais, torna-se necessário fazer uma distinção do que seja rede social e mídia social. Cabe destacar, já de início, as explicações de Mattar (2013, p. 28) para quem:

Redes sociais existem na verdade desde que os seres humanos começaram a se relacionar. Entretanto, o desenvolvimento da internet permitiu que as pessoas se conectassem *online* de novas e diversas maneiras. Redes sociais na *web* seriam caracterizadas, portanto, pelas conexões entre pessoas em ambientes virtuais. Esses ambientes virtuais são o que muitos autores

chamam de softwares de redes sociais, uma tecnologia da Web 2.0. (MATTAR, 2013, p. 28)

Observe-se que o termo rede social (*relationship site*) refere-se a relacionamento de pessoas em um grupo socialmente organizado, que se comunica em ambientes específicos e com afinidades comuns. A expressão “rede” que constitui um empréstimo metafórico que delimita esse grupo. Por outro lado, o termo social concerne à conexão entre pessoas, como bem observa Recuero (2011, p. 24).

Uma rede é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões.

Segundo Castells (1999, p. 497),

as redes constituem a nova morfologia de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social.

A metáfora de rede remete, ainda, a outra distinção importante entre rede social e mídia social. Enquanto aquela necessita de uma interação entre pares e/ou no grupo a que está inserida; esta não se faz necessário a interação. Resulta que o termo mídia social (*new media*) abarca o meio pelo qual se dão essas relações da rede social. Refere-se ao ambiente, ao meio de comunicação onde ocorrem as interações sociais das redes, também entendida como o “veículo social”. As pessoas podem se comunicar individualmente, mas não entre si. É relevante salientar que não há rede social (virtual) sem uma mídia social. Porém, pode ocorrer o fato de pessoas utilizarem as mídias sociais sem fazerem uso de uma rede social, uma vez que há espaços na web para postagens individuais que não permitem a interação entre atores. Aprecie na Tabela 1.

Tabela 1 - Formas de comunicação em Rede Social

Tipo	Rede Social
Relacionamento	<i>Facebook</i> (facebook.com) <i>Twitter</i> (twitter.com) Google+ (plus.google.com)
Vídeo	<i>Youtube</i> (youtube.com) Vimeo (vimeo.com) Vine (vine.co)
Imagem	<i>Instagram</i> (instagram.com) Flickr (flickr.com) Pinterest (pinterest.com)
Conversação	Whatsapp (whatsapp.com) Skype (skype.com) Snapchat (snapchat.com) Professional LinkedIn (linkedin.com)
Música	Last.fm (last.fm) 8tracks (8tracks.com) Spotify (spotify.com)
Geolocalização	Foursquare (foursquare.com) Swarm (swarmapp.com) Yelp (yelp.com) Waze (waze.com)
Educação	Brainly (brainly.com.br) Mendeley (mendeley.com)
Aprendizado de idiomas	LiveMocha (livemocha.com) Duolingo (duolingo.com) Busuu (busuu.com)

Fonte: Marketing na era digital de Martha Gabriel(2010, p. 196)

Pela Tabela acima, podemos observar que existem diversas redes sociais, umas mais conhecidas do que outras. Algumas se destinam ao entretenimento, como o *Facebook*² e o Google+, e agregam espaços para trocas de informações, conversas, compartilhamento de imagens e outros links. Devido à diversidade em seu espaço, o *Facebook* é uma das redes mais utilizadas na atualidade. Segundo, Ribeiro (2014), a vitalidade dependem exclusivamente do interesse e da interação entre os participantes, pois caso contrário, as pessoas abandonam a rede e migram para outras que melhor atendem suas demandas.

As redes sociais online são a grande revolução do momento. Em reportagem publicada no Estadão datada de 23 de janeiro de 2013, mostra que o somente no Brasil um terço da população tem *Facebook*. Este número chega a 64,8 milhões de usuários e torna o país o

² Doravante, usarei o vocábulo *facebook* em letra minúscula, uma vez que não me refiro à rede, mas à ferramenta como meio de obtenção de dados.

segundo no ranking de usuários no mundo. Os dados são da Socialbakers, empresa de estatísticas sobre mídias sociais.

As redes sociais têm uso massivo no mundo e isso traz consequências na habilidade das pessoas, no jeito que a informação circula na pós-modernidade, nas construções de valores e dentre outros. Dentro do *Facebook*, nos encontramos muito mais próximos das pessoas que em outro espaço. Há uma representação do indivíduo ou de uma instituição através do autor.

As redes, segundo Mattar (2013, p.26) “são constituídas por atores (ou nós) e por um conjunto de laços que conectam esses nós.” Essas conexões são diferentes nas redes *offline* e muito maiores também. Nas redes *online* adicionamos amigos distantes, de longas datas, pessoas que nos relacionamos poucas vezes, admiradores. Às vezes essas ligações são feitas por área de estudo, habilidade artística, culinária. Muitos grupos são formados por afinidade, outros por área de conhecimento. O fim do relacionamento contemporâneo é ser bloqueado no *Facebook*. Vale lembrar, o site de redes sociais é quem mantém as relações, por isso elas se conservam por mais tempo.

Em Mattar (2013) encontramos a citação de Granovetter que explora a força dos laços como uma espécie de combinação de quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (de confiança mútua) e serviços recíprocos que caracterizam um laço.

“Num sentido amplo, redes sociais são associações entre pessoas conectadas por diversos motivos, em que as pessoas são afetadas pelas próprias conexões com outras pessoas. A análise de redes sociais, entretanto, não se limita a explorar seus indivíduos e atributos, mas pode incluir as relações entre os indivíduos (como no caso dos laços) ou mesmo entre diferentes redes, em um ambiente amplo, além da própria tipologia das redes.” (MATTAR, 2013, p. 27)

Como se pode observar, os sites de rede social impactaram profundamente as formas de conversar. Vejamos, ainda que de maneira sucinta, algumas redes sociais.

1.3.2.1 Facebook

O *Facebook* (face = cara; book = livro, “livro de caras”) é uma rede social que permite, dentre outras coisas, postar mensagens e imagens. Foi fundado em 2004 por Mark Zuckerberg no intuito de reunir, em um mesmo espaço virtual, estudantes da Universidade de Harvard. Aos poucos o *Facebook* ganhou espaço em outras universidades e de repente o

mundo. Atualmente é a maior plataforma digital, com mais de 1 bilhão de usuários e lidera o ranking das redes sociais digitais em mais de 85% dos países do mundo inteiro.

O acesso à plataforma é gratuito e o usuário pode postar textos, links, imagens e vídeos em seu perfil. Estas postagens são distribuídas aos seus amigos e usuários que seguem seu perfil (KIRKPATRICK, 2012, p. 39). No centro da página inicial no *Facebook*, aparece o "feed de notícias", onde o usuário acompanha as atualizações dos seus amigos, assim como os links que eles divulgam, os vídeos, as notícias etc. Ao receber um *post* de outro usuário é possível "Curtir" (para demonstrar que gostou do conteúdo), "Comentar" e/ou "Compartilhar". Da mesma forma, o que você divulgar no campo "O que você está pensando", pode aparecer no "feed de notícias" deles.

Segundo Castro (2011b), é possível configurar o *Facebook* para manter privacidade de tudo é publicado pelo usuário, com exceção das informações básicas e da foto do perfil. O bate-papo possibilita a conversa em *online* em tempo síncrono. Há também alguns aplicativos do *Facebook* que permitem criar eventos, fazer listas de vídeos, integrar o que publicar no *Twitter* e no *Youtube*.

1.3.2.2 Twitter

O *Twitter* é uma rede social que permite aos seus usuários enviarem e receberem mensagens curtas de apenas 140 caracteres em cada postagem, essa postagem recebe o nome de *tweet*. O *Twitter* foi criado em 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass que queriam compartilhar entre eles comentários gerais sobre suas rotinas.

Castro (2011a), a palavra *Twitter* surgiu do verbo "to *twit*" que em português significa o ato das aves de gorjear, cantar notas rápidas. Daí o nome da rede social que tem a função da "emissão de sons curtos". As mensagens publicadas no *Twitter* são conhecidas por tuítes (*tweets*), e a ação, tuitar. Outro verbo que nasceu com o *Twitter* é o retuíte. Essa palavra se refere à replicação de uma mensagem para sua lista de seguidores, dando o crédito para pessoa que a escreveu. Para ver quais mensagens suas foram retuitadas, o que você retuitou e o que outros têm retuitado, clique em "*Retweets*".

Cada rede é composta pelos seus seguidores (*followers*) e pelas pessoas que você segue (*following*). O *Twitter* possui algumas características peculiares, dentre elas podemos citar: o **Arroba** (@) – o uso do @ junto do nome da pessoa cria rastreadores e é possível saber através da lista "*@Mentions*" se o usuário foi mencionado em alguma postagem; o **Hashtag** (#) - O símbolo #, chamado de *hashtag*, é utilizado para classificar assuntos em cada *tweet*

postado e a partir daí, marcar sua relevância nos comentários na rede; o **TTs** (**Trending Topics** ou **Trends**) – em português significam tendências, é utilizado para destacar os assuntos do *Twitter* mais comentados do momento, serve como medidores de popularidade de um fato ou de um termo. Essa classificação pode ser feita pela cidade em que o usuário se encontra, pelo país ou geral.

1.3.2.3 Youtube

Criado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, o *Youtube*, é a rede social de compartilhamento de vídeos. No *Youtube* é possível: curtir o vídeo assistido; assinar canais de sua preferência; compartilhar o vídeo em diversas redes sociais digitais; ativar legendas nos vídeos; o incorporar o vídeo em sites ou blogs; o criar *playlist* com diversos vídeos; consultar o histórico de vídeos já assistidos; disponibilizar vídeos; editar vídeos diretamente na própria plataforma; pesquisar vídeos, entre outros.

1.3.2.4 Ask.fm

O *Ask.fm* é uma rede social de perguntas e respostas onde é possível participar anonimamente ou não, seja com pessoas conhecidas e também desconhecidas. De acordo com Oliveira (2013), a rede é um sucesso e conta com mais de 1 milhão de visitas diárias. Nesta rede social, o usuário pode fazer perguntas de até 300 caracteres para qualquer outro usuário e pode divulgar suas respostas em outras redes sociais. Quem pergunta pode se identificar ou não. E quem foi inquirido, cabe aceitar responder ou não. Também é possível excluir uma pergunta, ou respondê-la com gravação de vídeo.

1.3.2.5 Tumblr

O *Tumblr* é um sistema gratuito de blogs e rede social em que usuários postam links, textos, imagens, vídeos e áudio. O principal diferencial do *Tumblr* para outras redes é a possibilidade do usuário criar, gostar, responder e reblogar postagens mesmo quando não estiver conectado. Como o *Facebook* e o *Twitter*, os usuários podem seguir outros perfis e acompanhar as atualizações das páginas de seus amigos. Normalmente, as mensagens postadas no *Tumblr* são curtas.

1.3.2.6 Whatsapp

O *Whatsapp* é um aplicativo de envio de mensagens gratuito utilizado nos celulares. O programa permite o envio de imagens, vídeos e outros arquivos além de mensagens de textos. Para compartilhar informações é necessário que os usuários o programa instalado no *smartphone* ou *tablet*. Para tornar as conversas mais divertidas, há a possibilidade de adicionar *emoticons* nas conversas. O ponto forte do serviço é a opção de criação de grupos de conversa o que possibilita reunir familiares, amigos ou colegas mesmo estando em locais diferentes até o limite 100 usuários por grupo.

1.3.2.7 Instagram

O *Instagram* foi criado por Kevin Systrom e Mike Krieger e lançado em outubro de 2010. O *Instagram* é uma rede social para compartilhamento de fotos e vídeos conhecida mundialmente. O programa é gratuito e permite editar, aplicar filtros e compartilhar fotos e vídeos do celular para outras redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Tumblr*, dentre outros. No *Instagram*, os usuários podem curtir e comentar as fotos postadas. O uso de *hashtags* (#) permite o rastreamento de imagens relacionadas a um mesmo tema.

1.4 Algumas considerações

Neste capítulo, foram apresentadas não só as tecnologias no ensino, mas, sobretudo, os conceitos principais que circundam o estudo voltado para adolescência, pobreza e inclusão digital. São definições, deveras, muito complexas. Em cada livro e artigo pesquisados, há conceitos que dependem de um contexto, uma situação, um ângulo de estudo. Procurei determiná-los sob o ponto de vista social. Pode-se afirmar que as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade atualmente têm transformado a cultura e as formas de relações entre as pessoas, sobretudo, os mais jovens. E isso é comprovado com o número de redes sociais virtuais que se criam, bem como o número de acessos diários. As pessoas estão cada dia mais conectadas nas redes, seja para se comunicar ou para trocar mensagens. Trata-se de um fenômeno de interação social que se renova a cada dia com a tecnologia. E isso não passa de largo entre adolescentes, o que inclui, de modo especial, aqueles que vivem em situação econômico-social menos favorecida.

CAPÍTULO 2

2 OS FARÓIS DA NAVEGAÇÃO



Este capítulo encontra-se dividido em quatro seções nas quais se busca apresentar e discutir os pressupostos teóricos da dissertação. A primeira seção concerne aos fundamentos da exterioridade da linguagem (o discurso), sob o foco da Análise de Discurso Crítica (ADC) - ramificação da Linguística e proponente de uma análise linguisticamente orientada. Uma discussão teórica com base nos significados acionais representacionais e identificacionais, propostos por Fairclough (2003), balizam essa parte. Na segunda seção, apresento alguns pressupostos teóricos da interioridade da linguagem (a gramática) sob a visão da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), no que se referem às metafunções ideacional, interpessoal e textual da linguagem. A terceira seção volta-se para o sistema de avaliatividade, para a análise do uso da linguagem sob o aspecto da afetividade. A articulação proposta com a LSF se coaduna com necessidade de a ADC utilizar uma teoria gramatical que relacione cada uso de linguagem aos seus contextos de cultura e de situação. A quarta seção é dedicada a considerações preliminares.

2.1 Pressupostos teóricos

A pesquisa aqui apresentada ancora-se, de um lado, no arcabouço teórico-metodológico linguístico da Análise de Discurso Crítica proposta por Fairclough (2003) e, de outro, na Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (2004). De acordo com Silva (2006, p. 933):

o principal marco de referência para um enfoque da análise textual na dimensão crítica é cada vez mais balizado pela Linguística Sistêmico-Funcional, sobretudo pelo enfoque de Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004) concernente à relação entre os processos de transitividade da linguagem e outros elementos e aspectos da vida social.

Uma vez que esta pesquisa objetiva identificar traços da identidade dos adolescentes e, de modo específico, representações linguístico-discursivas patentes na gramática da experiência dos envolvidos, buscar-se-á analisar os componentes da transitividade, ou seja,

processos linguísticos e outros elementos discursivos, tais como atores, participantes dos processos verbais propriamente ditos, responsáveis por aspectos circunstanciais e, sobretudo, beneficiados, ou afetados, por mudanças em suas práticas discursivas. Complemento o estudo com os parâmetros do sistema da Avaliatividade, com destaque no subsistema de atitude. O subsistema de atitude concerne à avaliação que o falante faz das coisas, do caráter do indivíduo e dos seus sentimentos. Esse subsistema tanto pode ser atribuído ao próprio falante, no caso, adolescentes, quanto a outros participantes do discurso para avaliar coisas e fenômenos, conforme será explicitado no capítulo analítico³.

2.2 Exterioridade da linguagem

As práticas sociais e a linguagem constituem e interferem no sistema de uma sociedade. Os aspectos socio-históricos e culturais da vida humana são materializados, primordialmente, em usos diversos da linguagem. As relações sociais são concretizadas por usos distintos da língua. A linguagem tem sido concebida como a responsável entre o homem e a sociedade.

A ADC estuda as interações sociais a partir da análise de textos. Fairclough (2001) considera o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade individual. Esta ideia faz repensar a linguagem como discurso, isto é, uma prática ativa que altera o mundo e altera os indivíduos no mundo e influencia a estrutura social. Segundo Fairclough (2001, p. 91), “o discurso contribui para construção de identidades sociais, para a construção de relações sociais entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimentos e crenças.” Esses efeitos construtivos correspondem a três funções da linguagem e a dimensões de sentidos que o autor denomina de linguagem identitária, relacional e ideacional.

Na explanação de Silva (2013 p. 88-89):

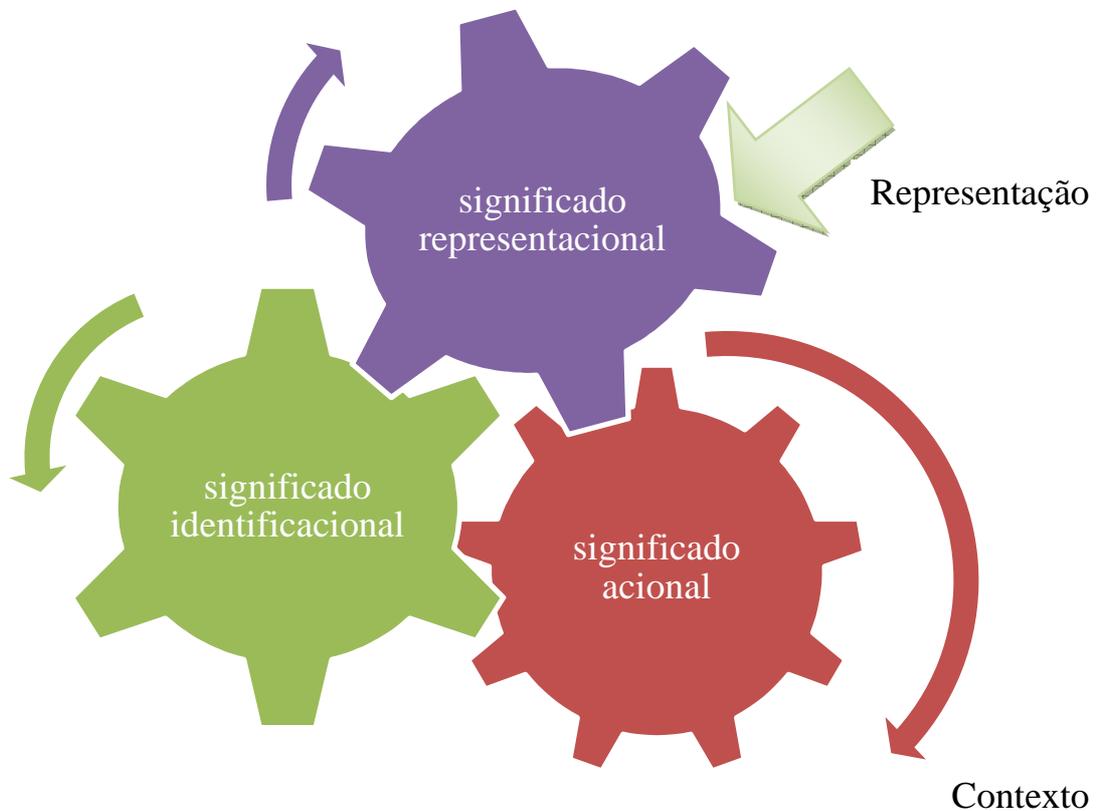
No que concerne à análise de textos em termos dos significados do discurso, sobretudo, na interface entre *ação* e *gêneros*, *representação* e *discursos*, bem como entre *identificação* e *estilos*, Fairclough (2003, p. 28) comenta a necessidade de uma perspectiva social detalhada. Para tanto, o autor aproxima a tríade de ordens do discurso, ligadas a práticas sociais, a três eixos assinalados por Foucault (1994:318), no que concerne à relação dos sentidos da linguagem, o que pode ser sintetizado da seguinte maneira:

³Devido ao uso corrente e recorrente de expressões avaliativas na linguagem dos jovens, decidiu-se trabalhar com categorias analíticas complementares.

- significados acionais (gênero) implicam relação de controle sobre os outros (eixo do poder) – o que envolve as funções interpessoal e textual da linguagem como *ação*;
- significados representacionais (discurso) implicam relação de controle sobre as coisas (eixo do conhecimento) – o que envolve a função ideacional da linguagem como *representação*;
- significados identificacionais (estilo) implicam relação do indivíduo consigo mesmo (eixo da ética) – o que envolve também a função interpessoal da linguagem como *identificação*.

Sempre de acordo com as explicações de Silva (2013), sugere Fairclough (2003) que os três elementos de ordens do discurso (gêneros, discursos e estilos) podem ser vistos como organização e controle da variação linguística, sobretudo, quando enfocados como práticas sociais. Tais elementos encontram-se atrelados aos significados da linguagem em curso.

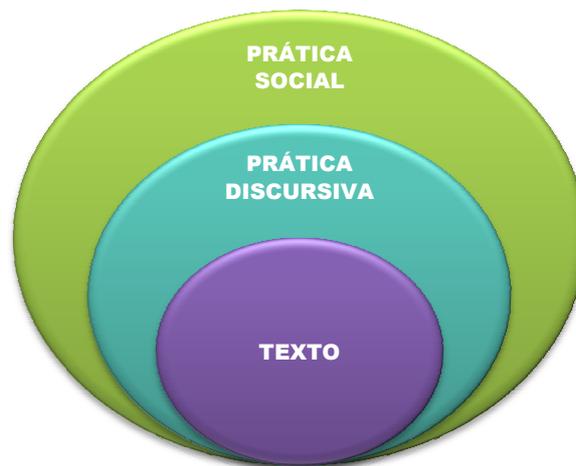
Figura 1 - Significados da linguagem em curso (dis+curso)



Fonte: Adaptado de Silva, em aula ministrada na disciplina Análise de Discurso, Gramática e Contexto Social no segundo período de 2014.

Na Figura 1, é possível observar o funcionamento do discurso na metáfora da engrenagem no qual os significados (a função da linguagem) se movimentam simultaneamente, ocorrem entrelaçados. A linguagem tem os significados que, como em uma engrenagem, articulam-se. O significado acional implica uma relação social entre alguém que sabe e alguém que não sabe. Essa relação resulta em “ação com os outros” e com o poder que é exercido sobre os outros. São os modos de agir. No significado acional, o texto sempre é materializado em algum gênero. No significado representacional, aparecem os modos pelos quais os textos significam no mundo e seus processos, entidades e relações. E no significado identificacional estão as marcas nas quais as identidades sociais aparecem no discurso. Análise de Discurso Crítica (ADC) configura uma concepção de estudo da língua que abarca meio público onde é manifestada, por quem e como. Fairclough (2001) propõe uma análise tridimensional do discurso, o que é representada na Figura 2.

Figura 2 - Modelo tridimensional da linguagem



Adaptação da proposta de análise tridimensional (FAIRCLOUGH, 2001)

Para Fairclough (2001, p. 22), qualquer evento discursivo é “considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social”. Portanto, a Análise de Discurso Crítica deve ocorrer sob três dimensões:

Figura 3 - Dimensões de análise de discurso crítica



Fonte: Esquema adaptado de Moreira (2007, p. 29)

A análise textual, primeira dimensão do quadro tridimensional proposto por Fairclough, recorre à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1978, 1994) como principal referência teórico-metodológico para análise de texto, o que será focado a seguir.

2.3 Interioridade da linguagem – Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta pelo estudioso britânico Michael Alexander Kirkwood Halliday, constitui uma teoria do funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico. Por outro lado, como bem observa Gouveia (2009, p. 14), “trata-se de uma teoria de descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso”. Por outro lado, Fairclough (2003, p. 5) considera a LSF como “um valioso recurso para análise de discurso crítica”, uma vez que essa teoria “está profundamente preocupada com a relação entre a língua e outros elementos e aspectos da vida social”.

O texto é a unidade básica de análise da LSF e o contexto onde é produzido estabelece uma rede de significados. De acordo com Halliday (1994), o contexto precede o texto, constitui um dos pontos de partida da gramática sistêmico-funcional que se propõe a investigar as escolhas, bem como os propósitos que os falantes querem expressar.

De acordo com Silva (2009, p. 722),

Na perspectiva da LSF, enquanto a função constitui uma propriedade fundamental da linguagem, a gramática pode ser compreendida como sistema de opções disponíveis na língua, sendo que o falante ou escritor realiza suas escolhas dentro desse sistema, sempre num contexto de situação social de fala ou de escrita, de modo que “um simples enunciado contextualizado, veiculado em uma oração, permite-nos aproximar do lado funcional da linguagem”

Halliday desenvolveu a LSF na intenção de que se observe o sistema da língua e as suas funções em simultâneo, olhar para a língua de todos os possíveis modos. Segundo o autor, o texto está inserido em dois contextos: de Situação e de Cultura. O Contexto de Situação se refere ao ambiente imediatamente ligado ao texto. Dependendo do Contexto de Situação em que o enunciado for usado ele terá diferentes interpretações. O Contexto de Cultura está ligado à noção de propósito social e se refere às práticas culturais dos países, dos povos e às práticas institucionalizadas em igrejas, escolas, comunidades, instituições.

Figura 4 - Texto em contexto



Fonte: Adaptado de Halliday (2004)

Halliday (1989, p 12) descreve o Contexto de Situação em três variáveis: Campo – que se refere à atividade, objetivo, finalidade nos qual os participantes estão envolvidos; Relações – que tratam dos participantes na situação, sejam eles falantes/ autor, ouvinte/ leitor, participante no texto ou distância social; e Modo – se refere à função que a linguagem exerce e o veículo utilizado.

Para cada Contexto de Situação observado por Halliday, foi estabelecida uma metafunção ao uso da língua.

Tabela 2 - Variáveis do contexto situacional e metafunções da linguagem

Variáveis do contexto		Metafunções da linguagem
Campo	↔	Ideacional
Relações	↔	Interpessoal
Modo	↔	Textual

De acordo com a Tabela 2, podemos observar três metafunções postuladas por Halliday (1994): ideacional (ou experiencial), interpessoal e textual. As metafunções encontram-se no estrato léxico-gramatical.

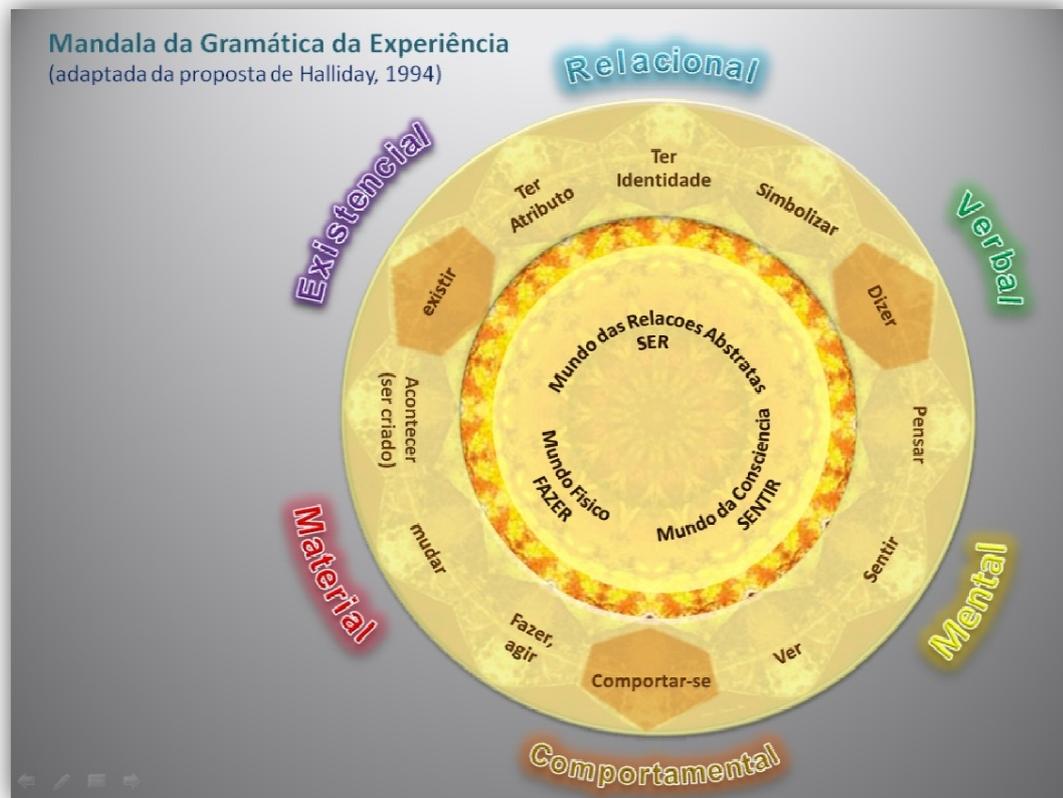
Fuzer & Cabral (2014) destacam que a interpretação funcional da estrutura gramatical é a multifuncionalidade e por isso cada componente corresponde a três tipos de coisas que estão relacionadas sistematicamente a um mesmo item gramatical.

2.3.1 Metafunção ideacional

Na metafunção ideacional, a língua representa nossas experiências cotidianas em relação ao mundo real: quem faz o quê, com quem e sob quais circunstâncias; e ao mundo interior de sua própria consciência, conforme lembra Silva (2003, p. 60). Halliday (1994) distingue dois componentes dentro da metafunção ideacional: o significado experiencial – que se manifesta através do sistema de transitividade; e o significado lógico – que se constroem em forma de paratáticas e hipotáticas, e nas relações lógico-semânticas.

Segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 41), “os processos constituem experiências, atividades humanas realizadas no mundo; representam aspectos do mundo físico, mental e social”. Para Silva (2013a, p. 91), “a função ideacional – como componente principal do significado no sistema linguístico – consiste, em parte, na expressão do conteúdo, da ‘gramática da experiência’ do falante/escritor”. Os processos representam aspectos do mundo físico (do fazer), ao mundo das relações abstratas (do ser), bem como ao mundo interior, cognitivo (do sentir). Observemos a Figura 2 a seguir.

Figura 5 - Mandala da Gramática da Experiência (SILVA, 2013a)



A Figura acima, caracterizada por Silva (2013a, p. 92) como *Mandala da Gramática da Experiência*, constitui “uma aproximação metafórica da energia emanada dos centros geradores de nosso mundo conceptual e linguístico”, o que é caracterizado, na proposta hallidayana, por seis tipos de processos: material, mental, relacional, comportamental, verbal e existencial⁴.

As orações, segundo Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004) se classificam de acordo com os diferentes tipos de processos: material, relacional, mental, verbal, comportamental e existencial. Os três primeiros processos citados – *materiais*, *mentais* e *relacionais* – são considerados básicos e os três últimos – *comportamentais*, *verbais* e *existenciais* – são considerados secundários, uma vez que se encontram mesclados, em termos de significado(s), justamente pela proximidade das fronteiras de sentido intercaladas pelos processos básicos.

Os processos MATERIAIS são os processos do “fazer” que constituem ações de mudanças externas, físicas e perceptíveis. Eles expressam a noção de que alguém ou alguma

⁴É importante salientar que para Halliday (1994) não há prioridade ou hierarquia entre os processos, e é por isso que os ordena mediante uma metáfora visual em forma um círculo e não uma linha como na imagem acima, representada por Silva (2013).

entidade “faz” algo. Nas orações materiais o participante pode ser: Ator (que pratica a ação), meta (que recebe o impacto da ação), escopo (não é afetado pelo processo material), beneficiário (participante que se beneficia de um processo material) ou atributo (que constitui em uma característica atribuída a um dos participantes da oração).

Os processos MENTAIS estão ligados à experiência interna, àquilo que experienciamos no mundo da consciência e da imaginação. As orações mentais mudam a percepção que se tem da realidade. São os processos do “sentir” e por isso envolvem, tipicamente, humanos. O participante do processo mental é denominado Experienciador. O que é pensado, sentido, percebido ou desejado denomina-se Fenômeno.

Os processos RELACIONAIS são utilizados para estabelecer uma relação entre duas entidades diferentes em termos de classificação e identidades. De acordo com Halliday, nas orações relacionais, há duas partes para o ‘ser’: algo é dito como ‘sendo’ outra coisa. Em outras palavras, uma relação está sendo estabelecida entre duas entidades separadas. Os processos relacionais são empregados em textos narrativos para a criação e descrição de personagens e cenários bem como em textos que estruturam conceitos.

Os COMPORTAMENTAIS são, em parte, similares aos materiais e, em parte, similares aos mentais. Representam comportamentos fisiológico e psicológico tipicamente humano, como: respirar, tossir, sonhar. O participante desse processo é denominado comportante. Os processos VERBAIS situam-se no limite entre o mental e o relacional. Representam processos do “dizer”. Os participantes das orações verbais são, tipicamente: dizente, verbiagem receptor e alvo. Os EXISTENCIAIS estão no limite entre relacional e material e se referem à existência, representam algo que existe ou acontece. O participante típico da oração existencial é o existente.

2.3.2 Metafunção Interpessoal

A metafunção interpessoal identifica nossas relações com o outro, seja como interação (negociação) ou como marca de nossa identidade (posicionamento/avaliação) criando laços de envolvimento interpessoal. Nesse sistema, a oração é vista como troca de informações ou de bens e serviços. Na troca de informação, aquilo que é trocado é a própria linguagem enquanto na troca de bens e serviços, o indivíduo usa a linguagem para influenciar o comportamento de alguém. A metafunção interpessoal é desempenhada pelo sistema de modo que é o recurso gramatical onde o diálogo se constrói mediante sucessivos movimentos de troca de turnos entre os participantes. No sistema de modo, a oração se organiza em dois componentes

básicos: o modo, que se constitui de dois elementos – sujeito e finito; e o resíduo, o “restante” da oração.

2.3.3 Metafunção Textual

A Metafunção Textual é responsável pela estruturação linguística, importante na construção coesa e coerente dos textos. Segundo Ghio e Fernández (2008, p. 114), a metafunção textual gera recursos para apresentar no texto os significados interpessoal e ideacional como uma informação organizada que pode ser trocada pelo falante e pelo ouvinte. Existem dois sistemas para organizar a informação em uma mensagem: o sistema temático (tema/ rema) e o sistema de hierarquização da informação (dado/ novo).

2.4 O sistema da avaliatividade

Em 2005, Jim Martin e Peter White desenvolveram o Sistema da Avaliatividade⁵(*Appraisal System*). Tal sistema se ocupa em identificar as escolhas semânticas por meio do qual o falante/autor assume um posicionamento dentro de um evento comunicativo, por isso está relacionado à metafunção interpessoal da linguagem, e instanciada por sentidos de Atitude, Engajamento e Gradação nos eventos comunicativos. Para Martin e White:

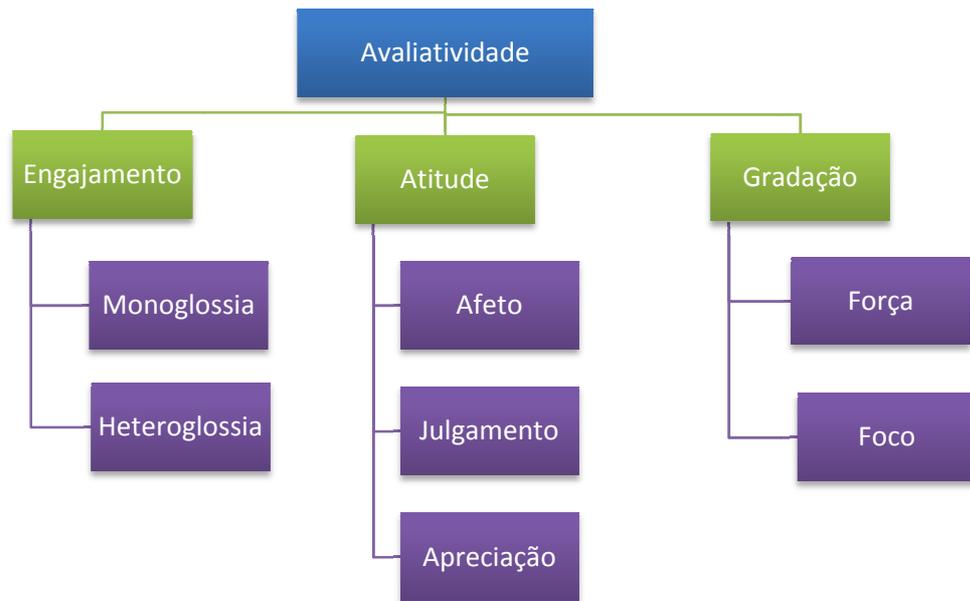
[...] a presença subjetiva dos escritores/falantes nos textos no que tange à adoção de posicionamentos relativos tanto ao material que apresentam quanto àqueles com quem se comunicam [...] Concerne à construção, por textos, de comunidades de sentimentos e de valores compartilhados, e aos mecanismos linguísticos atualizados para compartilhar emoções, gostos e avaliações normativas. A abordagem abarca também o modo pelo qual falantes/escritores constroem para si mesmos identidades autorais particulares ou pessoais, a maneira pelo qual se alinham ou desalinham em relação a respondentes reais ou potenciais e a forma pela qual constroem em seus textos uma audiência visada ou ideal. (MARTIN; WHITE, 2005, p. 01)

De acordo com Vian Jr. (2009, p. 100), as avaliações emitidas podem ser assimiladas ou não por nosso interlocutor, por esse motivo a avaliação que fazemos “não se trata de um universo textual, em nível léxico-gramatical, mas vai além disso: um universo extra-textual,

⁵ Assumo nesse trabalho a terminologia Sistema de Avaliatividade para a tradução de *Appraisal System*, conforme trabalho: O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação(2009) desenvolvido por Orlando Vian Jr, um dos estudiosos brasileiros na área de avaliatividade.

em nível semântico-discursivo”. Os subsistemas da avaliatividade compreendem: a atitude, que diz respeito a sentimentos, a julgamentos e a apreciações que o falante faz em relação ao mundo que o cerca; o engajamento, que se refere à adesão ou não do autor ao dizer do outro; e a gradação, que tem a ver com a intensificação ou a mitigação dos significados manifestados nos outros dois subsistemas. Vejamos na Figura 6 a estruturação do sistema da avaliatividade.

Figura 6 - Os recursos da avaliatividade



Fonte: Adaptado de Vian Jr (2009, p. 114)

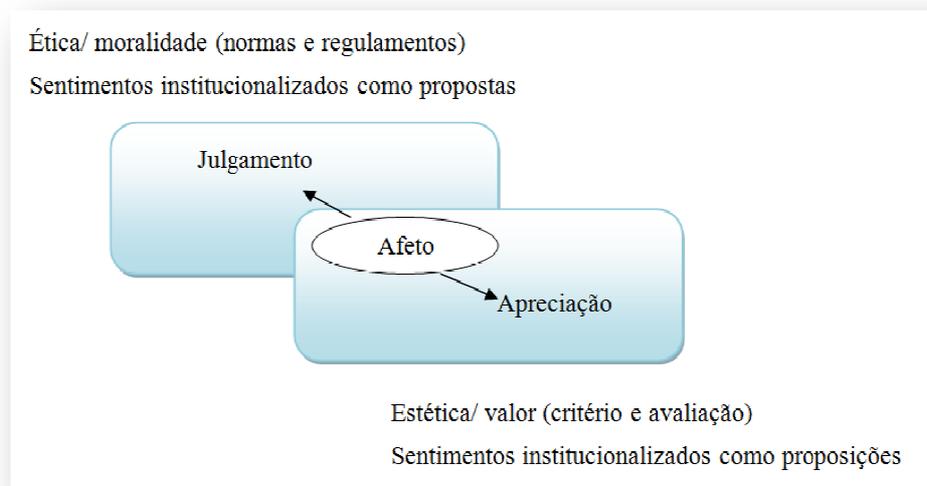
Neste trabalho, focar-se-á a atitude e a gradação. Cabe ressaltar aqui, que os termos gradação e engajamento sofreram mudanças. Em 2003, foram apresentados por Martin e Rose como atitude, amplificação (amplification) e fonte (source) (pp. 24-25). Dois anos mais tarde, Martin e White utilizam atitude, gradação (graduation) e engajamento (engagement) (pp. 37-38). Isto revela que o modelo do sistema de avaliatividade está em construção e apresenta avanços.

2.4.1 A atitude

Ao produzirmos um texto oral ou escrito, podemos emitir nossos sentimentos ou fazemos julgamentos em relação ao outro, bem como podemos apreciar coisas e objetos ao nosso redor. Disso trata o subsistema da atitude. A atitude está dividida em três subsistemas: afeto, julgamento e apreciação. O afeto é a sistematização de recursos semânticos no discurso que exprimem a emoção do autor/falante, é o “coração” das atitudes que expressamos. O julgamento refere-se às avaliações que fazemos a respeito do comportamento e caráter das

peças. E a apreciação utiliza-se de recursos interpessoais para expressar avaliações referentes a aspectos estéticos de objetos e coisas. Para Martin e White (2005), o julgamento e a apreciação começam em casa nos primeiros estágios de desenvolvimento linguístico da pessoa. O mecanismo de inter-relação entre afeto, julgamento, e apreciação pode ser visto visualizado na Figura 7 apresentada a seguir:

Figura 7 - Julgamento e apreciação como afeto institucionalizado



Fonte: Adaptado de Martin (2000, p. 147)

A Figura 7 resume o que Martin e White (2005, p. 45) consideram a estreita relação do subsistema da atitude, no qual o julgamento e a apreciação são nossos sentimentos institucionalizados e que nos levam para fora do nosso cotidiano de senso comum para os mundos de senso incomum compartilhados por valores da comunidade. Diante disso, o julgamento recria sentimentos no campo das propostas (bens e serviços) que se formalizam como normas e regulamentos administrados pela igreja e pelo estado. Enquanto a apreciação atua no campo das proposições (informações) sobre o valor das coisas – o que vale a pena ou não.

2.4.2 A gradação

O subsistema da gradação trata de utilizar recursos léxico-gramaticais para ajustar o “volume” ou grau de intensidade do julgamento, afeto ou apreciação (dentro do subsistema da atitude) e o “volume” da intensidade do posicionamento intersubjetivo (no subsistema do engajamento). A gradação, em língua portuguesa, ocorre um pouco diferenciado da língua

inglesa. Isso se dá principalmente quanto à ordem dos elementos no grupo nominal, como bem nos alerta Vian Jr (2009, p. 115).

A gradação se subdivide em força e foco e suas realizações incluem intensificadores, comparação superlativa, repetição e vários aspectos grafológicos e fonológicos. O subsistema força gradua qualidades (bonita, muito bonita, linda, “lindaaaaa”) e processos (gostar, adorar, amar). A gradação força pode ocorrer por meio de intensificação ou quantificação. A intensificação pode ocorrer através da fusão, no qual o grau de intensidade é incorporado por meio do léxico, como por exemplo: bonita, linda, maravilhosa, esplêndida; ou por isolamento, quando recorre ao uso de advérbios ou locuções adverbiais, como: muito linda, bastante linda; ou ainda por meio da repetição: linda, lindaa, lindaaaaaaa.

A gradação força por quantificação diz respeito à gradação de entidades, sejam elas concretas (jovens, computadores, celulares) ou abstratas (vícios, dúvidas). Martin e White (2005) identificam três modos de quantificação: **quantidade**, quando são utilizados numerativos quantitativos indefinidos, como: muitos, vários, poucos, alguns; **volume**, que se refere ao tamanho (pequeno, grande, largo, estreito) e **extensão** no tempo e no espaço por proximidade (perto, longe, recente e passado) ou por distribuição (duradora, curto prazo, difundida, esparsa).

No subsistema da gradação foco, são graduadas categorias semânticas prototípicas que em princípio não são graduadas (MARTIN e WHITE, 2005, p. 137). Exemplo: se tornar criança de verdade, eu realmente no mexo na internet.

No capítulo 4, serão detalhados os subsistemas da atitude e da gradação presentes no *corpus* desta pesquisa.

2.4.3 **O engajamento**

O engajamento compreende a articulação de vozes para expressar opiniões no discurso. O engajamento entende que toda interação prevê um posicionamento. Segundo Ninin e Bárbara (2013), o engajamento:

[...] se ocupa dos modos como a voz autoral posiciona-se em relação a outras vozes presentes no texto, procurando caracterizar diferentes perspectivas intersubjetivas disponíveis, ou seja, permitindo caracterizar o modo de adesão ou não do falante/escritor em relação às proposições no texto. (NININ e BARBARA, 2013, p. 129)

O subsistema do engajamento se divide em: monoglossia e heteroglossia. Por meio da monoglossia, o autor/falante bloqueia qualquer alternativa de questionamento ao criar um efeito de verdade sobre o que diz, “quando não se faz qualquer referência a outras vozes e pontos de vista” (MARTIN e WHITE, 2005, p. 99). Já na heteroglossia, o autor/falante se posiciona de forma que sua voz é apenas mais uma entre outras posições correntes sobre determinado assunto, “quando se invoca ou permite alternativas dialógicas” (ibid., p.100). Vejamos os exemplos a seguir:

Eu e a internet temos uma relação meio que ótima. (Monoglossia)

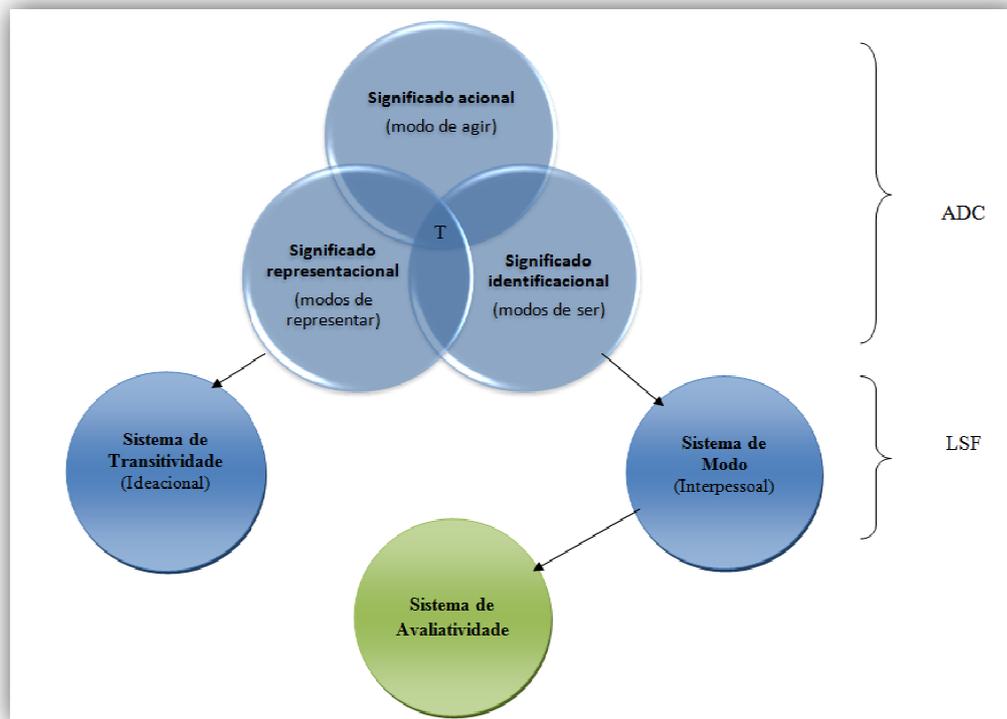
Eu e a internet temos uma relação meio que ótima, ao meu ponto de vista. (Heteroglossia)

Nessa última concepção, o potencial dialógico pode ser realizado por meio de expansão ou contração. Na expansão, o autor reconhece posições diferentes da sua. Na contração, o autor “assume uma posição em desacordo ou em rejeição a uma posição contrária” (VIAN JR, SOUZA e ALMEIDA, 2010, p. 37).

2.5 Algumas considerações

Nesse capítulo, foram apresentados os pressupostos teóricos que embasaram a análise dos dados da pesquisa. As três propostas teóricas – ADC, LSF e SA – coadunam-se em uma teórica que possibilita a interpretação do *corpus* desde uma macroanálise a uma microanálise linguística e social. A Figura abaixo sintetiza a inter-relação dos pressupostos teóricos.

Figura 8 - Triangulação dos pressupostos teórico-metodológico da pesquisa



Fonte: Adaptado de Moreira (2007)

Na Figura 8, sintetizo os principais elementos teóricos utilizados na análise dos dados desta pesquisa. Os significados acional, identificacional e representacional referem-se aos significados da linguagem segundo a teoria faiclougheana de análise de discurso. A letra T, ao centro, corresponde ao texto que “articula-se com outros elementos sociais a partir dos modos como é representado, acionado ou identificado em eventos sociais específicos”. (MOREIRA, 2007, p. 33) Na LSF, destaco o sistema de transitividade e o sistema de modo que estão relacionados ao sistema representacional e identificacional de Fairclough, respectivamente.

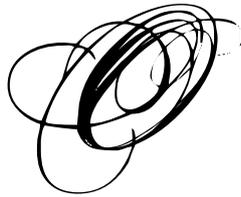
Cabe salientar, por fim, o sistema da avaliatividade que Martin e White (2005, p. 33) o situam como um sistema interpessoal da semântica do discurso. Para Thompson (2004, p. 75), *appraisal* está cada vez mais na margem da gramática; função primeiramente avaliativa. Qualquer análise dos significados interpessoais dos textos deve levar a avaliatividade em conta. Segundo o autor, a *appraisal* está claramente relacionada à modalidade, pois também se refere à atitude do falante.

Optei por apresentar os principais aspectos de cada teoria, uma vez que seria inviável uma apresentação sem esses três vértices teóricos no espaço da presente dissertação. O sistema da avaliatividade, em especial a atitude e a gradação, será resgatado com mais

detalhamento no capítulo 4, onde a linguagem dos adolescentes demanda uma reflexão analítica acerca dos sentimentos envolvidos na interação com a/ na internet.

CAPÍTULO 3

3 CAMINHO NÁUTICO DA PESQUISA



foco deste capítulo envolve a apresentação dos procedimentos teórico-metodológicos que embasam o trabalho proposto, desde a caracterização da pesquisa na internet. Oito seções compõem a parte metodológica. Inicia-se pela caracterização da pesquisa (3.1).

Em seguida, explicito o que vem a ser “netnografia” na internet (3.2), bem como os princípios básicos da netnografia (3.2.1). Termina a seção com uma breve discussão sobre os papéis do pesquisador (3.2.2). Na subseção (3.3), apresento as questões de pesquisa e na quarta (3.4) é discutida a ética na pesquisa. A subseção (3.5) trata do *corpus* de investigação e na sexta (3.6) caracterizo o perfil dos participantes. Na subseção (3.7), são apresentados os procedimentos de coleta/geração de dados. Finalizo o capítulo com a subseção (3.8) onde destaco algumas implicações do percurso náutico.

3.1 Pesquisa qualitativa

Com vista a descrever e interpretar práticas discursivas nas interações verbais *online* entre adolescentes, esta pesquisa terá uma abordagem de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa). Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17), a pesquisa de natureza qualitativa compreende “um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” e para tal, “envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos [...] que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos”. Para Silva (1991, p. 49), “entre as várias formas que uma pesquisa de natureza qualitativa pode assumir, destaca-se a pesquisa de enfoque etnográfico, cujos métodos demandam uma ‘descrição densa’ do fenômeno pesquisado e um ‘caráter interpretativo’”.

A etnografia tem origem na antropologia e surgiu da necessidade de se descrever, estudar, interpretar e classificar a cultura e a civilização do outro. Sendo o outro, em princípio, aquele que fugia às regras da civilização: o não-branco, a pessoa primitiva, o estrangeiro, de acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 15), autores que caracterizam a pesquisa qualitativa como “longa, notável e, por vezes, atribulada história nas disciplinas humanas.”

Flick (2004, p. 17) ressalta que “a relevância específica da pesquisa qualitativa para o estudo das relações sociais deve-se ao fato da pluralização das esferas de vida”. Em várias épocas a pesquisa qualitativa tomou um significado diferente em consequência do que se queria pesquisar, qual o foco da pesquisa. No entanto, a base da pesquisa etnográfica centra-se no pesquisador como observador do mundo, analisando “as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 17). O método etnográfico é utilizado para diversos ramos das ciências humanas e sociais, além da antropologia.

Apesar de ter surgido inicialmente no campo da antropologia e depois encontrar ecos em várias áreas das ciências humanas e sociais, a etnografia tem passado por diversas mudanças, principalmente dado o aumento exponencial do número de ambientes digitais das tecnologias de comunicação e informação, constituindo assim observáveis para o trabalho etnográfico. (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2013, p. 170)

Com o advento da internet e das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs), veio também a necessidade do uso e aplicação de metodologias que permitissem capturar a essência dos fenômenos que ocorrem nas redes. As novas formas de agrupamento social mediados pela internet exigiram novas formas de análise. A netnografia surge, então, do interesse em se estudar práticas sociais mediadas por computadores. Vejamos a seguir, do que se trata a netnografia.

3.2 A pesquisa qualitativa na internet: “netnografia”

Uma vez que o interesse de análise envolve dados empíricos selecionados na internet, faz-se necessário caracterizar o que o que considero como netnografia. Foram utilizados os conceitos da etnografia tradicional adaptados para o ambiente virtual. A mudança do termo etnografia para netnografia se deve às adaptações feitas na metodologia de pesquisa tradicional para uso no ciberespaço.

Várias terminologias, a partir daí, surgiram ao longo dos anos: etnografia virtual (HINE, 2000), etnografia digital, webnografia e ciberantropologia, dentre outras. Parece que os termos “netnografia” e “webnografia” estão mais ligados à pesquisa na área de *marketing* e da administração; enquanto etnografia virtual e etnografia digital, às pesquisas das ciências humanas e sociais. Vejamos.

Tais terminologias parecem não propor mudanças substanciais à etnografia em si, mas em relação à maneira de lidar com os diferentes procedimentos de coleta e análises de dados e mesmo aos tipos de suporte, não incorporando uma reflexão mais profunda sobre a materialidade dos mesmos. (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2013).

Neste trabalho, os termos netnografia e etnografia virtual serão utilizados como sinônimos. A etnografia virtual não tem um rigor metodológico para coleta. Podem ser utilizadas entrevistas formais, entrevistas informais, questionários, formulários, observações e anotações. Trata-se de um caminho metodológico que visa a estudar a internet como cultura, como artefato cultural que busca compreender suas prováveis interferências na vida humana. São objetos de estudo netnográfico também os processos de sociabilidade e os fenômenos linguístico-discursivos que envolvem as representações do homem dentro de comunidades virtuais.

Nessa perspectiva, como pesquisadora, pronta a habilitar ferramentas de natureza netnográfica preciso estar ciente de que o campo de estudo é “desterritorializado” (ORTIZ, 1994), um “não-lugar” físico, mas, sim, um espaço virtual presente, no lugar que o dado pode estar, onde quer que o pesquisador esteja. O acesso à informação é relativamente facilitado, uma vez que a produção na internet é de domínio público, tanto em termos textuais, quanto audiovisual e sonoros. Ressalte-se que se trata de um acesso que permite um recorte, bem como uma transcrição textual, *a posteriori*, dos dados selecionados.

Mais do que uma transposição do espaço físico para um espaço virtual (*online*), a etnografia virtual inclui procedimentos específicos acerca da tipologia dos objetos estudados e dos tipos de relacionamentos e dinâmicas de grupos. A netnografia exige do pesquisador uma incursão no campo de estudo (como ocorre na etnografia tradicional). Porém é necessário saber usar a internet, conhecer e, em condições propícias, dominar a linguagem do grupo estudado, bem como sua participação. Para Kozinets (2007), o netnógrafo se transforma em um experimentador do campo, engajado na utilização do objeto pesquisado enquanto o estuda. Essa imersão do pesquisador-participante/ pesquisador-*insider* foi designado por Amaral (2009) de “autonetnografia”. Vejamos, a seguir, os princípios básicos da pesquisa netnográfica.

3.2.1 Princípios básicos da netnografia

O foco desta pesquisa é voltado para as formas de linguagem, os padrões de comportamento e a identidade virtual do sujeito dentro da rede social *Facebook*. Para tanto,

elenco os princípios básicos da netnografia, conforme sugeridos por Hine (2000). A presença do etnógrafo no campo de pesquisa – Internet – é balizada pelos seguintes procedimentos: a) visualização do ciberespaço como campo de pesquisa; b) entendimento das interações como fluidas, dinâmicas e móveis; c) consideração da relevância de toda forma de interação; d) atenção às configurações dos limites entre *online* e *offline* (bem como suas conexões); e) e atenção ao deslocamento do entendimento entre tempo e espaço, dentre outros.

Kozinets (1997) destaca quatro critérios para a escolha de seus informantes. Tais critérios “garante que se está de fato estudando uma cultura ou uma comunidade, (...) e não simplesmente examinando uma reunião temporária” (KOZINETS, 1997) São eles: (1) Indivíduos familiarizados entre si, (2) comunicações que sejam especificamente identificadas e não-anônimas, (3) grupos com linguagens, símbolos, e normas específicas e, (4) comportamentos de manutenção do enquadramento dentro das fronteiras de dentro e fora do grupo.

Embora a netnografia tenha sua base na etnografia tradicional, deve-se salientar que não se trata de uma simples transposição de métodos para a cibercultura. Um diferencial da etnografia digital para a etnografia tradicional consiste na possibilidade de a coleta de dados ser realizada à distância do sítio onde se encontra o internauta, independente de quando a informação foi gerada. Destacam-se, também, quatro procedimentos básicos de metodologia específicos da transposição da etnografia para a etnografia virtual. São elas: “*Entrée* cultural; coleta e análise dos dados; ética de pesquisa; e *feedback* e checagem de informações com os membros do grupo.” (KOZINETS, 1997)

3.2.2 Posições do pesquisador

Na pesquisa netnográfica o pesquisador pode permanecer em silêncio em toda sua pesquisa (“silencioso” ou *lurker*). Ou ser pesquisador participante (*insider*). De acordo com as ideias de Hine (2000), o etnógrafo deve-se manter em uma posição intermediária, sendo simultaneamente um estranho e um nativo, tendo que se cercar suficientemente tanto da cultura que estuda para entender seu funcionamento, como manter a distância necessária para dar conta de seu estudo. Tão importante como escolher o grau de inserção em uma comunidade virtual, é deixar claro o ponto de observação ao fazer as considerações sobre seu objeto, pois o posicionamento do pesquisador pode interferir na forma como os dados são compilados e analisados.

De acordo com Silva (1991, p. 50) é preciso esclarecer que:

a observação participante para ser um procedimento válido e fidedigno de investigação, exige do pesquisador um planejamento e uma decisão quanto ao seu grau de observação e participação no contexto em que ocorre o fenômeno pesquisado. Isso equivale a determinar com antecedência “o quê” e “o como” observar. (p. 50)

De acordo com a autora, um investigador pode desempenhar, na observação participante, diferentes papéis. Silva (1991) recorre à proposta metodológica de Junker (1971) e elenca quatro tipos de observação:

(a) participante total - quando o observador não revela ao grupo investigado sua verdadeira identidade e nem seus objetivos. O pesquisador assume a posição de um membro do grupo;

(b) participante como observador - em que o pesquisador não oculta sua identidade, revelando, porém, parte do que pretende investigar para não comprometer as observações realizadas;

(c) observador como participante - quando o pesquisador revela ao grupo investigado a sua identidade e os objetivos de estudo desde o início da pesquisa;

(d) observador total, quando o investigador não interage com o grupo e os pesquisados desconhecem que estejam sendo observados.

Minha posição de pesquisadora no campo virtual será de observadora silenciosa (observadora total), com o propósito de preservar as interações espontâneas entre os jovens. Busca-se, com isso, observar e colher dados naturais, dentro dos princípios básicos da etnografia. Embora a geração de dados em ambientes virtuais preveja uma observação de campo silenciosa, devido a questões éticas concernentes a esta pesquisa precisei rever meus procedimentos de coleta de dados para adequar-me às orientações do Comitê de Ética e, por isso, apresentei-me aos jovens no campo *offline* como uma participante-observadora.

3.3 Questões de pesquisa

Para alcançar o objetivo central da dissertação, explicitados na introdução do presente trabalho, buscar-se-á aproximar respostas a cinco questões de pesquisa que balizarão o desenvolvimento da pesquisa propriamente dita.

- a) Quem são os atores sociais no espaço virtual?
- b) Como esses atores sociais se avaliam e se mostram no ciberespaço?
- c) Quais são as representações linguístico-discursivas que marcam as “vozes escritas” e os “signos falados” dos adolescentes em tempos de internet?

- d) Quais as relações sociais de identidades (re)criadas e/ou estabelecidas no espaço virtual?
- e) Que formas de inclusão digital podem beneficiar adolescentes de classes sociais menos favorecidas?

3.4 Ética na pesquisa

Uma das principais dificuldades com relação à ética na Internet concerne às noções de público e privado, e, por consequência, em decidir o que é ou não público e, portanto, passível de divulgação nos resultados da pesquisa.

Na análise dos ambientes *online*, Elm (2009, p. 75) estipula quatro níveis de privacidade a serem observados: 1) público – aberto e disponível a todos; 2) semipúblico – disponível a quase todos. Requer ser membro e/ou ter cadastro; 3) semiprivado – requer pertencer à organização de forma mais profunda; 4) privado – indisponível e fechado. (AMARAL, 2010)

Pode-se apontar o *facebook* como espaço semipúblico, uma vez que essa ferramenta exige dos usuários cadastro com *login* e senha. O caminho recomendado é:

é que o pesquisador se identifique e identifique o interesse de sua pesquisa, pedindo as permissões necessárias para o uso das informações obtidas em postagens e em conversas com os participantes das comunidades e fóruns. Além da garantia de confidencialidade e anonimato aos informantes, tratando-os por pseudônimos e não por seus nomes de usuário, incorporando na pesquisa as respostas e “feedbacks” vindos dos participantes ativos das comunidades. (AMARAL, NATAL e VIANA, 2008)

Uma carta de apresentação à Secretaria de Educação do Distrito Federal foi elaborada pela orientadora do mestrado, Professora Denize Elena Garcia da Silva, que solicitou autorização para pesquisa nas Instituições Educacionais selecionadas. O documento expedido pela Diretoria da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE) permite a realização de entrevistas com adolescentes frequentadores da Escola foi levado a Diretoria Regional de Ensino de Ceilândia, que por sua vez, expediu novo documento de apresentação e autorização do pesquisador para a realização de entrevistas com os adolescentes nos dois Centros de Ensino selecionados para esta pesquisa.

Todo esse procedimento é parte das recomendações éticas para a pesquisa nas escolas públicas. Paralelamente a ele, foram providenciados todos os documentos que salvaguardam a pesquisa ética segundo o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Pesquisa Humana da

Universidade de Brasília a que será submetida todo o projeto para apreciação quanto aos procedimentos. A Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 prevê aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos quanto ao respeito de sua dignidade e especial proteção, dentre os quais cumpro e destaco a seguir:

A eticidade da pesquisa implica:

- a) respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos riscos;
- c) garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- d) relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

Esta dissertação coaduna-se com as exigências elencadas pelo Comitê de Ética. Cabe ressaltar, ainda, que a questão do anonimato entre os dados a serem colhidos na internet foi favorecida pelos pseudônimos dos internautas, ou seja, os denominados *nicknames*. A referência a um apelido (*nickname*) constitui a única forma de marca pessoal, gerada pela pesquisadora, cujas fotos não serão exploradas no espaço virtual, uma vez que a pesquisa a ser desenvolvida não concerne à imagem dos jovens, seja em forma de fotografia, ou outras imagens pessoais. Uma observação a mais se faz necessária. Práticas discursivas, no *facebook*, que façam referência à pedofilia, ou indiquem violência verbal ou visual, o que inclui apologia às drogas, foram descartadas na etapa de geração de dados.

No primeiro contato com os estudantes, foi-lhes apresentada a natureza do trabalho de pesquisa, e em seguida solicitada a autorização para o trabalho de investigação no ambiente virtual, tanto para os jovens colaboradores quanto aos respectivos responsáveis.

3.5 Delineamento do *corpus*

A partir de uma experiência docente, junto a adolescentes na faixa de 13 a 16 anos, adquirida ao longo de vinte anos de ensino em sala de aula, surgiu a base da pesquisa ora

apresentada. Ministrei nos últimos anos, sempre em escolas da Ceilândia, cursos de língua portuguesa para estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

O fato de a internet e, em especial, as redes sociais estarem tão presentes na vida desses jovens despertou-me a curiosidade para um fenômeno social, qual, seja, novas identidades surgem independentes da condição socioeconômica de adolescentes. Nesta pesquisa, dedico-me a recortar, no ciberespaço, as interações de jovens oriundos de Ceilândia, com o propósito de identificar suas práticas discursivas. Isso, com vistas a descrever e interpretar identidades sociais mais recorrentes, que são (re)criadas no espaço virtual, ainda que em tempo real e de curta duração.

Fiz um levantamento dos lugares de encontro virtual frequentes de jovens na internet: *facebook*, *instagram*, *ask.fm*, *twitter* e *tumblr* e mais recentemente o *whatsapp*. O *facebook* configurou-se como campo fecundo para a pesquisa pela popularização do ambiente entre os jovens, bem como pela facilidade de acesso à ferramenta pela pesquisadora.

Das opções que dispunha, delimito meu campo de investigação no *facebook*, pois as demais não deixariam espaço para uma pesquisa mais próxima do pesquisador com seu objeto (adolescentes). Tendo em vista que o foco desta pesquisa são as interações na internet, o *instagram* é um aplicativo voltado para fotos, edição de imagem e compartilhamento em outras redes. Não é objeto deste trabalho. O *ask.fm* é uma rede social aberta onde pessoas cadastradas (ou não) fazem perguntas que deverão ser respondidas pelo membro que foi inquirido. Como os participantes nem sempre se conhecem, descartei o estudo das interações nesta rede. Não poderia delimitar o grupo focal e nem saberia de onde viriam as interações, uma vez que é permitido o anonimato neste espaço. O *twitter*, outra rede em que os usuários enviam e recebem atualizações em até 140 caracteres, não me permitia acompanhar e até mesmo “medir” os retornos/comentários de cada pesquisado. Eles aparecem fragmentados e espalhados na rede, perdendo, assim, a linearidade da conversa. O *tumblr* é mais uma rede social parecida com o *twitter*, porém sem limitação de caracteres e com a possibilidade de compartilhamento de fotos e vídeos. Não é utilizado, ainda, por muitos adolescentes. Restringiria muito a pesquisa em questão e por esse motivo, não foi selecionado como campo desta pesquisa.

No caso do *whatsapp*, as conversas se dão pelo celular via internet. Porém no espaço mais restrito e particular, bem semelhante ao SMS (*Short Message Service*) utilizado nas mensagens enviadas via celular, com as vantagens de envio de vídeo, foto e gravação de voz. As pessoas criam grupos onde é possível a conversa simultânea com todos os membros. O

whatsapp é um campo muito utilizado pelos jovens na atualidade, mas pela característica privada de interação, dificulta o acesso do pesquisador.

A coleta de dados realizou-se durante o período de fevereiro de 2014 a setembro de 2014. Ressalte-se que na internet os dados ficam registrados desde a criação da conta pelo usuário. E, portanto, algumas datas são de anos anteriores ao período da coleta.

3.6 Perfil dos participantes

Os participantes desta pesquisa foram selecionados a partir da produção de texto em sala de aula sobre um determinado tema, tarefa planejada previamente com duas professoras regentes de turma. Uma professora/colaboradora de uma escola do centro de Ceilândia e outra de uma escola mais afastada. Ao todo, foram coletadas trinta e quatro redações: vinte e duas de uma escola mais no centro da cidade de Ceilândia e doze da outra, mais distante. No entanto, foram descartadas seis da primeira escola, pois se tratava de textos produzidos por jovens oriundos da educação inclusiva, o que será analisado posteriormente, sob outros aspectos diferentes da presente dissertação. No quadro 1, são apresentados dados do perfil sócio-econômico dos participantes do estudo. Na primeira coluna, aparecem listados os pseudônimos dos participantes. Trata-se de *nicknames* que foram associados a cada participante no intuito de manter o anonimato dos mesmos.

Uma característica dos adolescentes nas redes sociais é o narcisismo que ora aparece sob a forma de uma espécie de idolatria, através de palavras, ora pelo excesso de *selfies*. Essa é a razão pela qual cada participante recebe um *nickname* de deuses/semideuses, ou de ninfas, gregos como sinônimo de perfeição, beleza, domínio de conhecimento no seu respectivo mundo, neste caso, o virtual.

Quadro 1 - Perfil sócio-econômico dos adolescentes participantes

PARTICIPANTE	IDADE	SEXO	PROFISSÃO DO PAI	PROFISSÃO DA MÃE	RESIDÊNCIA	NASCIDO EM
1) Deméter	14	F	Vigilante	Funcionária de um BRB conveniência	Expansão do Setor O	Brasília
2) Ártemis	15	F	Vigilante	Dona de casa	Expansão do Setor O	Valparaíso de Goiás
3) Apolo	16	M	Mestre de obras	Trabalha numa firma	QNR	São Paulo
4) Afrodite	15	F	(falecido)	Fábrica de pão de queijo	Expansão do Setor O	Ceilândia
5) Atena	15	F	Dirige trator	Doméstica	QNR	Sobradinho
6) Eros	14	M	-	Serviços gerais	Expansão do Setor O	Ceilândia

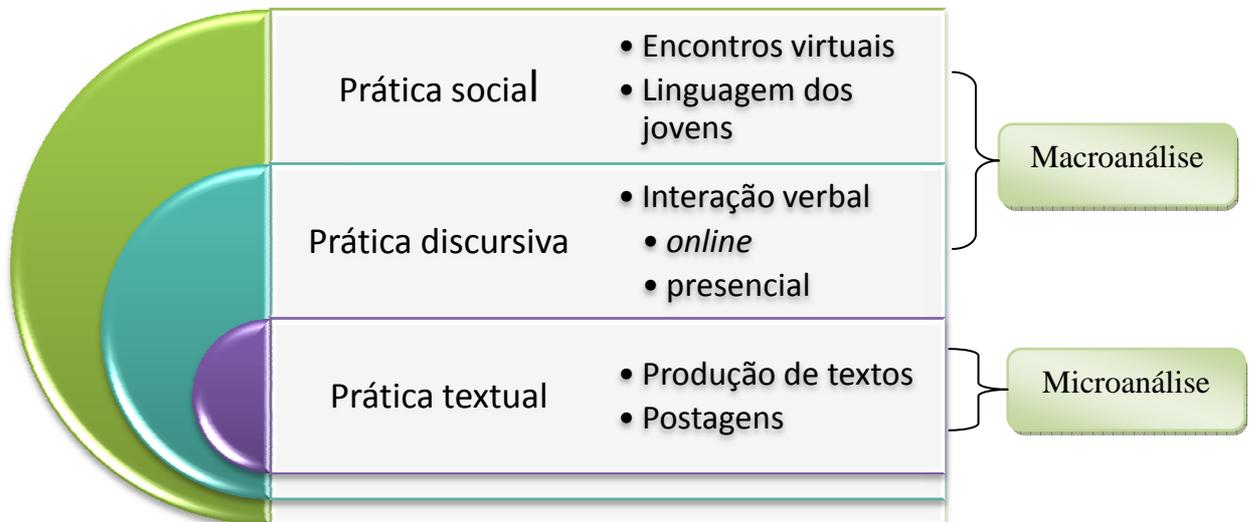
PARTICIPANTE	IDADE	SEXO	PROFISSÃO DO PAI	PROFISSÃO DA MÃE	RESIDÊNCIA	NASCIDO EM
7) Hera (protetora da mulher)	14	F	(estudante transferida)		Expansão do Setor O	Ceilândia
8) Ocípede (ninfa)	14	F	Polidor de carros	Diarista	Expansão do Setor O	Ceilândia
9) Héstitia (lar)	14	F	Vigilante	Conferente de merenda	Expansão do Setor O	Ceilândia
10) Poseidon	14	M	Pedreiro	Serviços gerais	Expansão do Setor O	Ceilândia
11) Aelo (ninfa)	14	F	Vigilante	Promotora de vendas	Expansão do Setor O	Ceilândia
12) Celeno (ninfa)	15	F	Motorista	Doméstica	Expansão do Setor O	Ceilândia
13) Hilas (ninfa)	15	F	Autônomo	Frentista	Ceilândia	Ceilândia
14) Salmácis	14	F	Vendedor	Dona de casa	Ceilândia	Ceilândia
15) Tétis (ninfa)	15	F	Empresa de construção	Gerente de Buffet	Ceilândia	Ceilândia
16) Hermes	13	M	Fiscal	Dona de casa	Ceilândia	Ceilândia
17) Gaia	14	F			Ceilândia	
18) Hefesto	14	M	(estudante transferido)		Ceilândia	
19) Cronos	14	M	Funcionário público	Funcionária de sorveteria	Ceilândia	Ceilândia
20) Tisífone (ninfa)	14	F	Verdurão	Verdurão	Ceilândia	Ceilândia
21) Dionísio	14	M	(estudante transferido)		Ceilândia	
22) Aquiles	14	F	Vendedor	Vendedora	Ceilândia	Ceilândia
23) Alecto	14	F	Trabalha no mercado	Serviços gerais no Hospital Anchieta	Ceilândia	Ceilândia
24) Teseu	14	M	Segurança	Doméstica	Ceilândia	Ceilândia
25) Perseu	14	M	Taxista	Dona de casa	Ceilândia	Taguatinga
26) Hércules	14	M	Falecido	Dona de casa	Ceilândia	Anápolis
27) Morfeu	14	M	Proprietário de loja	Cabeleireira	Ceilândia	Taguatinga
28) Pan	15	M	Professor	Técnica em enfermagem	Ceilândia	Ceilândia

Os vinte e oito participantes desta pesquisa produziram textos em que narram sua relação com a internet. Nesta etapa de coleta de dados escritos, produzidos em situação de sala de aula, contei com a colaboração de duas professoras/colaboradoras. Os jovens foram, então, convidados a participar da pesquisa a partir dos textos. Na fase de “preparação”, conversei com os participantes em uma rodinha no corredor da escola. Expliquei-lhes sobre a minha pesquisa e perguntei se eles poderiam colaborar com o meu trabalho. Aos que concordavam em participar como colaborador, encaminhei o Termo de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para dar ciência aos pais e/ou responsáveis. Separadamente, antes de começar a gravar as entrevistas, eles foram novamente esclarecidos da pesquisa e assegurados quanto ao anonimato. Somente oito aceitaram conceder-me entrevista e permitiram a observação das interações em suas páginas no *facebook*.

3.7 Procedimentos metodológicos na coleta e seleção de dados

Tanto a etnografia convencional quanto a etnografia virtual demandam uma coleta de dados mista, razão pela qual utilizei os seguintes procedimentos metodológicos: a) coleta de textos escritos; b) entrevistas semiestruturadas; c) observação no campo da internet; e d) diário de campo. O ponto inicial desta pesquisa se deu com uma produção de texto solicitada pelas professoras/colaboradoras – regente de classe. Em seguida, passei a observação no espaço virtual. Por último, uma entrevista com os jovens pesquisados. As observações seguiram-se nas várias etapas descritas no diário de campo. A figura 9 ilustra as escolhas dos procedimentos metodológicos na coleta e seleção de dados.

Figura 9 - Análise tridimensional da pesquisa, segundo a ADC



3.7.1 Produção Textual

O primeiro procedimento de geração de dados foi a obtenção, junto a professoras de português de duas escolas da rede pública de ensino em Ceilândia, de um texto produzido por estudantes a partir do tema: **Eu e a internet**. Coube a cada professora regente de turma guiar esse momento e incentivar os estudantes a relatar o uso da internet. Do total de textos produzidos, trinta e quatro; selecionei vinte e oito relatos escritos que constituem parte dos dados analisados na presente dissertação. (Anexos A)

3.7.2 Entrevista

Para abarcar o máximo de informações do local e de cada participante adolescente, optei também por uma entrevista semiestruturada com os jovens que atenderam ao meu convite para colaborar na pesquisa. Antes da entrevista, estive presente na escola dos jovens e conversei com o grupo. Expliquei-lhes sobre a minha presença na escola e perguntei se eles poderiam e gostariam de colaborar com um estudo. Neste momento, entreguei a cada um o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que deveria levar para casa e ter o assentimento dos responsáveis. Só então, de posse dos termos assinados, parti para realização da entrevista individual com os jovens.

A importância da entrevista na pesquisa qualitativa é assim comentada por Gaskell (2012, p. 65):

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação.

As entrevistas me ajudaram a compreender quem eram os atores da minha pesquisa, bem como reconhecer suas rotinas e seus laços de amizade dentro e fora da internet. As etapas da entrevista foram organizadas no quadro a seguir, conforme as orientações de Gaskell (2012). Cabe, aqui, esclarecer que as etapas de coleta e seleção de dados na internet foram realizadas à medida que eu contava com a aquiescência dos jovens colaboradores.

Quadro 2 - Etapas da entrevista

Fases	Descrição	Previsão
Preparação	Exploração do Campo Formulação de questões	15 a 19 de setembro de 2014
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxílios visuais	22 a 29 de setembro 2014
2. Narração Central	Não interromper Somente encorajamento não verbal para continuar a narração Esperar para os sinais de	

	finalização (“coda”)	
3. Fase de perguntas		
4. Fala conclusiva		

Fonte: Dados relacionados com base no texto de Gaskell (Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático, 2012, p. 64-88)

Roteiro de Entrevista

- Explicação dos objetivos do projeto de pesquisa
 - *O propósito do meu trabalho com vocês é de conhecê-los melhor em sua rotina diária: família, escola, amigos e o espaço da internet nessa relação.*
- Solicitação oral e escrita aos participantes para autorizar a publicação da entrevista e pesquisa
 - Termo de assentimento dos adolescentes
 - Termo de assentimento dos pais ou responsável
- Justificativas do pedido
 - Por se tratar de pesquisa feita com adolescentes, é preciso que tanto os jovens quanto os pais tenham consciência do trabalho e permitam a realização do mesmo. Mostrar aos adolescentes que o trabalho do pesquisador é sério pautado em regras que não firam a integridade da pessoa e nem o exponham em suas particularidades.

Quanto ao percurso de aplicação das entrevistas, segui os passos de Albuquerque (2013, p.92), para quem é determinada “pela disponibilidade dos entrevistados e realizada em separado, como estratégia intencional para coletar mais dados para análise e não contaminar o pensamento individual”.

Perguntas básicas para os adolescentes

- 1) Você me permite gravar o que me contar sobre sua vida?
- 2) Onde nasceu?
- 3) Você mora com quem?
- 4) Qual é a sua rotina diária?
- 5) O que gosta de fazer nas horas vagas?
- 6) Você usa o computador? Com que frequência?
- 7) Você faz uso da internet? O que gosta de acessar?

- 8) Você participa de alguma rede social na internet? Quais?
- 9) Quem são seus amigos dentro de sua rede social na internet?
- 10) O que você gosta de compartilhar dentro da rede? O que mais lhe atrai dentro da rede social?

Utilizei o modelo de ficha de documentação proposto por Flick (2004, p. 185) para identificar os entrevistados, documentar o contexto e a situação da geração de dados. Fiz algumas adaptações que considerei relevante no momento da entrevista. A organização dos dados foi pautada pelo propósito de documentar cada entrevista em sua especificidade, é sempre balizada pela ética na pesquisa conforme sugere Silva (2003). Tais procedimentos permitem ao pesquisador uma aproximação à realidade vivida e compartilhada por um grupo social, no caso, adolescentes.

Ficha de documentação	
Informações sobre a entrevista e o entrevistado	
Data da entrevista:	Local:
Duração da entrevista:	
Pseudônimo para o entrevistado:	
Cidade onde nasceu:	
Cidade em que vive:	
Sexo:	Idade:
Nível de escolaridade:	
Profissão dos pais ou responsável:	
Observações:	

Uma observação a mais merece ser destacada. Os dados da ficha de documentação, tais como, profissão dos pais ou responsável e o campo observações foram complementados mediante acesso autorizado ao arquivo da Secretaria das escolas selecionadas para o trabalho de campo.

3.7.3 Observação na internet

Após a coleta das produções de texto e à entrevista com os estudantes, passei à terceira parte da pesquisa: a geração de dados na internet, em visita às páginas dos jovens. Vale ressaltar que não foi pesquisado grupo/ comunidade específica dentro do *facebook*, mas jovens de classe (des)favorecidas, estudantes de escola pública com a faixa etária de 13 a 16

anos, de modo específico, os jovens estudantes pertencentes às escolas selecionadas. A necessidade de garantia de o *corpus* ser formado por adolescentes, de Ceilândia, dentro da mesma faixa etária, levou-me a montar, primeiro, um grupo focal fora do campo real analisado e, somente depois, partir para o ambiente virtual. O campo de estudo na internet é vasto, por isso foram estabelecidos critérios para a coleta de dados.

3.7.4 Diário de Campo

O diário de campo foi sempre utilizado para anotações das observações realizadas ao longo da pesquisa. As anotações constituem uma ferramenta primordial na pesquisa de natureza etnográfica e, no caso, netnográfica, uma vez que percepções e interpretações do pesquisador são anotadas e, posteriormente, articuladas aos diversos métodos de geração e análise de dados. O diário foi tomado durante as observações das interações *online*, bem como das entrevistas com os participantes. A finalidade foi a construção de um “retrato” da pesquisa, mediante o registro, o que configurou o trajeto percorrido sob a lupa do pesquisador.

Ressalte-se que o diário de campo é um elemento de reflexão do próprio pesquisador bem como de auxílio à memória, uma vez que há dados que não estão escritos e nem foram falados, mas que foram perceptíveis através de gestos, pausas, “fugas” do participante. Sempre admirei a criatividade e rebeldia dos jovens nessa fase da vida. Cada argumento e contra-argumento com que eles desenvolvem suas interações na busca de intervir em diversas situações cotidianas que os cercavam. Quis observar essas interações também na internet uma vez que é um espaço confortável para os jovens, nativos digitais⁶. O primeiro passo desta pesquisa deveria ocorrer com a observação na internet. Porém, para cumprir as exigências do Comitê de Ética quanto à autorização para a pesquisa, reorganizei as etapas de geração de dados. A saber: produção de texto, entrevista, observação na internet.

Na produção de texto, foi solicitado aos adolescentes que descrevessem a relação deles com a internet. O momento foi para que discorressem livremente sobre o assunto, sem interferência da pesquisadora ou da professora regente. Foram coletadas trinta e quatro produções, das quais seis serão utilizadas em outra pesquisa, pois tratam de adolescentes surdos inclusos nas turmas regulares e pretendo fazer uma observação diferenciada antes de confrontá-los nesta com esta análise.

⁶ Nativo digital é o termo cunhado por Marc Prensky (escritor e palestrante americano, especialista em tecnologia e educação) para designar os indivíduos que nasceram e cresceram com as tecnologias digitais.

Os assuntos mais abordados giravam em torno da importância da internet nos dias atuais, do uso para pesquisas escolares e para conversas com os colegas, dos perigos da exposição na rede e da dependência viciante pela internet. Um fator que despertou muito atenção foi a humanização da máquina que se torna, para os jovens, um amigo importante em suas vidas.

O primeiro contato com os estudantes ocorreu através de uma apresentação informal da minha parte, junto com outra professora, no pátio da escola, onde conversei sobre o trabalho de uma pesquisadora. Expliquei-lhes sobre a importância da pesquisa, as etapas, a necessidade de colaboradores e a livre participação. Os jovens ficaram admirados e ao mesmo tempo perplexos: estavam diante de uma pesquisadora. No decorrer da conversa informal, contei-lhes sobre minha pesquisa na internet e a importância de se conhecer o espaço virtual para entender essa interação *online*. A surpresa veio quando souberam da visita à suas páginas no *facebook*. Espanto e euforia que se misturaram. O questionamento que ficou no ar com perguntas- “Como assim? Você vai ver o que eu escrevo?” - Para eles, a pesquisa era fantástica até que a “invasão” de um intruso em seus perfis na internet levou a um distanciamento célere. Não obstante, consegui contornar a situação e lhes expor meu papel de pesquisadora e meu propósito de valorizar não só a linguagem dos jovens, mas também o contexto social do qual eu também fazia parte.

Cabe aqui ressaltar, que todas as informações da internet estão disponíveis e expostas. Quando os jovens tomaram conhecimento de que seriam observados em seu campo virtual, e do fato de que “qualquer estranho” poderiam observá-los, houve resistência. Isso justifica a pouca adesão e retorno dos TCLE assinados que autorizassem a entrevista e pesquisa no perfil do grupo selecionado.

Em uma das visitas à escola situada na Expansão do Setor O⁷, senti os jovens esbaforidos. Na noite anterior, mais um jovem fora assassinado nas imediações. Tratava-se de um adolescente, ex-aluno da escola. A notícia era assunto de todos: direção, professores, funcionários e alunos. Para alguns, aquele acontecimento não passava da frase: “mais um que morreu”. Uma espécie de banalização do crime na região. Para outros, “menos um no crime”, também com um sentido pejorativo de “justiça” e “destino certo” para quem se envolve com o tráfico de drogas. Naquela região, o assassinato de jovens por rivalidade entre grupos que querem controlar o espaço da venda de drogas é muito alto. Muitos nem são noticiados nos

⁷ É um bairro da região administrativa de Ceilândia, no Distrito Federal. Como indica o próprio nome, é uma expansão do Setor O (QNO), compreendendo as quadras QNOs 16, 17, 18, 19 e 20. Abrange mais de 36 mil moradores.

jornais e o fato se torna “comum” na comunidade. Aliás, esse é o segundo jovem, ex-aluno, assassinado este ano na região. Como ocorre em bairros movimentados em qualquer parte do Brasil, a comunidade convive com essas tragédias há muito tempo. O tráfico de drogas, a briga por pagamento de dívidas, a rivalidade entre gangues: tudo contribui para uma violência diária na Expansão.

Diante do quadro de insegurança que assola a comunidade local, parece que o computador tornou-se uma ferramenta indispensável nos lares das famílias de baixa renda, pois se trata de uma maneira de os pais manterem os jovens em casa, afastados das ruas. Trata-se, a meu ver, de uma alternativa de proteção e segurança familiar da sociedade contemporânea.

Em outra visita à mesma escola, havia a presença de policiais. Confesso que ter visto um carro de polícia no estacionamento gerou em mim um sentimento de segurança. Porém, eles estavam ali atendendo a um chamado da própria direção que tentava contornar um suposto “crime virtual” desencadeado por jovens foram da escola, mas que trouxe para dentro do ambiente escolar seus “acertos de conta”. Não obstante, entrei, apresentei-me à direção e comecei os trabalhos. Como forma de detalhar o contexto social que abarca o campo escolhido para o presente estudo, reescrevo, ainda que de modo sucinto, algumas páginas do meus diário de campo. Na primeira entrevista do dia, conheci uma nova palavra: “esbarro”, um neologismo bastante recente. De acordo com a jovem que me explicou o termo, esbarro é a postagem de fotos nuas na rede que se espalha rapidamente. Outra adolescente entrevistada tentou mostrar-se indiferente à falta do computador e do celular que lhe foram retirados pelo pai como punição pelo baixo rendimento escolar devido ao uso excessivo da internet pela jovem. Tentou! Na voz, no olhar, no rosto as palavras eram desmentidas. Tristeza e revolta eram subentendidos durante a entrevista como um: “ele não podia ter feito isso comigo” ou “isso é injusto” que não chegou a ser pronunciado, mas que soaram através de um: “estou bem sem a internet”, “nem ligo”.

Um novo entrevistado e novas histórias. Famílias pequenas, famílias agregadas, e grandes famílias. Em um pequeno recorte da sociedade, encontrei a representação da nova sociedade: pais e filhos, mãe-filhos-padrasto, mãe-filhos-tios-primos, mãe-filhos-avó. Gente trabalhadora. Filhos que buscam formação para se preparar para o mercado de trabalho. Filhos que já trabalham para ajudar nas despesas do lar. O que há de comum entre eles: o espaço para o computador com internet nos lares. Os jovens com celulares que também tem internet. O compartilhamento da internet em sala de aula. E até a “vaquinha” para comprar a internet que será compartilhada.

Ao sair da escola, conversei com o diretor que estava de saída para DCA (Delegacia da Criança e do Adolescente) registrar ocorrência relacionada a uma confusão entre os alunos. O crime? Um esbarro e a difamação na rede.

Na internet, espaço virtual de pesquisa, também me deparei com várias histórias. Mas alguns detalhes me chamaram atenção. Normalmente, as interações giram em torno de alguma foto/ *selfie* publicadas na rede; a presença de pais e filhos interagindo na mesma rede; e as postagens são utilizadas seja para registrar um momento de desabafo, ou pra clamar um pedido de companhia.

3.8 Algumas considerações

Devido às mudanças constantes advindas do avanço tecnológico, os procedimentos metodológicos que favoreçam a análise de dados linguísticos colhidos no ambiente virtual da internet, demandam o desafio de novos métodos, e isto justifica o “não-engessamento” do método, tendo por base princípios norteadores para o trabalho do pesquisador.

Por outro lado, a pesquisa *online* apresenta vantagens ante a *offline* entre as quais posso apontar: menos tempo e menos dispendiosa uma vez que se pode controlar uma agenda de trabalho e colher dados empíricos (“netnográficos”) pelo computador. Além disso, a pesquisa *online* favorece um distanciamento emocional entre pesquisador e objeto de pesquisa. O pesquisador pode assumir o papel de observador, sem invadir espaço e, assim, analisar seu objeto desde um ambiente natural ainda que virtual.

A possibilidade de comparar diferentes tipos de dados – redação escolar, seleção de *posts*, comentários colhidos no *facebook*, bem como entrevistas obtidas junto aos jovens cujos textos foram selecionados para análise, permitem-me traçar uma triangulação metodológica de dados. Com o propósito de imprimir um caráter de validade à descrição e interpretação dos dados selecionados, bem como assegurar à presente dissertação um caráter de rigor esperado em um trabalho científico, apresento, no capítulo seguinte a análise linguístico-discursiva dos dados selecionados.

CAPÍTULO 4

4 O BAÚ DO TESOURO



este capítulo, em que apresento a análise dos dados selecionados, privilegio uma etapa que se inicia com a discussão teórica do subsistema da Atitude, o que contempla

Afeto, Julgamento e Apreciação - três categorias voltadas para aspectos identitários dos jovens no ciberespaço. Em seguida, discuto o subsistema da Gradação, categoria que permite descrever e interpretar a intensificação utilizada pelos jovens. Resulta que os textos produzidos pelos jovens, tanto na redação quanto na internet, encontram-se permeados de elementos gradativos, indiciadores de identidades *online* e *offline*, o que será explicitado mais adiante.

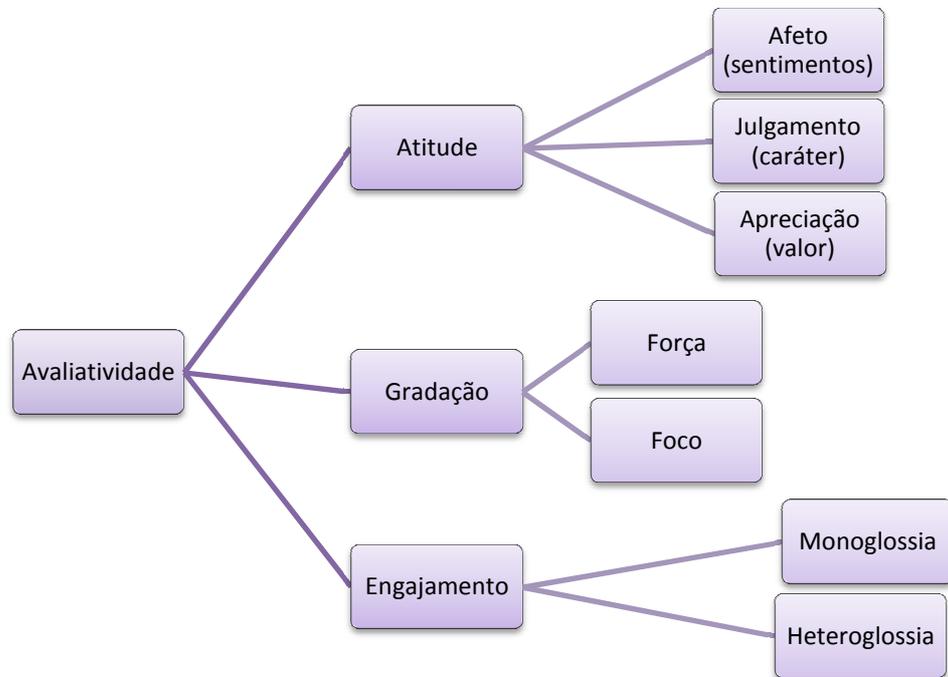
Para análise de textos produzidos por adolescentes, tanto no *facebook* quanto na redação desenvolvida sobre “Eu e a internet”, torna-se relevante levar em conta o Sistema da Avaliatividade (SA), proposto por Martin & White (2005). O modelo do Sistema da Avaliatividade permite-nos explorar a semântica da avaliação. Com base nas palavras de Martin e Rose (2003, p. 22), “os tipos de Atitude que são negociados em um texto, a força dos sentimentos envolvidos e as maneiras pelas quais valores são originados e leitores são alinhados”, buscar-se-á analisar a voz de adolescentes tanto na produção *online* (*facebook*), quanto na *offline* (redação escolar).

O SA inclui e expande o Sistema de Modalidade situado na área dos significados interpessoais que envolvem a negociação dentro das relações, bem como a expressão de opiniões e avaliações. O SA considera duas formas de realização de avaliação: explícita ou escrita, que é a mais comum, e ocorre por meio de palavras com traços avaliativos, principalmente os adjetivos; e implícita, ou evocada, que ocorre por meio de orações que sugerem uma reação avaliativa nos ouvintes/leitores, mesmo que não haja itens lexicais claramente expressos. (MARTIN e WHITE, 2005)

Cabe, aqui, anunciar que os dados me levaram a buscar uma categorização em termos analíticos mais centrada no sistema interpessoal da linguagem, voltado para avaliações e atitudes dos jovens com relação ao que escrevem, seja no texto produzido em sala de aula (Eu

e a internet) ou nas interações dialógicas no *facebook*. Destaco, a seguir, a categorização semântica do Sistema da Avaliatividade.

Figura 10 - Sistema da Avaliatividade



Fonte: Martin & Rose, 2007, p. 28, com adaptações

O Sistema da Avaliatividade, conforme Figura 6, realiza-se em três domínios interacionais: a Atitude, que concerne a sentimentos, julgamento de comportamentos e avaliação de objetos e situações; o Engajamento, que trata das vozes sobre as opiniões do outro em nossos discursos; e a Gradação, fenômeno linguístico-discursivo pelo qual os sentimentos são ampliados, de modo que implica do aumento ou diminuição da intensidade de nossas avaliações.

4.1 Subsistema Atitude

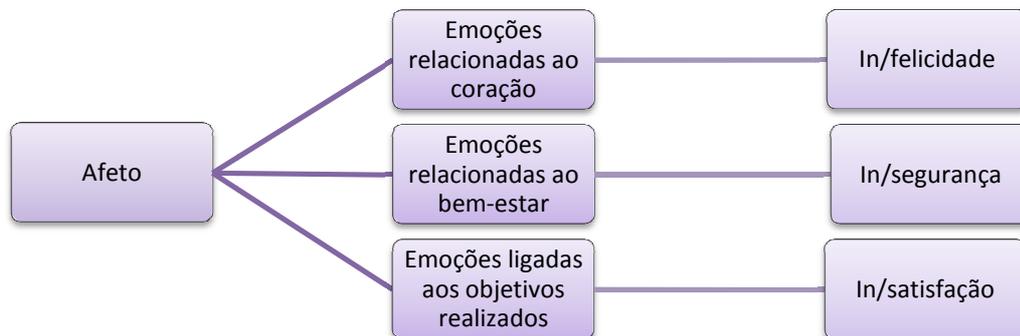
O Subsistema da Atitude é o responsável pela expressão linguístico-discursiva das avaliações positivas e negativas ligadas à emoção, à ética e à estética (MARTIN e WHITE, 2005). Para Painter (2003, p. 184), a atitude acontece ainda com as primeiras palavras da criança, por volta dos dezoito meses de idade. O subsistema da atitude pode ocorrer de maneira inscrita ou evocada no texto. Quando evocada, a atitude sugere uma interpretação do ouvinte/leitor. Por outro lado, a inscrita ou explícita acontece por meio de estruturas

gramaticais, qual seja um atributo, ou uma qualidade nominalizada, ou, ainda, um processo. Segundo Martin (2003, p. 25), o subsistema da atitude está dividido em três tipos: afeto, julgamento e apreciação. A seguir, detalharemos cada uma das categorias da Atitude, devido à presença corrente das mesmas nos textos escritos e extraídos do *facebook*, bem como nos textos (relatos) produzidos por cada jovem em sala de aula.

4.1.1 Categoria de Afeto

O Subsistema de Afeto refere-se às avaliações que fazemos a respeito do estado emocional dos falantes/ escritores baseadas nos sentimentos e que estão ligadas ao coração (in/felicidade); ao bem-estar social (in/segurança) e aos objetivos realizados (in/satisfação). “As características do afeto indicam que as pessoas possuem bons (afeto positivo) e maus sentimentos (afeto negativo) que são manifestados de forma explícita ou implícita.” (VIAN JR, SOUZA e ALMEIDA, 2010)

Figura 11 - Categoria Afeto



Conforme distribuição ramificada, sinalizada nas guias, a categoria Afeto costuma aparecer em textos mediante os seguintes itens léxico-gramaticais: expressões adjetivas identificadas nos epítetos e atributos; verbos, principalmente os mentais e os relacionais; e comentários, presentes nos adjuntos circunstanciais. Observemos, a seguir, segmentos que fazem parte da redação produzida por um dos adolescentes, sobre o tema “Eu e a internet”.

- (1) [...] *ficar sem internet hoje em dia para muitas pessoas é o fim do mundo, e (sic) muito difícil você viver sem isso, facilita muito para a gente, principalmente, para quem estuda, porque e (sic) mais fácil você fazer um trabalho na internet do que você pesquisar em um livro, é isso. (Atena, 15anos)*

No excerto (1), Atena atribui uma avaliação negativa a “ficar sem internet” como “o fim do mundo” (afeto negativo), “muito difícil você viver sem isso” (afeto negativo ligado a

insatisfação). A jovem emprega o processo relacional “ser”, representado pela marca do presente do indicativo e reforçado pelo circunstancial de tempo “hoje em dia”. Nesse trecho é possível apontar claramente que há negatividade quanto à avaliação sobre o fato de ficar sem internet. Porém, difícil é determinar qual o tipo de afetividade a que está relacionado o trecho: no caso de infelicidade, a internet estaria ligada a emoções do coração. Já como insegurança, a internet estaria ligada ao bem-estar proporcionado pela mesma.

Em seguida Atena exprime novamente sua opinião a respeito da internet: “[ela] facilita muito para a gente”. Agora, trata-se de uma forma positiva e, em contraposição à dificuldade citada anteriormente. A avaliação ocorre por meio do processo mental “facilita” que, conforme já explicitado no capítulo teórico, concerne ao mundo da consciência e da imaginação. No exemplo acima, facilitar denota uma ação benéfica, ainda que de maneira abstrata, a jovem adolescente. Nesse caso, o próprio processo facilitar (afeto+/felicidade) traz em sua raiz a Avaliatividade do atributo “fácil” quanto ao uso da internet.

A jovem Atena mostra-se, em algumas partes do texto, como uma avaliadora adicional (*appraiser*), termo sugerido por Martin e White (2005) para qualificar aquele que diz o que a outra pessoa sente. Em expressões como a empregada no texto por Atena: “para muitas pessoas”, “para quem estuda”, “é mais fácil você”, a jovem optou por estruturas frasais e escolhas lexicais que a distanciaram do grupo que ela avalia. Por outro lado, Atena se inclui no grupo que avalia quando comenta que: “[a internet] facilita muito para a gente.” A expressão pronominal: “a gente” substitui o “nós” e subentende a inclusão de quem emprega a expressão, portanto a jovem faz parte do grupo que se beneficia das facilidades que a internet proporciona.

Silva (2013b) registra que a locução pronominal *a gente* oscila no nível semântico-discursivo, ora inclui o falante [+EU], ora com um sentido genérico, dando margem à interpretação da ausência do traço [Ø –eu] como posição de neutralidade no discurso, de não-comprometimento com a própria palavra. Essa segunda interpretação também pode ser usada nesse caso, uma vez que Atena cria outro grupo que se destaca dentro dos que são beneficiários desse processo: “principalmente, para quem estuda”. Com o emprego do pronome relativo “quem” e a não referência a: “para nós que estudamos”, identifica-se, uma vez mais, a ausência da jovem no grupo. Resulta que Atena retoma o papel de *appraiser* no texto. A jovem estabelece uma aproximação quando das avaliações de afeto positiva, em termos de benefícios da internet. Em contrapartida, quando relaciona os sentimentos negativos: “ficar sem internet”, “fim do mundo”; Atena se distancia e assume o papel de um avaliador adicional.

Observemos outro excerto a seguir:

- (2) *O que eu mais gosto de fazer na internet é mexer no facebook, é um vício. Eu não consigo passar um dia sequer sem facebook, nem que seja só um minutinho. Enfim, eu amo a internet, simplesmente. (Hera, 14 anos)*

Em (2), no segmento oracional: “o que eu mais gosto de fazer”, Heras exprime afeto positivo de satisfação que se concretiza em: “mexer no *facebook*”. Para a jovem, o sentimento positivo está relacionado ao processo do mundo do agir: “mexer”. No excerto (2), o participante assume, com consciência, a emoção experienciada. A esse tipo de participante Martin e White (2005, p. 46) denominam “*Emoter*”. Dentro do processo mental, o *Emoter* é um participante (experienciador). O processo mental “gostar” foi utilizado pelo *Emoter*, no caso a jovem Hera, para expressar emoção de felicidade (afeto+) com o uso da internet. E [mexer no *facebook*] é um vício (afeto-). Eu não consigo (afeto-, demonstra sua fragilidade diante da internet) passar um dia (a circunstância de tempo comprova novamente a dependência do uso da internet), sequer (afeto-) sem (afeto-) *facebook*, nem que seja (afeto-) só (gradação) um minutinho (afeto+, gradação). Enfim, eu amo a internet (afeto+/ felicidade) simplesmente (circunstância modal). No caso analisado, a jovem seleciona gradação de afeto dentro do mesmo trecho através dos elementos lexicais: eu mais gosto > eu amo. Os processos mentais gosto e amo expressam a intensidade da emoção. Trata-se de uma emoção vivenciada mais internamente, como um tipo de estado emotivo da jovem.

Enquanto no excerto anterior nota-se a construção da gradação de afeto positivo no discurso de Hera, o excerto a seguir aponta a avaliação negativa sobre a internet.

- (3) *Eu chegei (sic) a pensar que não conseguia (sic) ficar sem a internet mais (sic) eu chegei (sic) a uma conclusão (sic) que a internet estava min (sic) deichando (sic) com augus (sic) pobremas (sic), eu não prestava mais atenção em (sic) nada so (sic) queria fica o tempo (sic) todo enfrente (sic) do computado (sic) com os jogos online (sic) acesando (sic) o facebook vendo os vídeos mais egraçado(sic). (Apolo, 16 anos)*

Os processos mentais cognitivos “chegei a pensar (sic)” e “chegei a uma conclusão (sic)” remetem a um estado consciente da situação em que se encontra o Experienciador: “que não conseguia (sic) ficar sem a internet” (afeto-) e “que a internet estava min (sic) deichando (sic) com augus (sic) pobremas (sic)” (afeto-), respectivamente. O uso da internet é visto como uma experiência negativa por Apolo e confirmada, negativamente, por enunciados que expressam problemas: “eu não prestava mais atenção em nada” (afeto-), “so (sic) queria fica o tempo (sic) todo enfrente (sic) do computado (sic)” (afeto-).

4.1.2 Categoria de Julgamento

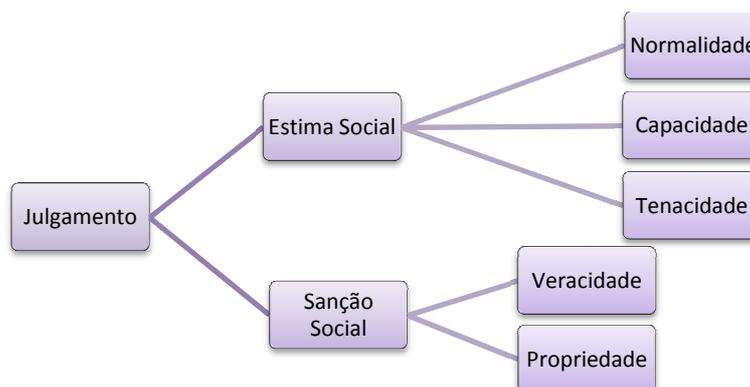
A categoria de Julgamento refere-se às avaliações que fazemos a respeito do comportamento e caráter das pessoas. As avaliações nessa categoria relacionam-se às questões “éticas”, pois tratam de análises normativas do comportamento humano baseadas em regras ou determinadas pela cultura, pelas experiências, expectativas, pretensões e crenças do falante/escritor. Martin (2000) entende que a atitude do julgamento institucionaliza normas de comportamento humano sobre como devem agir ou não.

O Julgamento é dividido em dois tipos: Estima Social – envolve admiração e crítica sem implicações legais, ligado à cultura do falante/escritor; e Sanção Social – quando implica elogio e condenação com complicações legais, orientados por regras, regulações e leis do Estado. Para White (2004), a estima social é formada a partir dos valores que são compartilhados nas redes sociais do dia-a-dia como a família e a amizade. As sanções sociais são imposições, leis e regras advindas de instituições como o governo e a igreja.

[...] valores negativos em termos de estima social são vistos como disfuncionais ou inapropriados, ou algo que deve ser desencorajado, mas não são avaliados como pecados ou crimes. (Se você desrespeitar sanções sociais, você pode precisar de um advogado ou de um confessor, mas se você desrespeitar a estima social, talvez você tenha que fazer um esforço maior, ou praticar mais, ou consultar um terapeuta, ou possivelmente um livro de auto-ajuda) (WHITE, 2004, p. 187)

A estima social relaciona-se as questões de normalidade (o quão comum/incomum o indivíduo é), de capacidade (o quão capaz, competente alguém é) e de tenacidade (o quão confiável é a pessoa). Por outro lado, os julgamentos, relacionados à sanção social, dividem-se em duas classificações: veracidade (voltado ao conceito de verdade, honestidade) e propriedade (o quão correto alguém é), conforme sintetizado na Figura 8.

Figura 12 – Resumo do parâmetro Julgamento



Com base nas ramificações destacadas acima, pode-se observar que o adolescente Hermes, ao avaliar a internet, o faz por meio de julgamento.

- (4) *Quanto a mim, uso a internet para fazer trabalho e mecher (sic) em redes sociais, não tenho um horário definido, pois uso meu celular, então quando chega uma notificação, eu olho-a. Acho que seria muito ruim (sic) se não existisse internet e iria fazer grande falta se deixasse de existir, portanto acho importante e também tenho a sã consciência de como devo usá-la. (Hermes, 13 anos)*

No excerto (4) acima, o jovem Hermes mostra-se um usuário contumaz da internet, conforme explicitado nos segmentos oracionais: “não tenho horário definido” e “quando chega uma notificação, eu olho-a”. Trata-se de uma relação intensa e constante, sem medição do tempo a que fica exposto o jovem. Hermes, no entanto, antecipa-se aos julgamentos que poderiam vir contra si e argumenta o seguinte: “eu tenho a sã consciência de como devo usá-la”. O uso da internet por adolescentes é visto como maléfico por muitas pessoas. A expressão: “sã consciência” é um exemplo de julgamento de estima social que revela a capacidade de Hermes em lidar com a internet: pessoa equilibrada, controladora de suas ações e conhecedora do que é certo e errado.

Ressalte-se, ainda, no trecho da narrativa de Hermes, que o jovem reconhece o uso indeterminado da internet, uma vez que tem acesso pelo celular: “não tenho um horário definido, pois uso meu celular, então quando chega uma notificação, eu olho-a”. Cabe, aqui, mencionar que o uso do celular para as interações na internet é ressaltado por outros jovens em suas respectivas produções escritas.

Essa “sã consciência”, que se refere ao fato de saber (de ter conhecimento, ter ciência) aparece em outras produções dos jovens como uma espécie de demonstração de conhecimento dos riscos que há nesse meio virtual e da vulnerabilidade a que “muitas pessoas” estão expostas, o que pode ser apreciado no segmento (5). Vejamos,

- (5) *Muitas pessoas cometem o erro de entrar em sites sociais e adicionar pessoas desconhecidas que só querem se aproveitar daquela situação. Mas a maioria é mais legal e entro mesmo só para jogos ou redes sociais e etc. [...]A parte ruim é que as crianças estão crescendo com toda essa tecnologia e esquecem de ir na rua brincar com as outras pessoas, isso deixa as crianças “diferentes”, porque vão acabar parando de ser “criança” de verdade. (Hefesto, 14 anos)*

No excerto (5), Hefesto relata que “muitas pessoas cometem o erro de entrar em sites sociais e adicionar pessoas desconhecidas”. Ao declarar “muitas pessoas” o jovem Hefesto toma para si o papel de avaliador adicional e se exclui desse grupo de pessoas que “cometem o erro” referendado acima. Esse julgamento de estima social coloca Hefesto em um patamar de consciência da situação a que está exposto ao mesmo tempo em que o distancia do grupo

“inconsequente”. O jovem indica em sua escrita que tem maturidade para reconhecer os males que permeiam a internet e que pode usá-la com segurança.

Mas Hefesto manifesta, ainda, outro julgamento de estima social. Desta vez, voltado para a capacidade: “*as crianças estão crescendo com toda essa tecnologia e esquecem (sic) de ir na rua brincar [...] deixa as crianças ‘diferentes’, [...] vão acabar parando de ser ‘criança’ de verdade*”. Para Hefesto, o fato de as crianças não brincarem mais na rua por causa do uso de tecnologias está tornando-as “*crianças diferentes*”, não são mais “*crianças de verdade*”. Identifica-se, neste enunciado, ainda que de modo implícito, os valores culturais arraigados no discurso do jovem. Valores que se propagam que “*criança-criança*” deve brincar na rua, sujar-se, jogar bola, andar de bicicleta, dentre outros; caso contrário, não é criança; ou como Hefesto referencia: “*estão parando de ser crianças de verdade*”.

No próximo excerto, o jovem Pan faz um julgamento de si baseado nos valores que a sociedade exige. Ao mesmo tempo em que expõe sua fragilidade, culpa a internet por seu vício. Vejamos:

- (6) *Minha vida sem a internet era Bom (sic) eu estudava mais serio (sic) era um menino inteligente por que (sic) eu sou um Buro (sic) so quero saber da internet (sic). [...] A internete (sic) um (sic) rede que você esquece (sic) que você tem agua (sic) coisa para fazer e esquece (sic) das horas quando vão (sic) ver já perder (sic) tempos preziosos (sic) da sua vida. A internet (sic) e (sic) uma tentasam (sic) e um vicio (sic) desliga dia pra mim seria melhor [...] a internet e estudava (sic) mais (sic) não ficaria o dia na internet. (Pan, 15 anos)*

No excerto (6), Pan tece julgamento de incapacidade sobre si ao declarar que “era um menino inteligente” (julgamento+/capacidade) e agora “*sou um Buro*” (julgamento-/capacidade). Nesse trecho, Pan tem “*sã consciência*” dos problemas gerados pelo uso excessivo da internet em sua vida, porém se encontra dominado por ela: “*A internet (sic) e (sic) uma tentasam (sic) e um vicio (sic)*”. O jovem demonstra que não gosta da internet, pois a sua vida sem a internet era boa: “*Minha vida sem a internet era Bom (sic)*”; e se não tivesse internet seria melhor: “*desliga dia pra mim seria melhor*”. Mas o vício é incontrolável, como uma droga que o domina.

Pan explica que a internet envolve a pessoa de tal forma que a faz esquecer (afeto -)o tempo, a perder (afeto-) “*tempos prezioso (sic) da vida*” (apreciação+). Em: “*a internete (sic) um (sic) rede que você esquece (sic) que você tem agua (sic) coisa para fazer e esquece (sic) das horas quando vão (sic) ver já perder (sic) tempos preziosos (sic) da sua vida*”, Pan concede à internet o atributo de “*rede que você esquece que você tem água coisa para fazer*”.

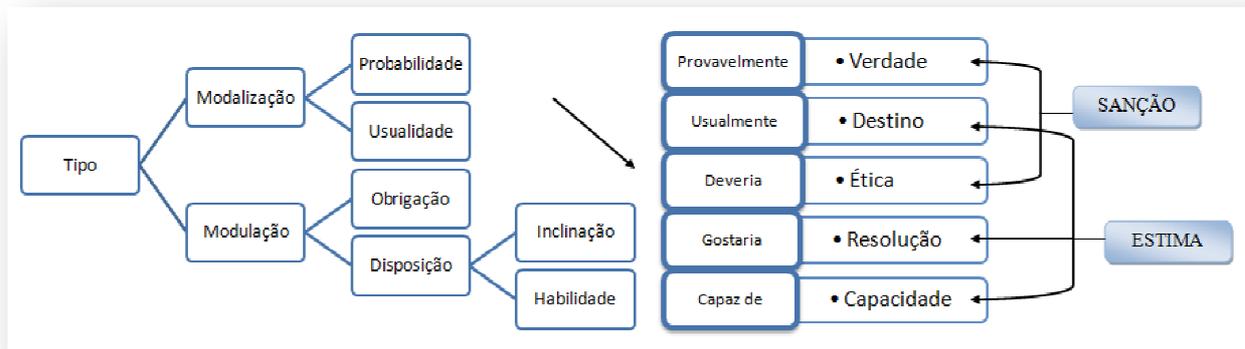
Nessa relação é possível notar a insatisfação (afeto -) de Pan diante da internet. Ela [internet] é perda de tempo precioso.

Cabe lembrar que Martin (2000) inter-relaciona as subcategorias do julgamento ao sistema de modalidade proposta por Halliday (1994). Na mesma direção, comenta Fairclough (2003), que a modalidade é o julgamento do falante quanto às probabilidades ou obrigações concernentes ao que ele diz. Nas palavras de White (2004):

Cada uma das subcategorias de Julgamento pode ser entendida como uma lexicalização de umas das categorias gramaticais da modalidade. Essa relação opera nas seguintes proporções: a normalidade está para a usualidade; a capacidade está para a habilidade; a tenacidade está para a inclinação; a veracidade está para a probabilidade; e a propriedade está para a obrigação. (WHITE, 2004, p. 189)

Vejamos a Figura a seguir que ilustra essa equiparação.

Figura 13 - Inter-relação de Modalidade e Subcategorias do Julgamento



Fonte: Adaptado de White (2004)

A modalidade configura um recurso que se situa na metafunção interpessoal descrita por Halliday. Segundo Fuzer e Cabral (2014), na modalidade o falante/escritor assume uma posição, expressa uma opinião ou ponto de vista ou faz um julgamento. Tais julgamentos estão presentes nas narrativas dos adolescentes, seja através de verbos modais, seja por meio de adjuntos modais. Observemos o fragmento (7) selecionado de uma das redações produzidas em sala de aula.

(7) *Então posso afirmar que a internet esta (sic) no meu dia a dia é um tipo de lazer pra mim porque não so (sic) muito sociável e gosto mais de ficar na internet do que com*

peças ao vivo. A internet é uma grande invenção da humanidade como o meio de comunicação e de notícias. Sem a internet não seria tão prática aprender as coisas. (Hércules, 14 anos)

Hércules expõe, no trecho acima, um julgamento, com relação a si mesmo, de estima social negativa dentro da normalidade: “*não sou muito sociável*”. Para o jovem a solução de sua introspecção está nas relações que mantêm a distância por meio da internet: “*gosto (afeto+) mais de ficar na internet do que com pessoas ao vivo*”. Hércules encontra na internet a compensação para sua “inadequação” social. Para ele, a internet “*é uma grande invenção*”, “*como meio de comunicação*”; pois sua dificuldade de interação é suprimida a distância. Não é raro que outros jovens utilizem a internet com a mesma finalidade, uma vez que há tempo para pensar o que escrever, não há necessidade de estar “ao vivo”.

Em “eu posso afirmar que”, Hércules modaliza o processo verbal “afirmar” por intermédio do auxiliar modal “posso”. Para Halliday (1994), essa é uma forma congruente (não metafórica) de modalização do discurso. Encontra-se no eixo da probabilidade e remete ao julgamento de veracidade dentro da aprovação social. O adolescente recorre a esse recurso para se justificar perante o leitor como “eu sou verdadeiro”, “estou falando a verdade”, “sou sincero”. Sigamos para outros excertos.

- (8) *Eu passo a maior parte do tempo conversando com meus amigos, no facebook e vendo notícias (sic).Raramente uso para outra coisa a não ser isso ou trabalhos da escola. Não passo muitas horas na internet, apenas horas livres. A internet é uma diversão pra (sic) mim, ela é importante na hora de um trabalho atrasado (sic), uma duvida (sic)... Se não houvesse (sic)internet, nos dias de hoje, o mundo não estaria atualizado, não existiria comunicação como hoje, nada seria tão interligado. (Salmácis, 14 anos)*
- (9) *O que mais me atrai na internet é o Facebook porque lá Eu posso conversar com os meus Amigos sem sair de casa é (sic)assim e (sic)bem mais pratico.Eu praticamente Fico De 1 hora Da tarde Até 07 horas da noite As (sic)vezes eu Fico o Dia todo raramente.A internet é muito importante na minha vida porque quando eu quero saber Alguma coisa e (sic)fácil é só eu pesquisar na internet e lá vai tar (sic)minha resposta Os dias de hoje sem a internet seria (sic) horrível quero nem imaginar.(Eros, 14 anos)*
- (10) *Hoje em dia a internet é muito usada pelas pessoas, eu, particularmente, sou um tipo de pessoa que não usa a internet frequentemente. Uso as (sic)vezes para me comunicar, ou seja, dou uma olhada no facebook, posto algumas fotos, tumbl também mexo, gosto de escutar algumar musicas (sic)no youtube, Radio (sic)UOL.(Hilas, 15 anos)*

Nos excertos (8), (9) e (10) os jovens relatam sobre a frequência com que usam a internet. Para isso, eles recorrem a adjuntos modais de usualidade. Salmácis declara que “raramente” usa a internet para outra finalidade que não seja conversar com os amigos no

facebook, ou ver notícias, ou fazer trabalhos da escola. Eros revela que “as vezes” fica o dia todo, mas é “raramente”. Hilas afirma que “não usa a internet frequentemente”.

Os adjuntos modais: raramente, às vezes e frequentemente, usados nos excertos acima, remetem à modalização de habitualidade e estão diretamente ligados à normalidade dentro da estima social. Os jovens recorrem a recursos lexicais para amenizar a usualidade da internet, tornando-a aceitável socialmente.

Observemos, a seguir, outro trecho do texto de Hermes.

- (11) *Na minha opinião (sic), entre essas, as mais utilizadas são as redes sociais, principalmente o “facebook” que engloba as atividades como comunicação, fatos, mensagens, jogos, entre outros. A internet sempre [trousse] (sic) novos recursos e avanços para a humanidade, mas devemos tomar cuidado e nunca falar ou expôr informações pessoais. (Hermes, 13 anos)*

Hermes, no excerto (11), alega que a internet trouxe “*novos recursos e avanços para a humanidade, mas devemos tomar cuidado*”. O alerta de Hermes é marcado pelo verbo auxiliar modal: “devemos” que imprime implicitamente uma obrigação. Essa obrigação está diretamente associada à propriedade de aprovação social, de ética. Hermes ressalta ainda julgamentos de estima social de normalidade por meio de adjuntos modais: “sempre” e “nunca” (“a internet sempre [...]” e “nunca falar ou expôr informações pessoais”). Tais adjuntos encontram-se em polaridades opostas e extremistas: de uma lado “a internet sempre trouxe novos recursos e avanços” e do outro “nunca [devemos] falar ou expor informações”.

Ressalte-se nesse trecho o apelo de Hermes a “devemos tomar cuidado” e “nunca [devemos] falar ou expôr informações pessoais”. O verbo modalizador “devemos” estabelece relação de obrigação na modulação. Nessa estruturação, reconhece-se a metáfora da ordem, pois, ao mesmo tempo em que Hermes comenta sobre o cuidado com a internet, arregimenta os leitores no propósito de responsabilidade no uso da internet.

Vejamos, no trecho abaixo, outra construção de julgamento relacionado à modulação de habilidade.

- (12) *Oque (sic)eu mais faço e (sic) jogar e entra no facebook fico no maximo(sic)umas 6 horas no computador conversando e so (sic)depois vou jogar algo, o que mais me atrai e faça conversando com meus colegas a importancia (sic)da internet na minha vida e (sic)que eu posso manter contato através (sic) dela como pelo celula (sic)ou computador se eu não tivesse internet teria que fica (sic)conversando por telefone já a internet e (sic) so (sic)escrever que alguém já recebe a resposta também na (sic)poderia jogar nada sem ela. (Cronos, 14 anos)*

No excerto (12), Cronos relata a importância da internet em sua vida para manter contato com os colegas, seja por intermédio do celular ou com o computador. Como visto

anteriormente, o uso da internet pelo celular é recorrente entre os jovens e não se limita mais ao computador. Isso aumenta o tempo de uso da internet pelo usuários, pois a conexão é constante.

Os recursos do uso da internet são amplos. No excerto acima, Cronos relata que usa muito a internet para jogar. O emprego do verbo modal: “posso” e “não poderia”, estabelece julgamento de capacidade para os serviços que a internet oferece: “posso manter contato” e “não poderia jogar nada sem ela”.

Além dos adjuntos e dos verbos modais usados para realizar modalizações congruentes no discurso, há realizações metafóricas que ampliam os significados modais. Observemos os excertos abaixo nos quais o julgamento ocorre através de metáforas interpessoais.

- (13) *Internet nos dias de hoje me ajuda bastante ela me informa, me distrai, ajuda a estudar é (sic) em várias coisas me chamam atenção. Mas de um tempo pra cá vem me atrapalhando bastante nas coisas de escola pois não consigo me concentrar direito tanto em casa quanto na escola. Creio que este é um problema que vem atrapalhando muito jovens, pois nós não sabemos organizar um tempo e deixá-la de lado para fazer outras coisas, ela acaba viciando com seus entretenimentos. Mas não são só coisas ruins também tem muitos bons motivos para usala (sic) e fazer boas coisas. Enfim esse é o meu ponto de vista. (Celeno, 15 anos)*
- (14) *Se não tivesemos (sic) internet, eu acharia muito melhor, porque só assim as pessoas sairiam para as bibliotecas pesquisar mais, as pessoas teriam mais comunicação uma com a outra teria mais diálogo, as pessoas ia (sic) olhar olho a olho para conversar invez (sic) de conversa por redes sociais. Os amigos sairiam mais para conversa invez (sic) de ficar criando grupinho no whatsapp ou facebook. Por isso acho que sem a internet eu viveria normalmente acho que não me fazer falta. (Tétis, 15 anos)*

Em (13), Celeno recorre ao processo mental cognitivo: “creio que”; e Tétis (14), “eu acho”. Por envolver a primeira pessoa do discurso [eu], tais realizações metafóricas têm o caráter explicitamente subjetivo, isto é, o autor declara-se responsável pela avaliação. Os processos mentais cognitivos estão relacionados à modalidade de probabilidade, pois são interpretados como uma proposição na qual o autor exerce em seu próprio direito, expõe sua opinião. O uso de modalizadores de probabilidade nos discursos ressoa como verdade ao julgamento realizado.

Para Martin, Matthiessen e Painter (2010), as realizações metafóricas também podem ocorrer explicitamente de maneira objetiva. Esse recurso distancia o autor da avaliação e ocorre por meio de nominalizações de probabilidade ou usualidade. Nos textos dos jovens não foram encontradas realizações nesse tipo de estruturação.

Partiremos agora para outra categoria da avaliatividade denominada apreciação. Antes disso, vale, aqui, salientar as palavras de Fairclough (2003, p. 185) que afirma:

A modalidade é importante na estruturação de identidades (tanto nas pessoais – personalidades – como nas sociais), no sentido que aquilo com o que uma pessoa se envolve é parte significativa do que ela é – logo as escolhas de modalidade nos textos podem ser vistas como parte do processo de estruturação da própria identidade.

Adiante, ao triangular as categorias analíticas elencadas nesta pesquisa, retomaremos aos conceitos de modalidade e julgamento.

4.1.3 Categoria de Apreciação

Por meio da Apreciação, é possível construir avaliações de aspectos estéticos sobre coisas, objetos e fenômenos. Na Apreciação a atenção se volta para o objeto da avaliação e não para o avaliador. Segundo Vian Jr (2010), “esse tipo de atitude é considerado como um dos maiores recursos atitudinais disponíveis, uma vez que se refere à maneira pela qual os falantes avaliam o texto (oral e escrito) ou o processo (fenômeno).”

Para White (2004), as pessoas, igualmente, podem ser apreciadas quando o que se discute são suas qualidades estéticas e não a aceitabilidade social de seus comportamentos.

A Categoria da Apreciação se subdivide em: Reação, corresponde às reações que as coisas provocam nas pessoas; Composição, refere-se às nossas percepções de proporcionalidade e detalhe em um texto/processo, diz respeito à organização, à elaboração e à forma pela qual as coisas e objetos foram construídos ou elaborados; e Valoração, refere-se à significação social do texto/processo, ao valor que se atribui às coisas ou objetos.

Figura 14 - Subcategorias da Apreciação



Ratifico, aqui, as inter-relações criadas entre as subcategorias da apreciação com as metafunções proposta por Halliday (1994): a Reação tem significado interpessoal, a Composição refere-se ao significado textual e a valoração, ao significado experiencial. Observa-se que, assim como o afeto e o julgamento, é possível encontrar avaliações de Apreciação com polaridade positiva ou negativa. A Apreciação é realizada por adjetivos ou locuções adjetivas, bem como por orações complexas. Passemos às apreciações presentes nos excertos a seguir.

- (15) *Os dias de hoje sem a internet seria (sic) horrível (sic) quero nem imaginar. (Eros, 14 anos)*
- (16) *A importância da internet na minha casa e (sic) enorme e porque todo mundo lá de casa usa para algumas coisas como às vezes para pesquisas, jogos, compras nos sites e verificação de mutas (sic), de contas para pargas (sic) e outros vários detalhes. (Perseu, 14 anos)*

Nos excertos (15) e (16), destacam-se duas apreciações de reação: “Os dias de hoje sem a internet seria (sic) horrível” e “A importância da internet na minha casa e (sic) enorme”. “Enorme” e “horrível” imprimem a reação-impacto que a importância da internet (ou a falta dela) provoca nos jovens. Tais apreços coadunam-se com os sentimentos de satisfação (afeto+) e infelicidade (afeto-) que suscitam em Eros e Perseu, respectivamente.

- (17) *Minha relação com a internet e (sic) perfeita, o que eu faço mais no computador e logar no programa de bate-papo entre amigos jogar muito conversar sem parar mecher (sic) no facebook escutar musicas e etc. (Aquiles, 14 anos)*

Aquiles avalia sua relação com a internet como “perfeita”. Trata-se de uma apreciação do tipo composição, visto que reflete uma avaliação quanto à composição do objeto que lhe parece bem elaborada.

- (18) *Em relação com a internet eu sou muito ligada a isto, muitas vezes eu fico sem fazer as coisas mais importantes por causa da internet, ela me interferiu muito nos estudos porque eu deixava de fazer trabalhos, deveres para se ligar nela, hoje em dia não estou muito, mas as (sic) vezes a internet domina, vicia, e eu deixo de fazer muitas mais importantes por causa dela, tento separar um tempo pra poder mexer, mas na maioria das vezes não consigo. (Héstia, 14 anos)*
- (19) *A internet é pouco importante pra (sic) min (sic) porque eu so (sic) há (sic) uzo (sic) para pesquisar e navega (sic) em site de musica (sic), rede sociais entre outro, eu não sou dependente da internet, porque existe (sic) coisas mais interessantes (sic) para fazer como, ver as notícias do Brasil e do mundo. (Morfeu, 14 anos)*

Nos excertos (18) e (19), as apreciações utilizadas por Héstia e Morfeu estão relacionadas ao valor que estes jovens atribuem às coisas: “mais importantes” e “mais interessantes”; e à internet: “pouco importante”. Embora a internet esteja presente na vida desses adolescentes, eles hierarquizam atividades do dia-a-dia onde a internet não é de maior importância.

A categoria apreciação presente nos textos dos estudantes tendem a dar importância e relevância ao uso da internet na atualidade. Eles querem demonstrar segurança e consciência o uso “adequado” aos parâmetros da sociedade: não aceitar amizade de estranhos, utilizar a internet com moderação. Porém em outros casos, demonstram dependência, e justificam que todo mundo precisa da internet, sem ela não teríamos informações, não poderíamos nos comunicar com outras pessoas.

Passemos agora ao subsistema da Gradação, recurso bastante utilizado pelos jovens como forma de hierarquizar a internet e/ou imprimir intensidade nas avaliações.

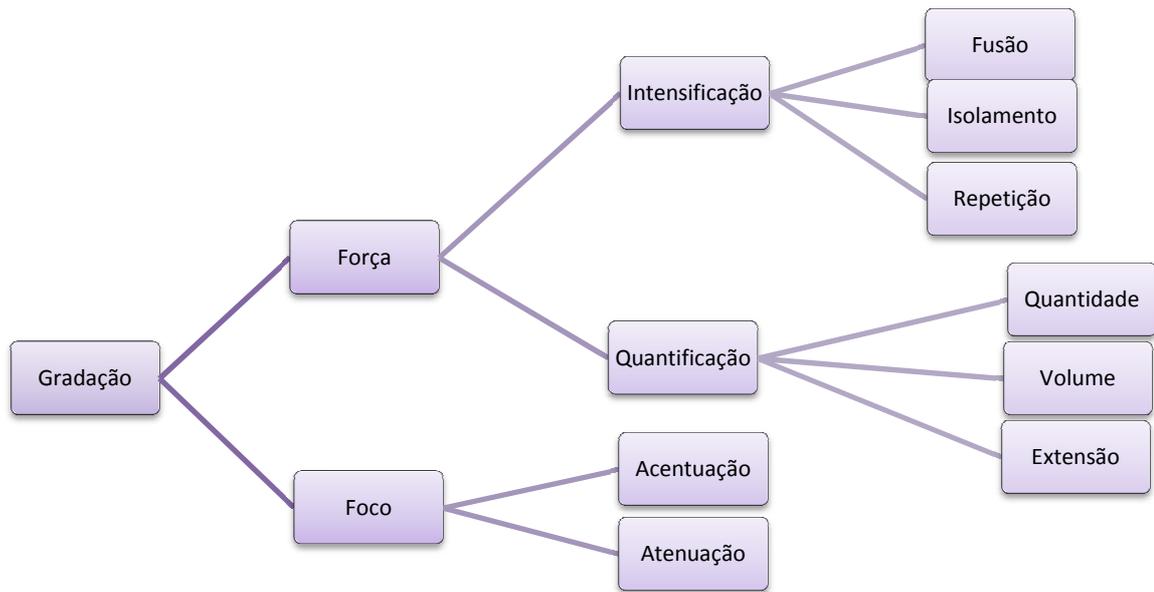
4.2 Subsistema da Gradação

A gradação é a segundo maior subsistema de significados. O fenômeno da Gradação refere-se à utilização de recursos léxico-gramaticais para expressar maior ou menor grau de positividade ou negatividade das avaliações de Julgamento, Afeto e Apreciação disponíveis no Subsistema de Atitude. Para Martin e White (2005, p. 37), a gradação tem a ver com o ajuste do grau de avaliação, ou seja, o quão forte ou fraco é o sentimento.

A Gradação pressupõe a existência de uma escala ou intensidade virtual de valores. O Subsistema de Gradação apresenta dois subsistemas: Força e Foco. Força, que oferece recursos para graduar qualidades e processos. No subsistema Força estão as intensificações, a morfologia comparativa e superlativa, a repetição, algumas características grafológicas e fonológicas, além de léxicos intensificadores, como detestam para coisas que realmente não gostam. O outro subsistema é o Foco, que oferece recursos para graduar categorias semânticas que em princípio não são passíveis de serem graduadas.

A figura, a seguir, ilustra o Subsistema de Gradação.

Figura 15 - Subsistema Gradação



Na categoria Força, Martin e White (2005) identificam duas opções: Intensificação que trata da gradação de processos, qualidade e indicadores de modalidade e a Quantificação que trata apenas da gradação de entidades.

A Intensificação utiliza-se de recursos de gradação por meio da Fusão no qual o grau de intensidade é incorporado ao significado por meio do léxico (gostar, amar, adorar); do Isolamento, por meio de uso de advérbios ou locuções adverbiais (um pouco, muito, bastante); ou da Repetição de um mesmo item lexical. Em vários excertos acima foram destacadas marcas de gradação que acompanham o Subsistema da Atitude. Retomemos alguns excertos.

(01)[...] ficar sem internet hoje em dia para muitas pessoas é o fim do mundo, e (sic) muito difícil você viver sem isso, facilita muito para a gente, principalmente, para quem estuda, porque e (sic) mais fácil você fazer um trabalho na internet do que você pesquisar em um livro, é isso. (Atena, 15anos)

No excerto (1), a Gradação ocorre por isolamento. O texto é marcado pelos intensificadores “muito difícil” (afeto-), “facilita muito” (afeto+), “mais fácil” (afeto+). A circunstância modal: “principalmente” também é um recurso avaliativo de afeto positivo que anuncia a importância (e gradação) do uso da internet “para quem estuda”. Além disso, é utilizada a comparação: “é o fim do mundo” (afeto-) em um extremo máximo da gradação para a possibilidade de “ficar sem a internet”.

Vejamos outro tipo de Gradação presente nos textos produzidos pelos adolescentes:

- (02) *O que eu mais gosto de fazer na internet é mexer no facebook, é um vício. Eu não consigo passar um dia sequer sem facebook, nem que seja só um minutinho. Enfim, eu amo a internet, simplesmente. (Hera, 14 anos)*

No excerto 2, a Intensificação ocorre por Fusão através dos Processos Mentais Afetivos: gostar e amar. A jovem revela em seu texto ocupações que gosta de fazer na internet, seu vício pelo *facebook*, o desejo incontrolável pelo acesso diário ainda que “só um minutinho”. E por fim, sintetiza todo o seu envolvimento com “eu amo a internet, simplesmente”.

O uso de Gradação nos textos dos adolescentes marca seu grau de envolvimento com a internet e, muitas vezes, seu próprio vício, assim relatado pela jovem: “eu não consigo passar um dia sequer sem *facebook*.” O emprego do sufixo diminutivo na palavra “minutinho” em: “nem que seja só um minutinho” imprime relação afetiva e carinhosa através da redução da força avaliativa.

É importante ressaltar que o sufixo diminutivo tem um valor avaliativo muito significativo de caráter positivo, afetivo e carinhoso, como a do excerto acima; por outro lado, pode imprimir um caráter irônico e depreciativo, como a do excerto (14): “[...] criando grupinho no whatsapp ou *facebook* [...]”.

Retomemos ao excerto (18), agora, para analisar a Gradação empregada pelo participante ao explicar sua relação com a internet.

- (18) *Em relação com a internet eu sou muito ligada a isto, muitas vezes eu fico sem fazer as coisas mais importantes por causa da internet, ela me interferiu muito nos estudos porque eu deixava de fazer trabalhos, deveres para se ligar nela hoje em dia não estou muito, mas as (sic) vezes a internet domina, vicia, e eu deixo de fazer muitas coisas mais importantes por causa dela, tento separar um tempo pra poder mexer, mas na maioria das vezes não consigo. (Héstia, 14 anos)*

No excerto (18), o jovem utiliza-se de atributo e epíteto para realizar a Atitude de Afeto no discurso. No processo relacional “ser”, o *Emoter* atribui a si o título “eu sou muito ligada a isto”. A jovem refere-se à internet como representação de felicidade positiva (afeto+). O *Trigger*, termo utilizado por Martin e White (2005) para denominar o fenômeno responsável pela emoção, está representado por “ligada” o qual é intensificado pelo advérbio “muito”. A jovem recorre ao intensificador “muita” logo em seguida para o termo circunstancial de frequência “muitas vezes” o que torna imensurável as circunstâncias em que “fica sem fazer as coisas mais importantes por causa da internet”.

Em: “fico sem fazer” o Ator do processo material “fazer” avalia negativamente (afeto-) a não-realização da Meta “as coisas mais importantes” em virtude do uso intensivo da

internet. No enunciado seguinte, “ela me interferiu”, o Ator do processo material interferir é atribuído à internet. O processo interferir tem em si uma carga semântica e cultural negativa, de frustração, de ação interrompida. O próprio processo revela apreciação de sanção social negativa. No trecho analisado, o processo “interferir” é intensificado pela circunstância modal “muito” o que denota a principal causa do mau rendimento escolar: “ela [internet] me interferiu muito nos estudos”.

O intensificador “muito” foi utilizado três vezes no trecho acima: “muito ligada”, “interferiu muito”, “não estou muito”. Isto demonstra uma valorização do sentimento na relação da jovem com a internet. Outra forma de intensificar essa relação é quando a estudante escreve: “eu fico sem fazer as coisas mais importantes por causa da internet”. A expressão: “mais importante” hierarquizar atividades do seu dia ao mesmo tempo em que coloca a internet em outro grau, de menos importante ou não tão importante quanto os demais compromissos.

O texto apresenta relativo conflito quando a jovem reconhece que a internet interferiu (finito: pretérito perfeito do indicativo) em sua vida, mas “hoje em dia” (circunstância de espaço tempo presente): “não estou muito [ligada]”. Há uma tentativa da jovem em distanciar os eventos como fato passado, que não faz mais parte de seus problemas. Porém, em seguida a jovem, acrescenta que “as vezes a internet domina, vicia”. Essa sequência revela que a internet tem uma força maior que a dela de dominação e vício. A jovem é consciente de sua fragilidade perante a internet e manifesta uma tentativa de autocontrole quando informa que: “tento separar um tempo pra poder mexer”, porém a investida é frustrada: “na maioria das vezes não consigo”. Tal como qualquer vício, o dependente sente-se incapaz de lutar contra sua força. Essa fragilidade foi notada igualmente na narrativa de Pan, excerto (6), analisado anteriormente.

Nota-se que os Processos Mentais: interferir, dominar e viciar, utilizados pela adolescente geram uma Gradação por meio da fusão dos sentidos. O jovem descreve o momento que vive como uma “luta” em que de um lado tem-se o seu maior opositor: a Internet e do outro o próprio jovem. Quando diz: “não consigo” remete a uma fragilidade de quem está dominado pelo vício, e um fortalecimento do opositor: a internet.

Nessa luta de força, a internet é personificada. É a internet o Experienciador do Processo: interferir, dominar, viciar. Esse tipo de metáforização está presente em vários trechos das produções que são *corpus* desta pesquisa. Os jovens descrevem a internet, ora como seu maior opositor/dominador, ressaltado no excerto 4; ora como amigo, presente em

outros trechos que serão analisados na seção na qual tratarei exclusivamente dessa personalização da internet.

Na Gradação por Quantificação, Martin e White (2005) identificam três opções de reverenciar o subsistema: quantidade (por meio de numerativos quantitativos indefinidos), volume (refere-se ao tamanho) e extensão. A maioria das realizações de gradação por quantificação ocorre por isolamento, quando se acrescenta um léxico à palavra graduada.

No excerto (18), a expressão em destaque: “muitas vezes eu fico sem fazer as coisas mais importantes por causa da internet” o emprego do numerativo quantitativo indefinido “muito” sugere um processo incontável do tempo. Nesse caso, pode-se inferir que ocorra uma ação repetitiva. O enunciado volta a ser resgatado na sequência do texto, desta vez com ênfase: “deixo de fazer muitas [coisas] mais importantes”. Mais uma vez, Héstia reforça que existem inúmeras [coisas] que deveriam prevalecer à internet. Vejamos outro excerto.

(16) *Lá em casa, eu uso a internet entre 30 a 1:30 por dia com vários jogos, filmes e nas redes sociais. A importância da internet na minha casa e (sic) enorme e (sic) porque todo mundo lá de casa usa para algumas coisas como as (sic) vezes para pesquisas, jogos, compras nos sites e verificação de muitas contas para pargas outros vários detalhes. (Perseu, 14 anos)*

No trecho (16), o estudante narra o uso rotineiro da internet e recorre à gradação para quantificar por meio de numerativos indefinidos: “vários jogos”, “algumas coisas”, “muitas contas” e “vários detalhes”. Trata-se de elementos que ele não conseguiria quantificar precisamente, como a infinidade de jogos, de contas, de detalhes. Além disso, a gradação por quantificação pode ocorrer por meio de metáfora, como a do excerto: “todo mundo lá de casa” que aproxima a grandiosidade do uso da internet na enunciação proposta por “importância da internet na minha vida”. Vale ressaltar que, embora a internet seja muito importante e que é possível fazer “várias coisas” como descreveu o estudante, existe um limite de tempo para seu uso: “entre 30 a 1:30 por dia”. Isso demonstra um uso controlado e definido da internet que se contrapõe às “quantificações indefinidas” de formas de uso apresentadas no trecho.

Na categoria Foco, os recursos lexicais são utilizados para graduar categorias semânticas que, em princípio, não são graduadas. A Gradação no subsistema Foco não foi recorrente nas produções de textos dos adolescentes. Porém, ressaltá-lo-ei no trecho abaixo.

(20) *Eu e a internet temos uma relação meio que ótima, ao meu ponto de vista. Eu mexo na internet pelo menos umas 20 horas por dia, acho que de hora em hora eu estou na internet. Fico mesmo e no facebook, whatsapp, instagran, twitter, etc. Eu realmente quase não mexo na internet para saber sobre algo que tenho dúvidas da escola, mais enfim eu e a internet temos um relacionamento muito bom, eu não conseguiria ficar*

muito tempo sem a internet seria difícil, pois a internet é algo que todos precisam. Nenhum jovem hoje em dia fica muito tempo sem a internet. (Aelo, 14 anos)

No excerto (20), aparecem os dois tipos de gradação: em “meio que ótima” o léxico ótima recebe um atenuador que modifica a intensidade intrínseca da palavra “ótima”. Em “fico mesmo” e “eu realmente” o efeito é acentuar, enfatizar no sentido de demonstrar veracidade e autenticidade no que se fala.

Até aqui foram exploradas não só as categorias pertinentes ao Sistema de Avaliatividade, mas também categorias pertinentes aos processos da transitividade e dentro, do julgamento, a metafunção interpessoal. Enquanto os processos mentais e relacionais predominaram nos textos escritos produzidos na escola, nas entrevistas predominaram os processos materiais, voltados para o mundo físico da rotina deles, o que será discutido mais adiante.

Antes de ancorarmos no *corpus* do *facebook*, façamos uma pausa na personificação da internet na próxima seção.

4.3 Personificação da internet

A personificação da internet é recorrente nos textos dos jovens, dedico uma seção para tratar do assunto. Retomemos alguns excertos já apresentados aqui.

- (21) *Internet... Ela acaba sendo uma vida né. Acho que eu não conseguiria (sic) viver sem a internet (sic). Além de me auxiliar nos trabalhos (Porque procurar em livros demoraria muito tempo) ainda tem as redes sociais, e tudo que você quiser saber sobre qualquer coisa, dez de (sic) uma receita até um país (sic) desconhecido ela vai te dizer. (Hera, 14 anos)*

No enunciado: “ela acaba sendo uma vida” (excerto 21), Hera vivifica a internet ao mesmo tempo em que estabelece uma estreita ligação com a mesma: “Acho que eu não conseguiria (sic) viver sem a internet (sic)”. Esse paradoxo de “vida” e “não (...)viver” demonstra a dependência de Hera. Os processos material (auxiliar) e verbal (dizer) em: “além de me auxiliar (processo material) nos trabalhos” e “ela vai te dizer (processo verbal), dão à internet, mais uma vez, a condição humana de agir e dizer.

Retomemos o excerto 14, a seguir:

- (14) *A internet me atrai com varias (sic) coisas como tudo que agente (sic)precisa (sic) ou tem duvida a internet nos da (sic) resposta. Eu mecho o tempo todo na internet porque e pelo celular e praticamente o wi-fi fica ligado mais nem porisso (sic) eu fico 24 horas na internet. A importância da internet na minha VIDA, e que quando eu precisar (sic) fazer trabalho de escola eu não preciso (sic) sair de casa para ir na (sic) biblioteca pesquisar*

em livros apesar que e (sic) bom, mais com a evolução da tecnologia de hoje em dia pesquisa na internet fica muito mais fácil. (Tétis, 15 anos)

Nesse trecho, Tétis, assim como Heras, dá voz à internet: “a internet nos da (sic) resposta”, isto é, ela [internet] responde (processo verbal), interage com a jovem. A internet é o dizente desse enunciado. Essa personificação humaniza a relação homem x máquina (internet), tornando-a mais agradável e menos mecânica e assim, talvez, justifique essa presença mais constante, e viciante, no dia-a-dia das pessoas.

A adolescente admite a presença da internet durante 24 horas em sua vida. Observa-se que novamente esse estreitamento da internet na vida do jovem, como parte relevante, talvez parte do corpo onde a descrição da importância da internet é intensificada pela palavra “VIDA” em letras destacadas no texto.

- (18) *Em relação com a internet eu sou muito ligada a isto, muitas vezes eu fico sem fazer as coisas mais importantes por causa da internet, ela me interferiu muito nos estudos porque eu deixava de fazer trabalhos, deveres para se ligar nela hoje em dia não estou muito, mas as (sic) vezes a internet domina, vicia, e eu deixo de fazer muitas mais importantes por causa dela, tento separar um tempo pra poder mexer, mas na maioria das vezes não consigo. (Héstia, 14 anos)*

No excerto (18), ressaltam-se os processos mentais “interferiu”, “domina” e “vicia” que fazem da internet o experienciador consciente. De acordo com Fuzer e Cabral (2014), “nas orações mentais, os participantes são tipicamente humanos”, ou seja, a função do experienciador “pode ser exercida por entidades inanimadas ou desprovida de consciência, desde que criadas pela mente humana”. Nesse caso, a própria internet detém a cognição do processo.

4.4 Os posts – Curtir * Comentar * Compartilhar

Nesta seção, apresento as análises das postagens no ciberespaço. Os dados foram agrupados em categorias a julgar pela recorrência nos textos coletados da internet. Essa análise tem por objetivo identificar traços do perfil do jovem no ambiente virtual, suas interações e negociações. Esses dados serão posteriormente triangulados ao conteúdo das produções de texto (escritas) de seu ambiente real e às entrevistas (oral/ presencial).

4.4.1 Customização do perfil

Ao me inserir no campo virtual para observação alguns procedimentos pareceram-me rotineiros. Um deles foi o primeiro impacto da página. O que estava apresentado de imediato na página dos meus colaboradores. Queria ver como eles mesmos se descreviam na rede. A customização dos perfis se realiza por meio de uma autodescrição com a publicação de dados referentes a trabalho e educação, locais onde moraram, informações básicas e contato, detalhes sobre o participante e acontecimentos marcantes que ficam registrados na *timeline* do usuário. Além dessas informações, ainda é possível marcar as opções de esporte, música, livros, programas de TV, dentre outros. Para Ramalho e Resende (2011), tais informações de preferências relacionadas ao consumo fazem parte da autoidentificação dos indivíduos na atualidade.

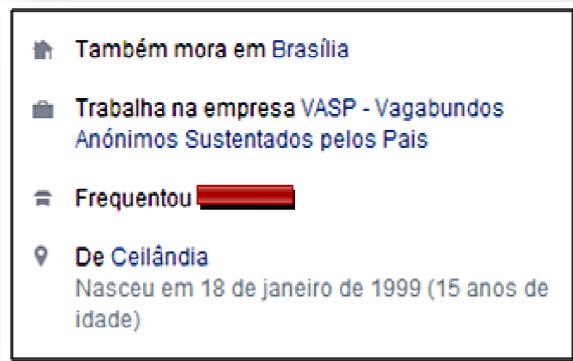
Nota-se na análise do perfil dos jovens que esta customização é realizada de maneira personalizada, e muitas vezes os campos preenchidos não coincidem com os de seus colegas. A seleção de dados para customizar o perfil expressa como o usuário deseja que os outros o vejam. Conforme Rosa e Santos (2013, p. 101) “o usuário cria e customiza um perfil que o represente da melhor forma possível, mas que contenha – ainda que indiretamente – aspectos relativos às suas identidades.” Alguns jovens optam pela privacidade e restringem o acesso à informação e/ou não informam todos os dados solicitados pelo *Facebook*. Outros preenchem com bom humor os dados referentes a seus perfis. Observemos os excertos a seguir.

(22)



(Perfil de Ártemis, 15 anos)

(23)



(Perfil de Deméter, 14 anos)

Nos excertos (22) e (23), temos dois exemplos do preenchimento da “identidade” virtual que são visualizados na rede. Embora não seja a maioria dentre o grupo pesquisado, os perfis acima se destacam pela criatividade nas respostas e assinalam para uma tendência à informalidade na rede social. Ao quesito: trabalho, Ártemis e Deméter recheiam seu perfil com “A casa da mãe Joana” e “VASP – Vagabundos anônimos sustentados pelos pais”, respectivamente. O preenchimento dessa informação no *Facebook* não é obrigatório, porém as duas jovens encontraram, na descontração, respostas que satisfizessem tal lacuna.

O ícone do capelo  está relacionado aos dados referentes à educação. Nos dois recortes acima, o preenchimento ocorre com o processo material “frequentou” o que denota ação concluída - o finito do verbo está no pretérito perfeito do indicativo. O tempo da ação verbal pode ser alterado pelo usuário do *Facebook* ao que baste complementar o período em que está ou ficou na instituição apontada. Porém, a informação postada por Atena é ratificada com: “Formou-se em 2013”, o que leva a entender que a jovem quer aparecer como formada e não mais estudante. O dado do perfil de Ártemis não é questionado por nenhum de seus amigos, talvez por cumplicidade ou um detalhe irrelevante dentro da internet.

O local do nascimento aparece no *Facebook* representado pelo ícone do alfinete . Essa informação não é omitida pelos usuários da rede e participantes desta pesquisa. Todos especificam o lugar onde nasceram. Existem alguns que preferem usar a referência local mais geral, como apresentado no perfil de Ártemis: Goiânia; há outros que especificam a cidade, como no caso de Deméter: Ceilândia. Essa divisão é equilibrada e não se pode afirmar que intencional. O mesmo ocorre quando da informação do lugar onde mora: Brasília ou

Ceilândia. A inconstância quanto à localização geral ou à específica é perceptível dentro do próprio perfil dos usuários. Ártemis, que nasceu em Valparaíso de Goiás (esta informação está nos dados da entrevista), apresenta-se como nascida em Goiânia (geral) e mora em Ceilândia (específico). Deméter faz a relação inversa: nasceu em Ceilândia (específico) e mora em Brasília (geral). A localização geral é relevante para usuários do *facebook* que estão em outros estados uma vez que as informações no ciberespaço circulam o mundo. A alternância ora local geral, ora específico demonstra que a informação prestada é aleatória para os casos analisados.

Outra referência que aparece em todos os perfis dos jovens desta pesquisa é a data de nascimento. Alguns usuários omitem o ano da natividade, mas o dia e mês são informações verídicas e confirmadas ao longo da linha do tempo através das felicitações dos amigos.

A jovem Ártemis possui duas contas no *Facebook*. Fazemos uma comparação dos dois perfis traçados pela mesma pessoa.

(24)



(Perfil I de Ártemis, 15 anos)

(25)



(Perfil II de Ártemis, 15 anos)



(II - Narcisismo de Eros, 14 anos)

(28)



(Comentário de uma *selfie* postada por Deméter, 14 anos)

(29)



(*Selfie* de Deméter, 14 anos, e uma amiga)

Conforme sugerem os excertos (26), (27), (28) e (29), os “Narcisos” do século XXI gostam de contemplar-se a partir de fotos postadas no ambiente virtual. Nos quadros de 6 a 9 todos os envolvidos fazem comentários da própria imagem. As fotos são importantes para composição do perfil na rede. Nota-se que a maioria das interações entre os jovens se dá a partir de fotografias/*selfies* postadas no *Facebook* e os comentários das fotos são bastante relevantes para os donos dos perfis.

Observa-se nos segmentos acima que “o processo relacional “ser” é utilizado pelo jovem para enfatizar seu próprio atributo: “sou linda”, “sou muito gato”, “não to eu sou”,

“somos lindas”. Mas esse mesmo processo é “dispensado” e subentendido na oração quando o atributo é parte dos comentários dos amigos, como em (26): “LINDOS” e nos fragmentos a seguir.

Ressalte-se ainda no quadro 6 a imposição de Deméter ao postar: “não to eu sou”. A troca dos léxicos “estar” por “ser” remete ao entendimento de que o atributo (aqui podemos aferir que Deméter fala da beleza, uma vez que se trata do comentário de uma foto) é parte intrínseca da pessoa que fala e não um estado passageiro, momentâneo: “estou bela, linda”.

Para Rosa e Santos (2013, p. 104), “o chamado ‘eu’ visual (visual *self*) é de grande relevância na dinâmica interacional do *Facebook* e constitui-se como uma das principais táticas dos utilizadores no que se refere à gestão de impressões.”

4.4.3 Comentários de contemplação

Os comentários possuem sentido especial no *Facebook*, pois cumprem o papel social de cortesia. A dinâmica interacional dos jovens na rede social acontece, principalmente após a postagem de fotos publicadas nas *timelines*. Comentários curtos e relacionados à estética são recorrentes entre os adolescentes. Observemos os excertos emoldurados dos quadros apresentados a seguir.

(30)



(Contemplação a Tétis, 15 anos)

No excerto (30), que demarca outro momento interacional, as jovens recorrem a atributos como: “gata”, “dlç” (delícia) e “minha Preta Lindaa”; para comentarem uma foto de Tétis. Além de escolhas lexicais, as jovens usam *emoticons*, recursos paralinguísticos que representam emoções (*emotion+icons*): 😊❤️😘😘 Observe-se, no excerto (30), em questão, que as frases não têm pontuação, as jovens escrevem livremente, sem preocupação com a sinalização gráfica para marcar as pausas ou a entonação. Cabe ao leitor estabelecer quando serão feitas as interrupções na leitura para que haja compreensão do diálogo. A linguagem informal no discurso e o uso da expressão “minha Preta Lindaa” denota alto grau de intimidade e envolvimento afetivo entre as participantes. A abreviação “dlç”, repetida pelas envolvidas nesta interação, também remete a proximidade entre as jovens.

Um estudioso, David Crystal⁸, analisou alguns grupos em salas de bate-papo. Para Crystal (2001, p. 170) a escrita, nesses espaços, ocorre de maneira espontânea e não editada. Para o autor, as evidências da notável versatilidade linguística que há entre as pessoas comuns – especialmente o pessoal jovem, torna-se fascinante. Compartilho tais observações do linguista para as interações que ocorrem dentro do *Facebook*. Vejamos o segmento, a seguir.

(31)



⁸ Linguista, palestrante, escritor e acadêmico britânico pertencente à Ordem do Império Britânico. Autor de A revolução da linguagem e *Language and the Internet*.

(Contemplação a Deméter, 14 anos)

No Quadro que emoldura o segmento dialógico (31), há uma sequência de contemplação à jovem Deméter. Para cada novo comentário há um registro diferente marcado através de recursos gráficos que diferencia e (re)cria o atributo: “gata”, “gataa” e “gatinha” e “linda”, “lindaaa” e “lindaaaa”. A repetição de signos gráficos na escrita dentro da internet não coincide aos padrões da enunciação da oralidade. Há alongamento da última vogal em “gataa”, “lindaaa” e “lindaaaa” que não assinala a sílaba tônica, uma variação não esperada no nível fonético. O esperado é que o alongamento vocálico sonoro ocorresse na sílaba tônica. No excerto em análise aparece um atributo irônico: “o bichinha feia kkkkkkk”, o que vem de encontro ao que foi dito anteriormente: “linda”, “gata”. O emprego do diminutivo (bichinha) e a sequência de “kkkkkkk” desmontam a suposta agressividade a Deméter e imprime intimidade e proximidade entre os participantes.

Resulta que os jovens investem muita criatividade para atribuir ao texto um acesso mais global e mais próximo à relação face a face. Essa criatividade aparece na criação de códigos que utilizam ora o alfabeto, ora outros caracteres que aproximam a linguagem escrita de uma conversação oral. Vejamos alguns recursos usados pelos jovens nas interações *online*.

4.4.4 Repetição de recursos gráficos da escrita

É comum na linguagem da internet a repetição de recursos gráficos da escrita em uma tentativa de aproximação da oralidade. Marcuschi (2010, p. 76) credencia essas novas formas de escrita à reprodução da língua falada. O que ocorre é uma combinação da escrita com a fala, “manifestando um hibridismo ainda não bem conhecido e muitas vezes mal compreendido”, mas “tudo indica que está se constituindo um novo formato de escrita em uma relação mais íntima com a oralidade do que a existente”. Os excertos colhidos na ferramenta *facebook* ecoam as ponderações do referido autor.

Um caso comum nas interações, e bastante recorrente nos dados, é o alongamento da vogal tônica, que intensifica a tonicidade da palavra e apropinqua-se ao nível fonológico. O excerto anterior apresenta a repetição da última letra. Observa-se, no entanto, que essa repetição não se ajusta à tonicidade da palavra, como nos casos registrados com a repetição

vocálica em sílaba pós-tônica: “gataa”, “lindaaa” e “lindaaaa”. Normalmente, o que ocorre é uma manutenção, em termos icônicos, ainda no nível fonético, de uma regularidade de um padrão esperado, que é o alongamento vocálico da sílaba tônica.

(32)



(Alongamento de vogais em discurso de Ártemis, 15 anos)

No excerto acima, Ártemis se utiliza do alongamento da vogal ao postar seu *status* no *Facebook* e repete o procedimento no comentário. A extensão recai sobre a tônica e aproxima-se da fala. Na primeira ocorrência, destaca-se o uso da maiúscula que remete a ação de “gritar” dentro da internet.

(33)



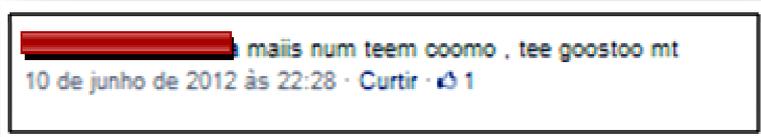
(Alongamento de signos gráficos – Tisifone, 14 anos)

Observe-se que no excerto (33) acima, o alongamento da vogal simula uma entonação oral por meio da escrita. No excerto, a jovem Tisífone utiliza o alongamento de vogais, porém ocorre uma variação não esperada no nível fonético. Podemos destacar: “amooooooooooooo!!! Demaiisssssssssss!!!”, “disssooooooooooooo!” e novamente “amooooooooooooo”, no qual o som estendido recai sobre a última sílaba e não sobre a tônica. Além da vogal, a sibilante

surda /s/ dos itens lexicais: demais e nossa, foram ressaltados. Observa-se uma instabilidade em registro, em termos de desvios não esperados como: Demaiisssssssssss!!!!”, “dissoooooooooooooo!”. Aqui, os registros aparecem como encadeamento com pistas de musicalidade em uma extensão prosódica da fala.

Vejamos outra manifestação de alongamento de letras.

(34)



(Ártemis, 15 anos)

(35)



(Afrodite, 15 anos)

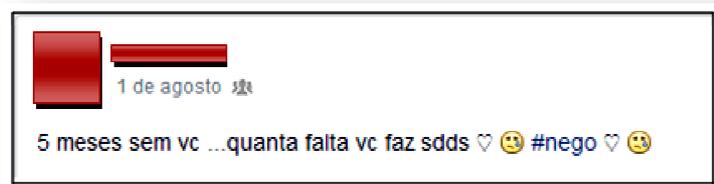
Nesses dois casos, Ártemis e Afrodite optam por duplicar a vogal em todas as palavras: “maiiis”, “teem”, “coomo”, “tee”, “goostoo”, “poovoo” e “liindoo”. A duas jovens fazem o desdobramento da vogal de forma aleatória, pois nem sempre coincide com a sílaba tônica e em alguns casos, como: goostoo, poovoo e liindoo; a repetição ocorre em todas as vogais da palavra. Pelo menos no registro dos jovens no *Facebook* índices que podem ser associados ao princípio da iconicidade tão usado no plano do conteúdo: quanto mais forma, mais conteúdo – ele transferiu para o plano de expressão. Ainda no Quadro 13, aparece outro recurso bastante recorrente nas conversas da internet, a abreviação das palavras: “Slv” (salve).

4.4.5 Apagamento das vogais/ abreviações

A linguagem na internet se apresenta, por vezes, abreviada. É uma linguagem econômica, telegráfica. E é notória a habilidade no uso desse recurso entre os adolescentes que “brincam” com as palavras e as recriam em um jogo de fórmulas abreviadas. Para Marcuschi (2010, p. 75) as abreviaturas usadas nas CMC (comunicação mediadas por computador) são passageiras, mas algumas se reconhecem próprias desse meio: “isso significa que há uma contribuição inegável dessa escrita para a formação de novas variedades comunicativas”.

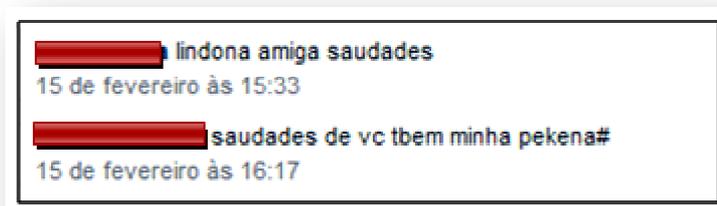
O uso de abreviações é uma forma de agilizar a escrita, dizer muito em pouco tempo. As frases são curtas e as palavras abreviadas o que torna a tarefa de teclar mais rápida. Observemos os quadros abaixo.

(36)



(Abreviações de Deméter, 14 anos)

(37)



(Abreviações Ártemis, 15 anos)

(38)



(Abreviações Ártemis, 15 anos)

Nos recortes (35),(36) e (37), tanto Deméter quanto Ártemis demonstram conhecimento quanto aos artifícios de que dispõem na internet. O uso de abreviações, *emoticons/smyles* e # (*hashtag*) evidencia que as jovens são “letradas” nesse tipo de comunicação. As abreviações se dão, normalmente, pelo corte das vogais. Isso ocorre em: “vc” [você], “sdds” [saudades] e “pdc” [pode crer]. Em outros, conserva-se uma vogal para entendimento da palavra: “tbem” [também] e “ens” [é nós].

Como já mencionado por Galli (2010), em seestudo sobre a linguagem na internet, os usuários da internet produzem uma linguagem própria repleta de termos próprios que compreendida no conjunto da rede. Muitas abreviações acima só são compreendidas no contexto da conversa, como “sdds” [saude], “pdc” [pode crer]. Outras abreviações se repetem entre os jovens e se tornam características na rede, como “vc” [você], “tb” [também], “hj” [hoje].

Por outro lado, Rajagopalan (2013) sugere que o internetês⁹ é uma língua em construção. Nas palavras do autor:

⁹Internetês é um neologismo (de: Internet + sufixo ês) que designa a linguagem utilizada no meio virtual.

uma língua sendo moldada de acordo com as necessidades e as conveniências que vão surgindo, movida e enriquecida constantemente pela criatividade e engenhosidade dos milhões de usuários e marcada pela concisão e compreensão de redundâncias e de tudo o que é desnecessário do ponto de vista estritamente comunicacional.(RAJAGOPALAN, 2013, p. 45)

Observemos a seguir os *emoticons* e as onomatopeias que fazem parte da escrita na internet e foram encontrados no *corpus* desta pesquisa.

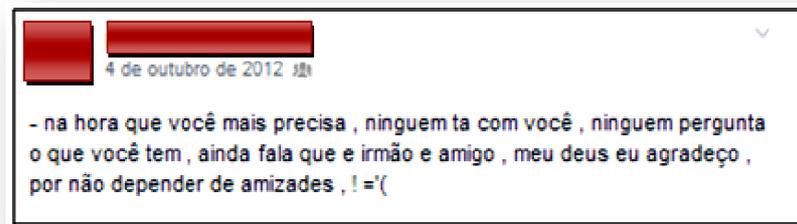
4.4.6 Emoticons e onomatopeias

Os *emoticons* são elementos gráficos utilizados para simular expressões faciais e emoções por meio da escrita. Segundo Sherperd (2013, p. 265) os *emoticons* “podem ser considerados simulacros de emoções”. Os jovens utilizam uma combinação de caracteres, como: parênteses, dois pontos, travessão, ponto e vírgula, etc. que simulam expressões (alegria, tristeza, sono, espanto, admiração, dentre outros) as quais, associadas ao texto, imprimem vivacidade ao diálogo como se estivessem em uma relação face a face. É uma forma de humanizar a interação na internet.

Observemos alguns fragmentos.

(39)

(39)



(Desabafo de Ártemis, 15 anos)

A construção do enunciado acima é marcada pelo apagamento do sujeito com o uso do pronome você. O desabafo de Ártemis, no Quadro (39) é marcado no final do seu enunciado, por um sinal de igual, apóstrofo e parênteses [='(] para indicar que está chorando (o apóstrofo sinaliza uma lágrima escorrendo dos olhos).

(40)

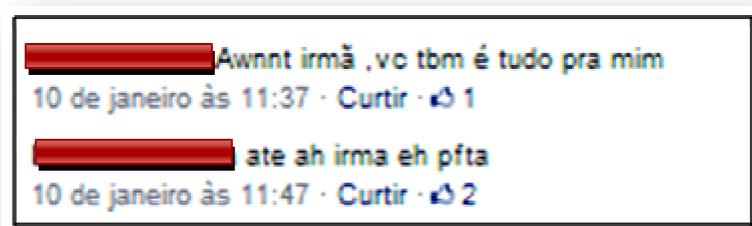
(Tétis e *emoticons*, 15 anos)

No diálogo acima, observamos que Tétis, ao ser contemplada pela amiga como: “minha nega linda” agradece o comentário com uma demonstração de carinho (afeto+/felicidade) representada na interação pelos corações [s2] ao final da fala: “brigaduu!s2s2s”. Na segunda interação, outra amiga dispara um: “Linda” o qual Tétis retribui: “vc também” e recebe com alegria: “rrsrrsrs :d”. A associação de “dois pontos” com a letra “d” representa um largo sorriso em resposta ao atributo recebido.

Essas associações ganham sentido dentro do contexto da enunciação dos jovens na internet e interferem na semântica do texto, como no excerto (39) em que Ártemis deixa claro que está muito triste e chora.

Além dos *emoticons*, o uso de onomatopeias parece recheiar de vida o espaço virtual. Tétis imprime riso, felicidade através do: “kkkkkkkkk” e depois “rrsrrsrs”. Nos quadros abaixo, seguem outras manifestações onomatopaicas usadas pelos jovens.

(41)



(Onomatopeia de Afrodite, 15 anos)

(42)



(Desabafo de Deméter, 14 anos)

Afrodite (41) recorre à onomatopeia “awntt” para demonstrar o carinho ao comentar uma foto abraçada à irmã. A expressão significa: “não sei o que dizer”, “estou emocionada”, “que fofo”; remete à emoção que faz parte da linguagem virtual.

No Quadro recortado em (42), o sentimento é diferente: aparece angústia e tristeza. O *emoticon* [:@] representa grito após a expressão “estresse nas alturas”. O enunciado passa a ter significado de revolta. O consolo da amiga de Deméter é respondido por um “aff ã consigo ;(” em uma manifestação de desaprovação, de indignação e tristeza. Os desabafos na internet mostram que ali funciona como um lugar de refúgio para os jovens, que buscam na rede virtual alguém para compartilhar seus sentimentos, “desestressar”, ou fugir da solidão.

4.5 As entrevistas

As entrevistas foram realizadas no ambiente escolar dos jovens participantes desta pesquisa. A entrevista teve por objetivo conhecer melhor os jovens, suas rotinas diárias, o que fazem em seu tempo livre, conhecer um pouco mais de sua vida *offline*, bem como conhecer as relações que são feitas dentro da internet (ambiente *online*).

Nesse tipo de relato, destacaram-se os processos materiais, concatenados ao mundo físico, do agir, do fazer. Tais processos são responsáveis pela criação de uma sequência de ações concretas (Halliday & Matthiessen, 2004), sejam elas criativas ou de transformação. Observemos os excertos a seguir.

- (43) *Deméter – eu:: (+) na segunda-feira, eu acordo, venho pra escola, aí: quando eu chego em casa, eu almoço. Dou comida para o meu irmão. Ajeito a casa. E: quando dá quatro horas eu:, saio. Vou pro curso. E chego à noite. Aí à noite, quando tem alguma coisa pra fazer da escola, eu faço ou se não...*

Pesquisadora – você faz curso de quê

Deméter – de:: inglês

- (44) *Pesquisadora: ah, tá. É:: me fala de sua rotina, o que é que você faz durante o dia? Vamos lá começar, você aco::rda, vem para a esco:la.*

Apolo: vem (sic) pro colégio, aí volto pra casa, aí troco de roupa, tomo banho, almoço e vou trabaiaá (sic).

- (45) *Artemis – eu chego em casa e aí, né, eu durmo um pouquinho,*

Pesquisadora – hã

Artemis – que eu to cansada, né?

Pesquisadora – aham

Artemis – aí eu ajudo minha mãe a arrumar a casa

Pesquisadora – hum

Artemis – aí eu faço meus deveres de casa. Só:: Aí às vezes eu saio, porque eu namoro, né? Aí eu vou pra casa do meu namorado. Só!

Os excertos acima (43), (44) e (45) são um recorte da entrevista realizada com os jovens colaboradores. Uma das primeiras indagações direcionada aos jovens foi relativa à rotina diária no intuito de reconhecer seu “ambiente *offline*”. Esperava-se com essa pergunta que os adolescentes relatassem suas ações do dia-a-dia e que nela estivesse presente o uso da internet. Para minha surpresa, somente Ártemis (45) citou a internet como parte da rotina dela. Como se trata do mundo físico, aparecem diversos processos materiais nos relatos orais, como: ir para a escola, ajeitar a casa, fazer dever ou fazer curso, almoçar, ajudara mãe. Identificaram-se também relatos com processos comportamentais, que remetem aos processos fisiológicos: acordar, dormir, almoçar, jantar.

Para os jovens, o termo “rotina” está intrinsecamente associado a algo “desagradável” e obrigatório. A internet não é “rotineira”, ela aparece como momento de relaxamento e de

lazer; somente foi mencionada quando questionados sobre o que fazem nas horas vagas. Vejamos a seguir.

- (46) *Pesquisadora – E:: (++) o que é que você gosta de fazer nas horas vagas? Quando você não tem nada para fazer, o que você gosta fazer?*

Artemis – ficar na internet [...]

Pesquisadora – mas é só quando você está com horas vagas? Ou

Artemis – NÃ::O. eu fico assim:, em casa, todo dia direto assim:: direto

Ao instigar sobre o que o jovem gosta de fazer nas horas vagas, Ártemis (46) responde que gosta de “ficar na internet”. A “hora vaga” é destinada a realizar qualquer ação que não remeta a obrigação e normalmente é preenchida, sem culpa, pela internet. A informação prestada por Ártemis de que “eu fico assim:, em casa, todo dia direto assim” vai ao encontro de “horas vagas”, e às respostas anterior (45) de “aí eu ajudo minha mãe a arrumar a casa”, “aí eu faço meus deveres de casa”. Qual seria realmente o tempo destinado ao uso da internet pela jovem?

- (47) *Pesquisadora – e nas horas vagas, o que é que você faz?*

Eros – nas horas vagas? Mexo no computador:, brinco (+) na rua, jogo futebol. Essas coisas.

Para Eros (47), as “horas vagas” são divididas entre o computador, as brincadeiras na rua e o jogo de futebol. A internet faz parte do seu dia-a-dia, mas não é o único elemento de interação. O “essas coisas” demonstra julgamento de normalidade às suas tarefas sem dedicar ao computador maior prestígio. Estamos, nesse caso, no uso da linguagem com significado identificacional, quando, segundo Fairclough (2003) somos identificados por meio do discurso.

Conversar com os amigos, manter contato com os parentes distantes, acompanhar as notícias dos grupos dos quais o usuários fazem parte das motivações que incitam os jovens para o uso do *Facebook*. A interação na rede, seja ela curtir, comentar ou compartilhar, são formas encontradas pelos adolescentes para investir e conservar seus laços de amizade.

Os excertos a seguir, retirados das entrevistas feitas com os adolescentes retratam tais interesses na rede:

- (48) *Pesquisadora: deixa eu ver o que mais (+) o que que /.../ bom, você cancelou:: e aí você voltou. O que é que te atraiu a voltar de novo então?*

Apolo: uai, pessora, e porque eu entrava mais em contato com meus ami:gos pelo facebook, nós ficava (sic) nas conversas. Aí aí eu peguei e resolvi abrir outro.

Encontrar os amigos e saber o que estes fazem atualmente é uma das motivações dos jovens para desfrutarem de uma conta nas redes sociais. Nesta categoria está a função de reconectar-se a amigos antigos que havia perdido o contato, aceitar pedidos de novas amizades e conectar-se a amigos que moram distantes. Apolo (16 anos) já teve uma conta no *facebook*. O anseio por manter contato e conversar com os amigos, fez com que o jovem retornasse para a rede virtual. Estabelecer contato por meio da internet estreita laços de amizades e encurta distâncias. Observemos o próximo excerto.

(49) *Pesquisadora – e o que você fazia lá assim que te chamava tanto atenção que você ficava tanto tempo assim lá na na internet? O que é que você fazia lá?*

Atena – NA::DA. Eu ficava vendo algumas páginas lá:: ficava vendo umas frases assim. E só. Ficava conversando com alguns amigos. Só.

Pesquisadora – te interessava conversar com os colegas?

Atena – É

Pesquisadora – aí agora sem, você conversa pessoalmente?

Atena – com alguns, né? Porque os que moram em Planalti:na

Pesquisadora – aí esse você perdeu o contato, né?

Atena – uhum

No excerto (49), a jovem Atena também referencia o ato de conectar-se com os amigos, conversar, como um dos principais motivos para o uso do *facebook*. Porém, no caso dessa adolescente, o pai lhe retirou o computador e o celular como punição. Resta-lhe somente a conversa pessoal com os amigos próximos. Além das conversas, ver fotos, ser marcado e/ou marcar amigos, compartilhar fotos é bastante recorrente dentro da rede. A observação que fiz nas *timelines* dos jovens no *Facebook* mostra que esse é outro motivo pelo qual os jovens usam a rede. E foram citados nas entrevistas como atração para utilização da internet. Vejamos.

(50) *Artemis – NÃO. Eu num:: eu: assim:: eu não gosto de postar muita coi:as. Mais é foto. Eu posto muita foto.*

[...]

Pesquisadora – ah tá. Mas e e comentar o:: o post dos seus colegas, você não faz isso? Não tem o hábito de comentar? De tá entrando, de tá observan:do?

Artemis – comentar às vezes curto, né? Mas não muito

Pesquisadora – não muito?

Artemis – não muito. Gosto mais de ficar vendo as coisas mesmo

A jovem Artemis reconhece que posta muita foto. Normalmente, as fotos contam histórias, atualizam o perfil. Artemis não gosta de *postar muita coisa*, para ela, a fotos são

mais relevantes. Também não gosta de comentar, só observa “as coisas” que seus amigos postam. Os comentários das imagens e das postagens são curtos. Uma sinalização de que a o jovem visualizou a publicação do amigo.

(51) *Pesquisadora – posta Fo:to? Compartilhava foto? Comentava as fotos dos seus colegas? Como é que é?*

Atena – É:: comentava algumas fotos. Tipo assim: “lin:do” “não sei o que” “bonito”, alguma coisa assim e postava umas fotos de boa tarde, bom dia

No excerto (51), Atena demonstra como são os comentários nas *timelines* dos amigos. Em geral, a interação dos jovens na internet é curta e ocorrem poucos retornos, retomada de diálogo. Talvez por isso, se mostre expressiva através de outros recursos como comentando anteriormente. Mas o *facebook* é um espaço também para jogos e participação em *quizzes* (questionários). Vejamos a seguir:

(52) *Apolo: não, eu jogo também, professora. Fico mais olhando lá a () dos outros. É poucas coisas que eu compartilho.*

(53) *Eros – eu jogo também às vezes no facebook*

Apolo e Eros apontam outra utilidade no *facebook*: os jogos. Para os jovens, além de manter o contato com os amigos, a rede social é um espaço de entretenimento e lazer. Existe uma diversidade de aplicativos disponível no mural do *facebook* que permite ao usuário escolher jogos de acordo com suas habilidades.

Após contemplar os tesouros escondidos nas produções de textos, nos dados coletados na internet e nas entrevistas, na próxima seção, entrelaço as informações para revelar as preciosidades das práticas discursivas dos adolescentes.

4.6 Adolescência, pobreza e inclusão digital

Busquei, na geração de dados, levantar amostras a partir de diferentes métodos de coleta em distintos ambientes *offline* e *online*, bem como textos escritos e orais. Isso me permitiu uma triangulação de informações. De acordo com Denzin e Lincoln (2006)

O uso de múltiplos métodos, ou a triangulação, reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão. (...) A triangulação não é uma ferramenta ou uma estratégia de validação, mas uma alternativa para a validação. (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 19)

Não obstante, a seleção de dados escritos (produção de texto e postagens no *facebook*), bem como de dados orais (entrevistas individuais), obtidos junto aos mesmos sujeitos, garante ao pesquisador traçar um paralelo comparativo no desfecho analítico, o que será apresentado adiante. Como bem observa Albuquerque (2013, p. 95), a utilização da triangulação imprime fidedignidade e, sobretudo, cientificidade à pesquisa. Embora, o recurso da triangulação possa ser usado em vários sentidos, utilizei-o, no âmbito deste trabalho, uma vez que recorri a métodos de recolha de amostras e comparação de dados, conforme já explicitado na parte metodológica, que caracterizo como “Caminho náutico” da pesquisa (capítulo 3, seção 3.7).

Nesta seção, apresento uma reflexão analítica com base nos dados selecionados. Ao examinar textos produzidos pelos jovens, busquei informações, sobretudo, nos dados de natureza escrita, que pudessem indicar traços linguístico-discursivos pertinentes à identidade social desses adolescentes. Sem embargo, trata-se de uma identidade (ainda em construção) que, em tempo real e de curta duração, emerge e flutua pouco a pouco na superfície textual do oceano digital. Na linha de pensamento de Goffman (2011, p. 11), essa informação é, de fato, a primeira que buscamos obter à presença de outros, pois serve para definir a situação, para “conhecer antecipadamente o que esperará deles”.

Por outro lado, essa identidade em construção constitui um dos aspectos que se deve levar em conta na busca dos significados identificacionais, simultaneamente paralelos aos significados representacionais e acionais, na linha da análise de discurso textualmente orientada, proposta por Fairclough (2003). Como já observado anteriormente (seção 2.2), na função identitária estão as marcas nas quais as identidades sociais aparecem no discurso. Em termos de significados identificacionais, os atores sociais desta pesquisa – adolescentes – selecionam informações que desejam mostrar na rede e, ao mesmo tempo, excluem ou omitem dados pessoais. Mesmo assim, pode-se apontar pistas linguístico-discursivas que desvelam o *ethos* de identidades em construção.

Uma das adolescentes, Ártemis (15 anos), possui duas contas no *facebook*. Em ambas, a data de nascimento é a mesma, porém o ano é alterado para que a jovem pareça mais velha. No entanto, sua identidade verdadeira é revelada na entrevista. Cabe, ainda, ressaltar o fato de a jovem informar em seu perfil no *facebook* que já concluiu seus estudos, o que não coincide com os dados de sua ficha de estudante, bem como suas declarações na entrevista.

Athena, Deméter, Ártemis se julgam “viciadas” na internet. A jovem Ártemis, em seu texto escrito, deixa claro o seguinte: “*uso internet 24 hs por dia, não vivo sem internet*”, e na entrevista declarou que contribui com os colegas de sala para colocar crédito no celular de uma pessoa da sala e, assim, compartilhar a internet, criando uma espécie de *lan house*

volante. A adolescente ainda admite que todas as vezes que o celular toca, ela corre para ver a mensagem: “*Aí, deixo o celular lá. Quando vibra, eu já pego. Ai fico mexendo*”. A jovem domina diversos termos na internet e tem forte liderança.

Pode-se afirmar que Ártemis marca seu território na internet através da linguagem. Ressalte-se que a adolescente criou uma forma específica de escrita e comenta com colegas sobre essa particularidade, quando se vê ameaçada por “rivais”. Deixa sempre um recadinho para pessoas indesejadas. Nesse espaço, pode-se afirmar que a adolescente em questão tem ciência do espaço público, onde todos podem ler o que ela escreve, e imagina que outros leem. A forma de escrita e a idade alterada demonstram que Ártemis anseia um lugar de relativo poder, em termos de autoridade no grupo. Por outro lado, o desejo de se mostrar fazendo referência a si mesma (por meio do tratamento TU) ao marcar seu *ethos*, é o que pode ser observado no excerto abaixo.

(54)

- ha , e tão fã que ate o jeito que tu escreve ela escreve tbm , slv pra ella


(Recado de Ártemis, 15 anos)

O “recado” em destaque, colhido no *facebook* de Ártemis, tem direção definida ao grupo do qual a adolescente faz parte. Com base nesse tipo de interação e compartilhamento, cabe, aqui, mencionar que o letramento digital parece tomar fôlego como uma questão de poder dentro da rede. Ao desenvolver suas habilidades para navegar na internet, a jovem amplia sua competência em termos de relação de poder.

Por outro lado, pondera-se que o fortalecimento da identidade social de adolescentes, em situação de baixa renda, coincide com a quantidade de comentários/*likes* utilizados para provocar “curtidas”, que vão desde pequenos observações favoráveis até um clique no ícone  curtir. Trata-se da necessidade de um reconhecimento, ainda que somente no espaço virtual, que preencha a lacuna daquele ideal de integração no meio socioeconômico de mais poder aquisitivo. Resulta que no espaço virtual há inclusão e nivelamento social, uma vez que a pobreza pode ficar escondida.

Afrodite envolve seus amigos na internet com jogos:

(55) “*uma curtida, ganha um recado; eu sou tão... cole isso no seu mural e veja a opinião dos outros; o que você gosta em mim..(1) olhos, (2) cabelo, (3) boca [...]; curte que eu*

te dou um horário: 00:00 – te odeio; 01:00 – te quero; 02:00 você é um grande amigo(a) [...]; se você curtir, te falo o tanto que gosto de você. ”.

Na escolha de assunto, na forma de escrever as jovens, de modo geral, costumam ganhar seguidores. Em qualquer grupo há um que queira se destacar, ser líder. Jovens adolescentes do sexo masculino são mais discretos e comentam pouco sobre si e sobre os outros também, o que permite afirmar que as jovens adolescentes trabalham muito mais no jogo da sedução, seja por meio de enunciados apelativos, do tipo: “curte aí, vai”.

Conforme destacado na seção (2.2), a proposta de Fairclough (2003) é a articulação entre os três tipos de significados da linguagem: acional, representacional e identificacional. Uma das formas de agir é por meio da fala ou da escrita. Em poucas palavras, significado acional implica uma relação em “ação com os outros” e como o poder que é exercido sobre os outros. No significado representacional, aparecem os modos pelos quais os textos significam no mundo e seus processos, entidades e relações. E no significado identificacional estão as marcas nas quais as identidades sociais aparecem no discurso.

No que concerne ao significado acional da linguagem, os adolescentes encontram no espaço do *facebook* uma maneira de agir sobre o outro. Resulta que no mundo virtual, com um simples teclado, pode-se buscar adesão, impor ideias, manifestar crenças e, até mesmo, persuadir o outro através do apelo à afetividade como visto anteriormente (seção 4.1), em termos de atitude (afeto, julgamento, apreciação).

Por outro lado, o agir sobre o outro é facilitado por novas formas de semiose paralelas – os *emoticons*, bem como formas combinadas de sinais convencionais de pontuação que se revestem de significados afetivos de maneira icônica tais como [;-)] e [:(]; à linguagem verbal utilizada pelos jovens. Na ferramenta *facebook*, pode-se observar que a linguagem dos jovens mostra uma combinação de escrita com a fala, o que nos permite evocar as ideias de Marcuschi (2010, p. 76): “manifestando um hibridismo ainda não bem conhecido e muitas vezes mal compreendido”, mas “tudo indica que está se constituindo um novo formato de escrita em uma relação mais íntima com a oralidade do que a existente”. Sempre em consonância com o pensamento do eminente linguista brasileiro, pode-se vislumbrar que a linguagem da internet em um futuro bem próximo venha a acelerar um novo gênero textual, estruturado por enunciados relativamente estáveis que mesclam oralidade e escritura. Estaremos diante, então, de um gênero que envolve “vozes escritas” e “signos falados” (SILVA, 1996).

O distanciamento homem x máquina é praticamente inexistente entre o jovem e a internet. Nessa “nova” interação criada no espaço virtual, a internet é tratada como outro

participante e não somente como meio de interação. Nas produções de textos dos adolescentes foi perceptível uma profusa inserção de afeto em suas falas, tanto para mostrar o envolvimento com a internet quanto à importância dela em sua vida. Normalmente isso acontece nas relações permeadas de “vícios”, de acordo com as palavras de uma adolescente, em sua entrevista com a pesquisadora.

- (56) ...*“internet domina, vicia, e eu deixo de fazer muitas (sic) mais importantes por causa dela, tento separar um tempo pra poder mexer, mas na maioria das vezes não consigo”*.(Héstia, 14 anos)

Com base no segmento em destaque acima, cabe observar que o significado representacional refere-se ao conceito de discurso como modos de representação de aspectos do mundo de acordo com a perspectiva de mundo adotada pelo ator social. Nessa relação a internet é personificada, conforme Fairclough sugere:

Diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo, o que, por sua vez, depende de suas posições no mundo, de suas identidades pessoal e social, e das relações sociais que elas estabelecem com outras pessoas. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124)

A vida social é representada com diferentes discursos a partir de como e percebida pelo ator. Por sua vez, esse discurso é a representação de outras práticas, bem como de reflexões de sua própria prática de como se posicionam e são posicionados no mundo. Em diversos trechos dos dados pesquisados, pude perceber a presença dos significados representacionais nos discursos orais e escritos dos jovens. As vozes de outras práticas sociais ressoam nas justificativas dos adolescentes quanto ao uso consciente da internet. Uma tentativa de assegurar que têm domínio sobre a máquina.

Os jovens se configuram amadurecidos quanto ao uso da internet, o que pode ser observado nos seguintes fragmentos, destacados das redações selecionadas para análise.

- (57) ...*“não tenho um horário definido, pois uso meu celular, então quando chega uma notificação, eu olho-a.(...)acho importante e também tenho a sã consciência de como devo usá-la”*.(Hermes, 13 anos).
- (58) *O discurso dos jovens vem das orientações dos pais: “Os pais podem até supervisionar isso vai ajudar mas as próprias(sic) pessoas tem que se consentizar(sic) e pensar no que vai fazer, usar a internet corretamente sem conversas com estranhos(sic)”*. (Tisífone, 14 anos)

- (59) *“minha mãe ve(sic)isso (sic) e conversa com minhas irmãs isso no facebook.”*
(Cronos, 14 anos)

A preocupação quanto ao uso adequado da internet, apontada nos textos escritos de alguns jovens, constitui uma constante nas entrevistas de seus colegas também nas entrevistas de outros. Observemos o excerto a seguir.

- (60) *Pesquisadora – tá. Outra coisinha aqui, que eu ia te perguntar, você, aceita, na amizade lá, pessoas que você não conhece? Quando o pessoal te é:: é é, clica lá e solicita amizade, você não conhece, como é que você faz?*

Eros – NÃO. Aceito NÃO. Já aceitei. Já no comecinho. Mas agora não aceito mais. Dá muito problema isso.

Pesquisadora – DÁ?

Eros – aí não aceito mais não.

Pesquisadora – tipo aqui, você já teve problema por conta disso?

Eros – NÃO, não. É que eu vi passar na televisão, vejo passando na televisão, esses casos, né?

Pesquisadora – hum

Eros – aí eu não aceito muito/ gente que eu não conheço, não.

Pesquisadora – então você você deixa só o pessoal mesmo que é conhecido mesmo, né?

Eros – é. Eu já apaguei já metade lá. que eu tinha muita gente. Muita mesmo.

Pesquisadora – hum

Eros – só falava besTEIra. Aí eu apaguei.

Pesquisadora – aí você apagava?

Eros – aí só deixei SÓ: metade. Tem pouca pessoa agora

No excerto acima, o discurso de Eros revela sua prática social na internet: não aceita amizade com pessoas desconhecidas, já aceitou “no comecinho”, mas “dá muito problema”. Observe-se que o significado representacional desse discurso decorre de outra prática de Eros: “é que eu vi passar na televisão”. A informação é transformada em ação. E por sua vez, o discurso de Eros é a manifestação de sua ação na internet. Dos jovens pesquisados, apenas Eros restringe o acesso de estranhos à sua página no *facebook*. Precisei solicitar para que o jovem me adicionasse à sua conta no *facebook* para que eu pudesse fazer minha observação em sua *timeline*. Suas palavras são poucas, Eros prefere se manifestar através do compartilhamento de *posts* relacionados à sua igreja, a sua religião. Nesse caso, além do discurso como representação da prática social, é o discurso com significado acional de

persuasão e propagação da fé. A jovem Tisífone também repete essa “evangelização virtual”. Compartilha *posts* religiosos, presença de familiares nas interações. A maioria dos seus *status* era: “Bom dia”, “Boa tarde” e “Boa noite”.

Por outro lado, a maioria dos adolescentes/colaboradores, do presente estudo, não revela essa preocupação com a segurança na rede. Na entrevista, Atena comenta que aceita qualquer pessoa na sua rede. Não se importa com quem vai ver suas postagens. Afrodite e Ártemis aceitam o convite de estranhos e depois verificam quem é a pessoa. Só então decide se a excluem ou não.

A jovem Héstia (14 anos) relata em seu texto escrito que “*muitas vezes eu fico sem fazer as coisas mais importantes por causa da internet*”. Como pesquisadora, fiquei a me questionar o que seriam as “*coisas mais importantes*” que colocariam a internet como “menos importante” para os adolescentes de Ceilândia.

Resulta que, de maneira peculiar, a internet não aparece nas respostas dos jovens quando questionados sobre a rotina. Essa ausência do computador no cotidiano indicia que a rotina é, pelo menos no contexto de vida desses jovens colaboradores, como uma prática de obrigação, enquanto a internet aparece como ocupação de entretenimento e lazer das horas vagas. Remeto aos segmentos destacados no parágrafo anterior, correspondente ao texto de Héstia, o significado representacional da linguagem que se manifesta nas práticas sociais externalizadas no discurso.

Contrariamente ao discurso das “horas vagas” está o tempo que alguns jovens ficam na internet:

(61) “*Eu praticamente Fico De 1 hora Da tarde Até 07 horas da noite As (sic) vezes eu Fico o Dia todo raramente.*” (Eros, 14 anos)

Confrontando um texto escrito com um oral, observa-se que perante o pesquisador, as respostas são mais comedidas. Uma tentativa de o jovem se mostrar dominador da internet. Já na redação produzida na escola, “a internet domina, vicia”, como aparece registrado no fragmento (56) que corresponde à adolescente Héstia (14 anos).

É comum os familiares fazerem parte da rede virtual dos jovens e a interação *online*: mãe, às vezes o pai, tios, primos, irmãos. Essas interações ocorrem de maneira harmoniosa. Deméter conversa com os pais através da internet. Tem apego muito forte à família. Sente-se responsável por cuidar do irmão mais novo, uma vez que a mãe saiu de casa. É o instinto

materno. Essa responsabilidade é marcante na entrevista e nas postagens na internet, no afeto com a família e nas demonstrações de carinho com todos.

Para Apolo, é estranha essa relação dos pais na rede:

(62) “*Pesquisadora: Seus pais têm conta de facebook?*”

Apolo: tem não ((ri surpresa)) (...) eles não têm tempo para isso”.

A estranheza causada pela pergunta denota que, para alguns jovens, a internet não é espaço para os pais, não foi feita para essa geração. Em várias interações, percebi a presença somente da mãe. O pai é mais relutante quanto o uso da internet. Penso que o instinto protetor do lar, condicione à figura masculina desconfiar da segurança na rede e dos malefícios que o excesso de exposição que causaria a si e à sua família. Por outro lado, encontrei famílias onde todos compartilham o computador. Essas diferentes relações dos pais com a internet demonstram uma situação de adequação ao novo.

Ressalte-se que a presença de parentes (pais, primos, tios) na internet foi destacada nos textos escritos como uma justificativa para a utilização do ambiente virtual por Poseidon (14 anos): “*a internet é quase um tudo para mim sem ele não conseguiria conversar com meus amigos e familiares*”. Contrariamente, Ocípede (14 anos) destaca que a internet foi a causa da perda de diálogo nas famílias: “*o mundo sem internet acho que seria muito melhor porque com essas tecnologias as famílias (sic) perderam o diálogo entre si(sic)*”. Essas contradições revelam os significados representacionais das identidades que são re(construídas) no espaço virtual.

Na seção seguinte, apresento algumas considerações deste capítulo.

4.7 Algumas considerações

Neste capítulo, procurei tecer algumas considerações a respeito dos dados coletados na pesquisa, bem como traçar uma triangulação dessas análises. As categorias do sistema da avaliatividade, proposto por Martin (2000) e por Martin e White (2005) foram relevantes nas análises das narrativas dos jovens participantes. Coadunam-se a essa teoria, o sistema da transitividade e o sistema de modo, propostos por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), que foram luzes para análises quanto aos componentes de transitividade (processo verbal propriamente dito, os componentes do processo, bem como as circunstâncias).

Os excertos analisados nas seções (4.1) e (4.2) apontam para uma relação muito estreita de amizade, permeada de afetividade entre o jovem e a internet. Através da gramática da experiência, foi possível identificar uma aproximação da internet/máquina. Esse estreitamento na relação humanizou a internet. Essa personificação foi apresentada da seção (4.3). Na seção (4.4), a análise ocorreu nas interações na internet. Enquanto na seção anterior utilizei as categorias do SA para minha análise. Aqui, as categorias foram criadas a partir de recorrentes características presentes nas interações: narcisismo, repetição de recursos gráficos, apagamento das vogais, uso de *emoticons* e onomatopeias. Mais uma tentativa de humanização do canal. As entrevistas (4.5) revelaram o contexto cultural dos jovens. Em suas rotinas diárias, além da escola, estão tarefas domésticas e cursos de formação. Alguns dão aula de reforço para crianças e trabalham fora de casa. Uma forma de aumentar o orçamento de casa. E há quem cuide do irmão mais novo, “assumindo” a maternidade depois que a mãe saiu de casa. As horas vagas são dedicadas ao uso da internet, e só torna o momento de lazer. Finalmente, a seção (4.6) inter-relaciona os dados gerados e analisados nos moldes de Fairclough (2003) quanto à análise de discurso textualmente orientada e as práticas sociais que apontam para gêneros - enquanto formas culturais de ação -, discursos como formas de representação, de conhecimento de mundo e de poder sobre os outros; bem como estilos, como formas linguístico-discursivas de identificação que indiciam identidades sociais. No caso do presente estudo, tratei de descrever e interpretar a identidade social de um grupo: adolescentes de Ceilândia.

A CHEGADA



Nesta dissertação, identifiquei e procurei descrever e interpretar representações linguístico-discursivas de adolescentes no espaço virtual. O interesse em estudar essas representações surgiu desde quando trabalhava com os jovens em sala de aula. Queria entender como as interações fora de sala de aula, em um espaço atrativo para o jovem, ocorriam. Encontrei respostas na rede social *facebook*.

Para mim, a pesquisa deveria acontecer com adolescentes e de classe social menos favorecida, com os quais convivo. Diante disso, tive os primeiros obstáculos no percurso: como selecionar um grupo dentro de uma rede tão expansiva? Como fazer uma pesquisa ética em um espaço virtual? Por se tratar de um espaço de pesquisa novo, precisei recorrer a metodologias diversas para atingir meus objetivos operacionais. A análise de dados ocorreu em textos escritos em sala de aula e na internet. Além de uma entrevista que me ajudou a compreender o contexto sócio-cultural dos jovens.

Para a descrição e interpretação dos dados, caminhei sob as luzes de Fairclough (2003), em uma Análise de Discurso Crítica da exterioridade da linguagem; de Halliday e Matthiessen (1994), com a Linguística Sistêmico-Funcional, observei a interioridade do texto; por fim, com Martin e White (2005) foi possível verificar a Avaliatividade no discurso. Mediante a retomada das cinco perguntas que motivaram a pesquisa, teço algumas considerações sobre os resultados alcançados nesta dissertação.

No Capítulo 1, apresentei os conceitos que circundam os atores sociais da pesquisa: adolescentes; o problema social: pobreza; e a democratização do saber: inclusão digital. No Capítulo 2, a Análise de Discurso Crítica permitiu observar as interações na internet como parte de eventos sociais, uma vez que uma das maneiras pelas quais as pessoas interagem é pela linguagem. Sob a dimensão textual, interpretativa e explicativa, realizei a análise de discurso crítica dos textos (escritos e orais). Na proposta fairclougheana de análise por meio dos significados da linguagem, pude reconhecer os significados acionais, representacionais e identificacionais presentes nos discursos dos adolescentes.

Pela Linguística Sistêmico Funcional, pude observar a língua em uso. Os componentes funcionais permitiram estudar os textos e entender os contextos em que foram produzidos (*metafunção ideacional*), bem como entender como esses textos atuam nas relações interpessoais (*metafunção interpessoal*). Adiciona-se à Linguística Sistêmico-Funcional o

Sistema da Avaliatividade, no qual tornaram-se evidentes as fortes relações afetivas que os adolescentes mantêm com a internet.

No Capítulo 3, apresentei a metodologia qualitativa (descritiva e interpretativa) de cunho netnográfico para alcançar os objetivos desta pesquisa, o foco foi estudar as representações linguístico-discursivas pertinentes aos adolescentes de classe desfavorecida. Por outro lado, a triangulação dos dados e as várias práticas interpretativas interligadas permitiram alcançar uma visão mais objetiva do problema investigado.

A partir da teoria e da metodologia escolhidas, busquei, no Capítulo 4, responder às perguntas de pesquisa propostas: Quem são os atores sociais no espaço virtual? Os atores sociais desta pesquisa são jovens que buscam administrar o tempo que têm com a escola, as tarefas rotineiras e nas horas vagas, o uso da internet. Em muitos momentos, percebo esses adolescentes confusos, característica própria da idade: ora comenta que usa a internet com cautela, ora deixa transparecer que “basta o celular vibrar que corre para ler a mensagem”; “que tenta se livrar do vício da internet, mas é frágil e não consegue”; “que gosta muito da internet, mas que se não tivesse internet seria melhor”.

Como esses atores sociais se avaliam e se mostram no ciberespaço? – os jovens no ciberespaço são muito vaidosos. As interações comumente ocorrem a partir de fotos postadas nas *timelines*. Quando o próprio jovem posta sua foto, ela já foi avaliada, foi selecionada dentre as melhores. A autoestima no ciberespaço é sempre elevada e por ser uma constante a postagem de fotos e os comentários, pareceu-me que essa troca de imagens é uma rotina no intuito de sempre receber comentários que ratifiquem sua autoestima. Os enunciados são sempre curtos: uma, duas, três palavras. Normalmente, somente um atributo: “linda”, “gata”; mas o suficiente para preencher as lacunas do enunciado.

Quais são as representações linguístico-discursivas que marcam as “vozes escritas” e os “signos falados” dos adolescentes em tempos de internet? As marcas das “vozes escritas” e os “signos falados” na internet dão vida ao espaço virtual. Percebe-se nas repetições de signos escritos, no uso de *emoticons*, nas onomatopeias um movimento no texto que humaniza o espaço virtual escrito e retrata expressões gestuais do escritor/falante. O uso desses recursos exerce, também, a função de persuasão do leitor nesse espaço novo espaço social. O texto cumpre, portanto, sua função acional nesse espaço.

Quais as relações sociais de identidades (re)criadas e/ou estabelecidas no espaço virtual? Uma das relações recriadas no espaço virtual é a personalização da internet. Alguns jovens veem a internet como companheiro, um novo amigo que lhe dá respostas para suas dúvidas, que o entende, que o ajuda nos seus trabalhos. Nos textos, os jovens mostram que

essa relação com a internet acontece de forma positiva, porém quando generaliza o uso da internet (e aqui o sujeito passa a ser “o outro”), é visto com cautela, precisa cuidado e atenção. As categorias relacionadas ao sistema de transitividade e ao sistema de avaliatividade foram relevantes para analisar a representação que os adolescentes têm da relação com a internet.

Que formas de inclusão digital podem beneficiar adolescentes de classes sociais menos favorecidas? A internet mostra-se como a mais democrática ferramenta de inclusão digital nos dias atuais. A inclusão no campo virtual ocorre de forma igualitária. Na rede, todos são iguais. E o acesso ao saber também é igualitário. O *facebook* é uma forma de inserção livre onde é possível conversar e compartilhar conhecimento.

Chego ao final desta dissertação com algumas considerações que podem ser vistas como uma forma de contribuição para se refletir que, embora famílias de baixa renda, a internet e o computador já fazem parte da casa desses jovens, como uma televisão. “Internet não é mais luxo e, sim, uma necessidade”, como nos retrata Ártemis e Gaia: “a necessidade da comunicação, fez da internet um acessório”. Na comunidade visitada, o computador em casa afasta o jovem das ruas, das drogas.

“Grande parte dos avanços tecnológicos está no processo evolutivo da comunicação, conduzindo-se para uma maior democratização da informação e, conseqüentemente, do saber. A comunicação virtual introduz um conceito de descentralização da informação e do poder de comunicar.” (GALLI, 2010, p. 151)

A escola é o lugar de distribuição de conhecimento. Mas hoje esse não é o único espaço de aquisição. E o acesso ao conhecimento livre por meio da internet, mitiga a “negação de liberdade” que é o conceito precípua de pobreza segundo a teoria de Amartya Sen (2000). A teoria de Sen relaciona pobreza à idéia de “vidas empobrecidas”, afirmando que a condição de pobreza está ligada às privações das liberdades básicas que as pessoas podem desfrutar. Estas privações referem-se, inclusive, à liberdade de obter uma nutrição satisfatória, de desfrutar um nível de vida adequado, de não sofrer uma morte prematura e de ler e escrever.

A pesquisa significa uma contribuição para trabalhos futuros, que contemplem no campo educacional, o acesso ao conhecimento pela internet como forma de alerta e, sobretudo de apoio para práticas sociais que favoreçam, mediante possibilidade de neutralização do fator classe econômico-social, a (re)construção de identidades sociais de adolescentes que vivem nas áreas periféricas dos grandes centros urbanos. É preciso repensar o uso da internet na vida e na escola como democratização de conhecimento, mitigação da pobreza e inclusão social.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, R. D. C. D. S. P. **O primeiro MOOC em Língua Portuguesa: análise crítica do seu modelo pedagógico**. Lisboa: [s.n.], 2013. Dissertação em Ciência da Educação.
- AMARAL, A. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, São Paulo, v. 86, p. 122-135, junho/agosto 2010.
- AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Comunicação Cibernética**, Porto Alegre, v. 20, p. 34-40, dezembro 2008.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 10. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2012.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. II, 1999.
- CASTRO, J. Como funciona o twitter? **Revista Nova Escola**, São Paulo, Abril 2011a. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/twitter-o-que-e-como-funciona-624754.shtml> Acesso em: nov/2013.
- _____. Como funciona o Facebook? **Revista Nova Escola**, Abril 2011b. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/como-funciona-facebook-624752.shtml>. Acesso em: nov/2013.
- CONTI, M. A. Os aspectos que compõem o conceito de imagem corporal pela ótica do adolescente. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 3, n. 18, p. 240-253, 2008.
- COSTA ET AL, A. B. **Um olhar sobre a pobreza: vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo**. Lisboa: Gradiva Publicações S.A., 2008.
- CRESPO, A. P. A.; GUROVITZ, E. A pobreza como uma fenômeno multidimensional. **RAE-eletrônica**, São Paulo, v. 1, p. 2-12, jul-dez 2002. ISSN 1676-5648. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v1n2/v1n2a03.pdf>. Acesso em: 10/02/2014.
- CRYSTAL, D. **Language and the internet**. New York: Cambrigde, 2001.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 320 p.
- _____. **Analysing Discourse: Textual Analysis for social research**. Londres: Routlegde, 2003.
- FERREIRA, A. B. D. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2014.

GABRIEL, M. **Marketing na era digital**. [S.l.]: Editora Novatec, 2010.

GALLI, F. C. S. Linguagem da internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI(ORG), L. A.; XAVIER(ORG), A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 147-164.

GHIO, E.; FERNÁNDEZ, M. D. **Manual de Lingüística Sistémico Funcional: el enfoque de M.A.K. Halliday y R.Hasan Aplicaciones a la lengua española**. [S.l.]: Universidad Nacional del Litoral, 2008.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 13-47, jan-jun 2009.

HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to functional grammar**. 2nd. ed. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An Introduction to Funcional Grammar**. 3rd. ed. New York: Oxford University Press, 2004.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. London: SAGE Publications, 2000.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed.34, 1996.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34, 1999.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTIN, J. R. Beyond Exchange: appraisal system in English. In: HUSTON, S.; THOMPSON, G. **Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 142-175.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. **Deploying Functional Grammar**. Beijing: The Commercial Press, 2010.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation: appraisal in English**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MATTAR, J. **Web 2.0 e Redes Sociais na Educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MOREIRA, M. Â. **Ruptura familiar e pobreza: a gramática da experiência no discurso de adolescentes**. Brasília, DF: Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, 2007.

NININ, M. O. G.; BARBARA, L. Engajamento na perspectiva linguística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de letras, Campinas, p. 127-146, jan/jul 2013. Trabalho de Linguística Aplicada.

OLIVEIRA, A. Ask.fm o que é e como funciona? **Techtudo**, ago 2013. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/08/askfm-o-que-e-e-como-funciona.html>. Acesso em: nov/2013.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAINTER, C. Developing attitude: an ontogenetic perspective on appraisal. **Special edition on appraisal**, p. 183-210, 2003.

PRESKY, M. Nativos digitais, imigrantes digitais. **MCB University Press**, v. 9, Outubro 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em: ago/2010.

RAJAGOPALAN, K. Como o internetês desafia a linguística. In: SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 39-53.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas, SP: Pontes Editores, v. 1, 2011.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RIBEIRO, W. **Alice no país das maravilhas tecnológicas: uma história sobre tecnologias digitais no estudo de línguas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014. Dissertação de mestrado do departamento de linguística aplicada.

ROSA, G. A. M. E.; SANTOS, B. R. D. **Facebook e as nossas identidades virtuais: a negociação de identidades nas redes sociais, o medo de se expor e a subjetividade do homem contemporâneo**. Brasília: Thesaurus, 2013.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, D. E. G. **A oralidade no discurso narrativo escrito de adolescentes**. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Língua da Universidade de Brasília, 1991. Tese de Mestrado em Linguística.

_____. **La oralidad en el discurso narrativo escrito de adolescentes mexicanos: el fenomeno linguistico de la repeticion.** [S.l.]: México, 1996. Tese de Doutorado em Linguística Hispânica.

_____. A ética na pesquisa: reflexões sobre metodologia na coleta de dados. In: VIERIA(org.), J. A.; SILVA(org.), D. E. G. D.. **Práticas de análise do discurso.** Brasília: Plano Editora Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2003. p. 161-171.

_____. Gramática e contexto na perspectiva funcional do discurso. In: _____ **Estudos de Linguagem: Inter-relações e Perspectivas.** Campo Grande, MS: UFMS, 2003. p. 55-70.

_____. Critical Discourse Analysis and the functional bases of language. **Proceedings 33rd International Systemic Functional,** São Paulo, p. 932-949, 2006.

Disponível em:

http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/45cda_silva_932a949.pdf Acesso em: fev/2014.

_____. A pobreza no contexto brasileiro: da exclusão econômica e social à ruptura familiar. **Discurso e Sociedad**, v. 2, n. Especial, p. 265-296, 2008. ISSN 1887-4606.

Disponível em: <http://www.dissoc.org/ediciones/v02n02/DS2%282%29Da%20Silva.pdf> Acesso em: out/2014.

_____. Representações discursivas da pobreza e gramática. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, n. especial, p. 721-731, 2009. Disponível em: . Acesso em: 24 ago. 2014.

_____. A gramática da pobreza em práticas discursivas de atores sociais: uma perspectiva crítica. In: PINTO(ORG), J. P.; FABRÍCIO(ORG), B. F. **Exclusão social e microrresistências: a entralidade das práticas discusivo-identitárias.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2013a. p. 88-111.

_____. "A gente" no lugar de um elemento pronominal perdido. **Anais do IV Simpósio Mundial de Língua Portuguesa,** Goiânia, 2013b. 355-363. Disponível em: http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio_08.pdf. Acesso em: set/2014.

SILVA, D. E. G.; ABRIL, N. G. P. Miradas cruzadas hacia la pobreza desde una perspectiva crítica transdisciplinaria. **Cadernos de Linguagem e Sociedade,** Brasília, v. 11, n. Especial, p. 66-90, 2010. ISSN 0104-9712.

SOUZA, S. A. F. A internet e o ensino de línguas estrangeiras. **Linguagem e ensino,** Manaus, v. 2, p. 139-172, 1999.

THOMAS, J. **Doing critical ethnography.** London: Sage Publication, v. 26, 1993.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar.** 2nd. ed. London: Arnold, 2004

VIAN JR, O. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **D.E.L.T.A,** São Paulo, 2009. 99-129.

VIAN JR, O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade.** São Carlos: Pedro & Carlos Editores, 2010.

VIDICH, A. J.; LYMAN, S. M. Métodos qualitativos: sua história na sociologia e na antropologia. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **o planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 49-90.

WHITE, P. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. esp, p. 177-205, 2004. Tradução: Débora de Carvalho Figueiredo.

GLOSSÁRIO

Arroba (@)	O uso do @ junto do nome da pessoa cria rastreadores no <i>Twitter</i> e é possível saber através da lista " <i>@Mentions</i> " se o usuário foi mencionado em alguma postagem
Ask.fm	O Ask.fm é uma rede social de perguntas e respostas. Lá é possível responder e questionar, anonimamente ou não, amigos e também desconhecidos.
Caractere	Caractere, no contexto da informática, é o nome que se dá a cada um dos símbolos que se pode usar para produzir um programa de computador, bem como os textos e imagens apresentadas na tela quando se executa um programa em modo texto. A barra de espaço quando acionada, apesar de não mostrar graficamente um espaço, também conta como um caractere.
Curtir	Clicar em Curtir dentro de algo que você ou um amigo publica no <i>Facebook</i> é um modo fácil de dizer a essa pessoa que você gostou, sem deixar comentários. É como um comentário, porém o fato de você ter gostado é assinalado abaixo do item. Fonte: https://www.facebook.com/help/110920455663362 Acesso em: nov/2013
Cutucar	Cutucar no <i>Facebook</i> é uma função da rede social que serve para a pessoa chamar a atenção de seus amigos. O cutucar no <i>facebook</i> tem como objetivo dizer "Ei, estou aqui!" ou "Oi, tudo bem?".
Emoticon	Forma de comunicação paralinguística, um emoticon , palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: <i>emotion</i> (emoção) + <i>icon</i> (ícone) (em alguns casos chamado smiley) é uma sequência de caracteres tipográficos, tais como: :) , :(, ^-^ , :3 e :-); ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial.
Esparro	Alguma situação que seja muito perigosa, tendenciosa ou que complique o sujeito de alguma forma. http://www.dicionarioinformal.com.br/esparro/ Acesso em 20/08/14
Facebook ou face	O <i>Facebook</i> (face = cara; book = livro, “livro de caras”) é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias.
Fanpage	<i>Fanpage</i> ou Página de fãs é uma página específica dentro do <i>Facebook</i> direcionada para empresas, marcas ou produtos, associações, sindicatos, autônomos, ou seja, qualquer organização com ou sem fins lucrativos que desejem interagir com os seus clientes no <i>Facebook</i> . Fonte: http://www.aldabra.com.br/artigo/marketing-digital/o-que-e-uma-fanpage . Acesso em: 22/08/14
Feed de notícias	São as atualizações dos amigos dentro do <i>Facebook</i> : os links que eles divulgam, os vídeos, as notícias etc

Hashtag (#)	O símbolo #, chamado de hashtag, é utilizado para classificar assuntos em cada <i>tweet</i> postado e a partir daí, marcar sua relevância nos comentários na rede
Inbox	Significa "caixa de entrada", tipo mensagens que as pessoas mandam para você, a mesma coisa que a caixa de entrada do seu celular. Fonte: http://www.o-que-e-inbox.noradar.com/ Acesso em 22/05/14
Instagram	É uma das redes sociais de compartilhamento de fotos e vídeos mais populares do mundo.
Login	Em termos informáticos, define o processo através do qual o acesso a um sistema informático é controlado através da identificação e autenticação do utilizador através de credenciais fornecidas por esse mesmo utilizador.
Nicknames	Pseudônimo, apelido. Um pseudônimo, ou nome alternativo (alias), ou ainda uma entrada na caderneta de endereços (adress book) em alguns programas de correio eletrônico, como o Eudora .
Playlist	É um termo inglês que geralmente é utilizado no meio da radiodifusão para se referir a uma determinada lista de canções, que podem ser tocadas em sequência ou embaralhadas
Post	Entradas de texto cronológicas em websites/blogs Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Post
Retweet(RT)	É o ato de compartilhar o <i>tweet</i> postado por outro usuário no <i>Twitter</i> .
Seguir	Quando você segue alguém, vê as publicações da pessoa em seu Feed de notícias. Você segue automaticamente as pessoas que são suas amigas. Você também pode seguir as publicações das pessoas que permitiram que Todos as sigam, como jornalistas, celebridades, políticos e outras pessoas que são interessantes para você, mas que não são suas amigas. Fonte: https://www.facebook.com/help/382751108453953/ Acesso: Nov/2013
Selfie	É um neologismo com origem no termo <i>self-portrait</i> , que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet.
Timeline	Linha do tempo é o novo perfil do <i>Facebook</i> . Conte a história da sua vida através de fotos, amigos e marcos pessoal. Fonte: https://www.facebook.com/about/timeline Acesso em 22/08/14
TTs (Trending Topics ou Trends)	Em português significam tendências, é utilizado para destacar os assuntos do <i>Twitter</i> mais comentados do momento, serve como medidores de popularidade de um fato ou de um termo. Essa classificação pode ser feita pela cidade em que o usuário se encontra, pelo país ou geral.
Tumblr	O <i>Tumblr</i> é um sistema gratuito de blogs e rede social em que usuários postam links, textos, imagens, vídeos e áudio. Disponível em: http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/tumblr.html Acesso em: nov/2013
Twitter	<i>Twitter</i> é uma rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres.

<i>Whatsapp</i>	O Whatsapp é um aplicativo de envio de mensagens gratuito utilizado nos celulares. O programa permite o envio de imagens, vídeos e outros arquivos além de mensagens de textos para usuários que também tenham o programa instalado no smartphone ou tablet.
------------------------	--

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE ASSENTIMENTO

Termo de Assentimento

Querido (a) Adolescente,

Gostaria de convidá-lo(a) a participar da pesquisa “**ADOLESCÊNCIA, POBREZA E INCLUSÃO DIGITAL: práticas discursivas e identidades (re)construídas no espaço virtual**”, de responsabilidade de Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo, aluno(a) de mestrado da *Universidade de Brasília*. O objetivo desta pesquisa é investigar sobre a construção de identidades, bem como a interação, de adolescentes em ambientes virtuais, especificamente nas redes sociais. Entender o contexto extraclasse é uma forma de trazer para as salas de aula de língua portuguesa práticas discursivas que contemplem diferentes estratégias para o ensino de português mais próximo da realidade dos estudantes e que, em condições propícias, sugerir caminhos que os prepare para as demandas sociais no mundo da vida que, em muito, envolvem a escrita ressignificada por diferentes recursos semióticos. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa. Esclareço que seu pai, sua mãe ou seu responsável também serão consultados sobre o consentimento para sua participação.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a minha guarda.

A coleta de dados será realizada por meio de *entrevistas narrativas, onde você contará sobre sua vida escolar e o uso da internet no seu dia a dia*. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica nenhum risco.

Espera-se com esta pesquisa identificar e analisar as representações linguístico-discursivas constituídas nas interações online bem como da inclusão digital de alunos de classes (des) favorecidas no sistema educacional brasileiro, mais precisamente no sistema público do Distrito Federal.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com você.

Nome da criança ou adolescente que participará da pesquisa: _____

Nome do responsável: _____

Responsável: () pai () mãe () outro _____

Assinatura do(a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Brasília, ____ de _____ de _____.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sr. Pai e/ou Responsável,

Seu (sua) filho(a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “**ADOLESCÊNCIA, POBREZA E INCLUSÃO DIGITAL: práticas discursivas e identidades (re)construídas no espaço virtual**”, de responsabilidade de Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo, aluna de mestrado da *Universidade de Brasília*. O objetivo desta pesquisa é investigar sobre a construção de identidades, bem como a interação, de adolescentes em ambientes virtuais, especificamente nas redes sociais. Entender o contexto extraclasse é uma forma de trazer para as salas de aula de língua portuguesa práticas discursivas que contemplem diferentes estratégias para o ensino de português mais próximo da realidade dos estudantes e que, em condições propícias, sugerir caminhos que os prepare para as demandas sociais no mundo da vida que, em muito, envolvem a escrita ressignificada por diferentes recursos semióticos. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu consentimento caso seu filho(a) tenha interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você e seu (sua) filho(a) receberão todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que nem seu nome e nem o dele(a) serão divulgados, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-los. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de *gravações de entrevistas*. É para estes procedimentos que seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar. Sua participação na pesquisa não implica nenhum risco.

Espera-se com esta pesquisa identificar e analisar as representações linguístico-discursivas constituídas nas interações online bem como da inclusão digital de alunos de classes (des) favorecidas no sistema educacional brasileiro, mais precisamente no sistema público do Distrito Federal.

A participação de seu(sua) filho(a) é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Ele(a) é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61-8586-5832 ou pelo e-mail campelo.sandra@gmail.com.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH cep_ih@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) senhor(a).

Nome da criança ou adolescente que participará da pesquisa: _____

Nome do responsável: _____

Responsável: () pai () mãe () outro _____

Assinatura do (a) responsável do participante

Brasília, ____ de _____ de ____

Assinatura do (a) pesquisador (a)

APÊNDICE C – CARTA DE REVISÃO ÉTICA

Carta de Revisão Ética

A pesquisa, ora apresentada, se dará em parte na rede social da internet *facebook*. Para Amaral (2010), uma das principais dificuldades na condução dos tópicos de ética relativos à Internet diz respeito às noções de público e privado e, por consequência, em decidir o que é ou não público e, portanto, passível de divulgação nos resultados da pesquisa.

Na análise dos ambientes *online*, Elm (2009, p. 75) estipula quatro níveis de privacidade a serem observados: 1) público – aberto e disponível a todos; 2) semipúblico – disponível a quase todos. Requer ser membro e/ou ter cadastro; 3) semiprivado – requer pertencer à organização de forma mais profunda; 4) privado – indisponível e fechado. (apud Amaral, 2010)

Partindo desse apontamento, classificamos o *facebook* como espaço semipúblico, pois necessita ter cadastro com *login* e senha para interagir no espaço virtual.

Em termos de conduta ética e moral, o caminho que tenho seguido encontra-se respaldado na seguinte recomendação metodológica:

“que o pesquisador se identifique e identifique o interesse de sua pesquisa, pedindo as permissões necessárias para o uso das informações obtidas em postagens e em conversas com os participantes das comunidades e fóruns. Além da garantia de confidencialidade e anonimato aos informantes, tratando-os por pseudônimos e não por seus nomes de usuário, incorporando na pesquisa as respostas e “feedbacks” vindas dos participantes ativos das comunidades.” (AMARAL, NATAL e VIANA, 2008)

Devido às mudanças constantes advindas do avanço tecnológico, a metodologia de pesquisa para a internet precisa ser revisada sempre e isto justifica o “não-engessamento” do método, tendo por base somente princípios norteadores para o trabalho do pesquisador.

A pesquisa *online* apresenta vantagens ante a *offline* das quais podemos apontar: menos tempo, menos dispendiosa e menos subjetiva (uma vez que há um distanciamento emocional entre pesquisador e objeto de pesquisa). Além de o pesquisador poder participar apenas como observador, sem invadir espaço, assim analisar seu objeto o mais natural possível durante seu funcionamento.

Embora a discussão do público e privado na internet esteja ligada à ética na pesquisa e não haja uma definição técnica de como tratar esse assunto, alguns cuidados serão tomados desde o início desta pesquisa:

➤ A autorização por escrito de cada participante da pesquisa e dos respectivos pais (visto se tratar de alunos de faixa etária dos 14 a 16 anos) para utilizar suas interações e minha pesquisa. Bem como a explicação do porquê e para quê do estudo.

➤ Criação de *nicknames* que resguardarão a identidade do pesquisado e seu anonimato.

➤ Autorização da Secretaria de Educação para pesquisa nas instituições de ensino, bem como autorização dos respectivos diretores para acesso aos alunos pesquisados.

As normas dos comitês de ética para pesquisas com pessoas e com menores são super rígidas e serão aceitas e aplicadas neste trabalho, embora se realize em mundos virtuais, mas com algumas particularidades que se assemelham.

Se houver, durante a pesquisa, risco para pesquisador e/ou pesquisado será pedida a dispensa do entrevistado e suas as informações serão descartadas.

Brasília, ____/____/_____.

Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo

ANEXOS

ANEXO A – PRODUÇÃO DE TEXTO

EU E A INTERNET

Bem, eu sou muito conectada com a Internet, tenho varias (sic)redes sociais, passo a metade do meu dia conectada as minhas redes, meus pais reclamam muito por isso, mais (sic) eu acho que ninguém hoje em dia vive sem essa conexão (sic), o que eu mais faço na net e conversar com meus amigos, as (sic) vezes pesquiso muitas coisas, faço muitas coisas com a internet, acho importante a internet, passo se comunicar com pessoas mais distantes de você, a internet também é considerada uma coisa de comunicação, ficar sem internet hoje em dia para muitas pessoas é o fim do mundo, e (sic) muito difícil você viver sem isso, facilita muito para a gente, principalmente, para quem estuda, porque e (sic) mais fácil você fazer um trabalho na internet do que você pesquisar em um livro, é isso.

(Atena, 15 anos)

EU E A INTERNET

A internet é muito importante hoje em dia na nossa vida, utilizamos (sic) a internet para várias coisas. Ex: Se comunicar, Fazer trabalho, ver notícias, Assistir filmes.

O Que eu mais faço na internet é Ficar no *Facebook*, conversando com amigos, curtindo coisas, compartilhando Fotos. Eu Também gosto de Ficar assistindo (sic) filmes, por dia o tempo máximo Que eu passo é umas 3:00 horas, e a internet é muito importante hoje na minha vida, se a internet acabasse ia ser muito ruim, porque nois (sic) não poderíamos (sic) falar com ninguém e nem ver as notícias.

(Afrodite, 15 anos)

EU E A INTERNET

Eu mecho na Internet pelo celular, passo o dia com o celular na mão. Claro que tenho meus afazeres e tem horas que deixo o celular de lado, tenho: *facebook*, *whatsapp* e *instagram*. O que mais mecho é o *whatsapp* e *facebook*. Na minha opinião o *whatsapp* foi o melhor aplicativo que foi inventado (criado). pois manda mensagem sem ter credito(sic), mas claro que tem que ter internet. Acho que tem que saber separar as coisas, não levar o celular para a escola porque (sic)atrapalha, você fica com vontade de mecher(sic), ai deixa de fazer deve (sic)para fica na Internet.

(Deméter, 14 anos)

EU E A INTERNET

A minha relação com a internet é ótima. A internet me ajuda muito em diversas coisas.

A coisa que eu mais Faço na internet é mexe(sic) em redes sociais tipo: *Facebook*, *Ask*, *twitte* etc.

O que mais me atrai na internet é o *Facebook* porque lá Eu posso conversar com os meus Amigos sem sair de casa é (sic)assim e (sic)bem mais pratico.

Eu praticamente Fico De 1 hora Da tarde Até 07 horas da noite As (sic)vezes eu Fico o Dia todo raramente.

A internet é muito importante na minha vida porque quando eu quero saber Alguma coisa e (sic)fácil é só eu pesquisar na internet e lá vai tar (sic)minha resposta

Os dias de hoje sem a internet seria(sic) horrível (sic) quero nem imaginar.

(Eros, 14 anos)

EU E A INTERNET

- Eu utilizo a internet para: jogar; ouvir músicas; entrar no *facebook*; pesquisar trabalhos; ver vídeos e etc...

- O que mais me atrai é : os jogos e o *facebook*...

Eu uso internet 24 hs por dia, não vivo sem internet, ela me ajuda muito, nas pesquisas e em outras coisas...

- A importância da internet, não somente em minha vida como a de todos que vivem e precisam da atualidade, fazer pesquisa e algo tão prático, até mesmo uma receita que você precisa da última hora está lá e éso (sic)pesquisar. A comunicação a longa distância fica caro se for feita de forma convencional, agora se for através da internet você pode falar horas que nada mais a pagar a não ser a tua conta banda larga, ver documentos então comprar sem sair de casa, fica fácil e na hora de decidir é so (sic)chamar a família, a internet não é mais luxo e sim uma necessidade.

(Ártemis, 15 anos)

EU E A INTERNET

Eu cheguei (sic)a pensar que não conseguia (sic)fíca (sic) sem a internet mais (sic)eu cheguei (sic)a uma conclusão(sic) que a internet estava min (sic)deichando (sic)com augus(sic)pobremas(sic), eu não prestava mais atenção en (sic)nada so (sic)queria fica o tempo(sic) todo enfrente (sic)do computado (sic)com os jogos online (sic)acesando (sic)o *facebook* vendo os vídeos mais egrado(sic).

Mais(sic)também fazia muitas pescizas (sic)mais(sic) o que mais min (sic)atraía era os jogos eu era completamente ficiado(sic), mais hoje eu tenho uma boa convivença (sic)com a Internet tenho a hora para uza (sic)a internet é (sic) para pode jogar é (sic) ver musicas(sic).

Vía(sic)muitos fotos de carros enportados(sic). Motos.

(Apolo, 16 anos)

Eu e a Internet

Eu uso muito a internet tanto para fazer pesquisas de escola quanto para laser(sic). Mas geralmente eu jogo ou mecho no *facebook*, ou no whatsapp.

Eu não tenho horário pra mecher na internet eu não mecho muito pelo computador, só mecho (sic)pelo celular.

A Internet tem vários pontos legais, mais(sic) também tem os pontos negativos, tem muitos estrupadores (sic)que marcam encontro com crianças.

Os pais podem até supervisionar isso vai ajudar mas as propias (sic)peçoas tem que se consentizar (sic)e pensar no que vai fazer, usar a internet corretamente sem conversas com istranhos(sic).

Esses são alguns cuidados que eu tomo para evitar coisas erradas.

O mundo sem internet seria um mundo sem certos tipos de tecnologia que necessitam de internet, talvez sem internet o mundo não tinham(sic)evoluído (sic) tanto como esta (sic)hoje em dia.

(Tisífone , 14 anos)

Eu e a Internet

Bom, eu na internet fasso (sic)ferias (sic)coisas, eu jogo, mecho (sic)no *facebook*, fasso (sic)varios (sic)trabalhos da escola, pesquiso sobre a vida dos famosos.

A internet me atrai com varias (sic)coisas como, tudo que agente (sic)precisa(sic) ou tem duvida (sic)a internet nos da (sic)resposta. Eu mecho (sic)o tempo todo na internet porque e(sic) pelo celular e praticamente o Wi-Fi fica ligado mais (sic)nem porisso (sic)eu fico 24 horas na internet.

A importância da internet na minha VIDA, e (sic)que quando eu precisar (sic)fazer trabalho de escola eu não preciso (sic)sair de casa para ir na biblioteca pesquisar em livros apesar que e (sic)bom, mais (sic)com a evolução da tecnologia de hoje em dia pesquisa na internet fica muito mais facil(sic).

Se não tivesse(sic)internet, eu acharia muito melhor, porque só assim as pessoas sairiam para as bibliotecas pesquisar mais, as pessoas teriam mais comunicação uma com a outra teria(sic) mais diálogo, as pessoas ia (sic)olhar olho a olho para conversar invece (sic)de conversa(sic)por redes sociais.

Os amigos sairiam mais para conversa (sic)invez (sic)de ficar criando grupiho(sic)no whatsapp ou *facebook*.

Porisso (sic)acho que sem a internet eu viveria normalmente acho que não me fazer falta.

(Tétis , 15 anos)

EU E A INTERNET

Eu uso a internet diariamente, para dar alguns avisos no grupo que eu participo, falar com minhas amigas, olhar as coisas que as pessoas posta(sic) e ver a mensagem do dia da minha igreja.

O que mais me atrai e (sic)o *facebook*, passo pelo menos 4 horas do dia mexendo na internet, ela as (sic)vezes e importante (sic)para mim, ver as coisas da igreja, os recarto (sic)e os deveres.

Eu acho que se não tivesse internet acho que a vida ai ser melhor porque as pessoas ia(sic)falar mais uma com a outra. Hoje em dia dentro de casa pessoa do lado da outra fica falando com a outra pelo celular, as pessoas estão deixando a internet entra (sic)de um forma que as crianças já está(sic) com um vício muito grande que nem come (sic)mais, isso prejudica muito suas vidas.

(Alecto , 14 anos)

EU E A INTERNET

Internet... Ela acaba sendo uma vida né. Acho que eu não conseguiria (sic)viver sem a internet(sic). Além de me auxiliar nos trabalhos (Porque procurar em livros demoraria muito tempo) ainda tem as redes sociais, e tudo que você quiser saber sobre qualquer coisa, dez de (sic)uma receita até um país (sic)desconhecido ela vai te dizer. E hoje em dia ela tá (sic)tomando conta do mundo, até algumas escolas já adotaram ela como livro. Eu não sei aproximadamente quanto tempo eu passo na internet, não sei nem se dá pra calcular isso num papel, só sei que passo bastante tempo na frente do computador

O que eu mais gosto de fazer na internet é mexer no *facebook*, é um vício.

Eu não consigo passar um dia sequer sem *facebook*, nem que seja só um minutinho.

Enfim, eu amo a internet, simplesmente.

(Hera, 14 anos)

EU E A INTERNET

A internet me atra (sic)bastante por causa das redes sociais, até porque hoje em dia o mundo está voltado a elas.

Chego a navegar por dia na internet de 1 a 2 horas atigamente (sic)chegava a ficar 5 horas sem parar. Sem internet acho que não sobrevivo gosto muito de ficar por dentro do mundo e das novidades, o mundo sem internet acho que seria muito melhor porque com essas tecnologias as famílias (sic)perderam o diálogo entre sí(sic).

(Ocípede, 14 anos)

EU E A INTERNET

Em relação com a internet eu sou muito ligada a isto, muitas vezes eu fico sem fazer as coisas mais importantes por causa da internet, ela me interferiu muito nos estudos porque eu deixava de fazer trabalhos, deveres para se ligar nela, hoje em dia não estou muito, mas as (sic)vezes a internet domina, vicia, e eu deixo de fazer muitas mais importantes por causa dela, tento separar um tempo pra poder mexer, mas na maioria das vezes não consigo.

(Héstia, 14 anos)

Eu e a internet temos uma relação meio que ótima (sic), ao meu ponto de vista.

Eu mexo na internet pelo menos umas 20 horas por dia, acho que de hora em hora eu estou na internet. Fico mesmo e (sic)no *facebook*, *whatsapp*, *instagram*, *twitter*, etc.

Eu realmente quase não mexo na internet para saber sobre algo que tenho dúvidas da escola, mais (sic)enfim eu e a internet temos um relacionamento muito bom, eu não conseguiria ficar muito tempo sem a internet seria difícil, pois a internet e (sic)algo que todos precisam.

Nenhum jovem hoje em dia fica muito tempo sem a internet.

(Aelo, 14 anos)

Eu e a Internet

Internet nos dias de hoje me ajuda bastante ela me informa, me distraí(sic), ajuda a estudar é (sic)em várias coisas me chamam atenção.

Mas de um tempo pra cá vem me atrapalhando bastante nas coisas de escola pois não consigo me concentrar direito tanto em casa quanto na escola.

Creio que este é um problema que vem atrapalhando muito jovens, pois nós não sabemos organizar um tempo e deixá-la de lado para fazer outras coisas, ela acaba viciando com seus entreterimentos(sic).

Mas não são só coisas ruins também tem muitos bons motivos para usala(sic) e fazer boas coisas.

Enfim esse é o meu ponto de vista.

(Celeno, 15 anos)

EU E A INTERNET

Hoje em dia a internet é muito usada pelas pessoas, eu, particularmente, sou um tipo de pessoa que não usa a internet frequentemente.

Uso as (sic)vezes para me comunicar, ou seja, dou uma olhada no *facebook*, posto algumas fotos, tumbi também mexo, gosto de escutar algumas músicas (sic)no *youtube*, Radio (sic)UOL.

E acho que o fato para que eu não me torne uma viciada é que não tenho celular, então não dar para mexer em *watsapp*... E também porque lá em casa nós (Eu e meus irmãos) temos um limite para mexer, duas horas no máximo por dia.

Bom, É isso, todavia na minha opinião(sic) a internet facilita muito na (sic)vidas das pessoas, em pesquisas, trabalhos de escola e em várias redes sociais. Ex: no *facebook* as pessoas gostam muito de dar suas opiniões (sic)em status, posta (sic)até mesmo coisas sobre sua vida pessoal.

(Hilas, 15 anos)

Eu e a internet

Graças a(sic)internet, o mundo mudou da água pro (sic)vinho. É uma coisa que as pessoas não vivem sem, e isso vicia. Os avanços nessa área, aperfeiçoamentos (sic)em jogos, redes sociais, novos vídeos e a necessidade da comunicação, fez da internet um acessório.

O que mais me atrai são os jogos. Gosto de passar maior tempo jogando, principalmente RPGs online. Outras coisas que me agradam é ouvir músicas e ler notícias inusitadas que acontecem no mundo. Também me ajuda nos estudos e em trabalhos escolares.

A internet ocupa a maior parte do meu dia e acredito que ocupe muito espaço na vida das pessoas. Tenho certeza, que por esse motivo, o mundo sem essa tecnologia seria um desastre.

Esse mecanismo facilita a vida das pessoas, ajuda em praticamente tudo que se pode fazer. As pessoas utilizam a internet como se fosse roupas, uma sandália ou até mesmo, óculos.

(Gaia, 14 anos)

EU E A INTERNET

O que (sic)eu mais faço e(sic) jogar e entra no *facebook* fico no maximo(sic)umas 6 horas no computador (sic)conversando e so (sic)depois vou jogar algo, o que mais me atrai e faça conversando com meus colegas a importancia (sic)da (sic)internet na minha vida e (sic)que eu posso (sic)manter contato através (sic) dela como pelo celula (sic)ou computador se eu não tivesse internet teria que fica (sic)conversando por telefone já a internet e(sic) so (sic)escrever que alguém já recebe a resposta também na (sic)poderia jogar nada sem ela.

E através da internet fazer redações (sic)trabalhos de escola (sic)comprar algo domestico como som, tv, dvd, ou ate (sic)coisas dele não tem mais na loja, e também pode comparar (sic)passagens (sic)de avião ou até roupas pode vender também algo que você não precisa com o site que passa na tv que e a olx então internet serve para muitas coisas.

Mas a internet e também perigosa porque tem site so (sic)para menores de 18 anos e pelo *facebook* tem muita pessoa que faiz (sic)imail (sic)fauso (sic)e comete pedofilia e também marca encontro de gangues para entra em confronto e também venda de drogas que fez saiu de venda de comida e algo e ver e esta escrito que e (sic)venda de drogas então quando minha mãe ve (sic) isso (sic)e conversa com minhas irmãs isso no *facebook*.

(Cronos, 14 anos)

Eu e a internet

Em casa eu utilizo (sic)mais a internet para jogar games jogos ou intão (sic)ussar(sic) para olhar o *facebook*. O que mais me atrai são o (sic)jogos, e eu madrugaria (sic)se meu pai deixa-

se(sic), mas hoje em dia eu utilizo(sic) a internet para jogar 1 hora a cada dia.

Hoje em dia a internet está sendo muito utilizada (sic)para invenções (sic)e criações (sic)de vacinas, trabalhos ou para dar aula e etc. sem a internet nós não saberíamos (sic) se uma guerra tinha ou está acontecendo pois (sic)demoraria muito para as notícias(sic) chegarem seria demorada de mais (sic)para invenções e vacinas.

(Dionisio, 15 anos)

Eu e a internet

Diariamente eu uso a internet como meio de estudos e lazer como jogos. Geralmente mais para jogos e redes sociais. Fico uma grande parte do dia no computador jogando um jogo online, cerca de umas 8 horas.

Também uso como a internet pelo celular, videogames e videogames portáteis para jogos e uso a internet para assistir filmes na TV.

Então posso afirmar que a internet esta no meu dia a dia é um tipo de lazer pra mim porque não so(sic)muito sociavel (sic)e gosto mais de ficar na internet do que com pessoas ao vivo.

A internet é uma grande invenção da humanidade como o meio de comunicação e de notícias. Sem a internet não seria tão pratica (sic)aprender as coisas.

(Hércules, 14 anos)

Eu e a internet

Eu e a internet, eu tinha uma boua (sic)relação com a internet, gosto munto(sic) de navegar no *facebook*, *twitter*, *instagram*, *vine*, etc. o que mais me atrai na internet é a possibilidade (sic)de pesquisar (sic)coizas (sic)novas e interessantes (sic)praticamente a tarde toda na internet.

A internet é pouco importante pra (sic)min (sic)porque eu so (sic)há(sic)uzo (sic)para pesquisar e navega (sic) em site de musica(sic), rede sociais entre outro, eu não sou dependente da internet, porque existe (sic)coizas mais interessantes (sic)para fazer como, ver as notícias do Brasil e do mundo.

Minha vida sem internet seria umpouco (sic)chato poisfaso (sic)muinta (sic)coiza(sic)na internet. Eu não tenho irmão por isso não tenho com quem brincar nem se divertir em casa por isso se não existice (sic)internet, eu iria viver na rua com os vizinhos.

(Morfeu, 14 anos)

Eu e a Internet

Eu e a internet temos um convivio (sic)muito bom. Fico na internet quase o dia todo.

Na internet o que mais me atrai é o *facebook* e o *whatsapp*. A internet é quase um tudo para mim sem ele não conseguiria conversar com meus amigos e familiares.

Nunca imaginei eu, as pessoas viver (sic)no meio humano sem internet porque sem a internet não conseguiria fazer pesquisas.

(Poseidon, 14 anos)

Eu e a Internet

A internet heje(sic), pra (sic)mim, éonde eu faço varias (sic)coisas, como: comprar roupas, conversar com pessoas longe até pedir comida.

Eu passo a maior parte do tempo conversando com meus amigos, no *facebook* e vendo notícias(sic). Raramente uso para outra coisa a não ser isso ou trabalhos da escola.

Não passo muitas horas na internet, apenas horas livres. A internet é uma diversão pra mim, ela é importante na hora de um trabalho atrasado, uma dúvida...

Se não houvesse internet, nos dias de hoje, o mundo não estaria atualizado, não existiria comunicação como hoje, nada seria tão interligado.

(Salmácis, 14 anos)

EU E A INTERNET

A internet avançou muito nos últimos tempos, principalmente de uns anos para cá. É um dos meios de comunicação mais usados pelo mundo hoje em dia. Não apenas a comunicação é uma de suas utilidades, mas também pode ser usada para pesquisa, vídeos, criar imagens, produzir trabalhos, estudos, redes sociais, entre vários outros.

Na minha opinião, entre essas, as mais utilizadas são as redes sociais, principalmente o “facebook” que engloba as atividades como comunicação, fotos, mensagens, jogos, entre outros. A internet sempre trouxe novos recursos e avanços para a humanidade, mas devemos tomar cuidado e nunca falar ou expor informações pessoais.

Quanto a mim, uso a internet para fazer trabalho e mecher em redes sociais, não tenho um horário definido, pois uso meu celular, então quando chega uma notificação, eu olho-a. Acho que seria muito ruim se não existisse internet e iria fazer grande falta se deixasse de existir, portanto acho importante e também tenho a consciência de como devo usá-la.

(Hermes, 13 anos)

A internet é um uso que todos nós temos que ter, ela hoje é o mais desenvolvida e a que é mais utilizada no mundo inteiro de 100% da nossa vida 80% precisamos de internet. Temos como pagar contas, jogar, ver filmes, conversar com amigos e até mesmo ler livros! Hoje em dia com a internet nada é difícil para humanidade ela é um bom uso mais temos que ter cuidado porque assim nos dá algo bom traz ruína como hacker’s e os estrupadores que fingem ser uma pessoa e não são, por isso temos que nos informar direitinho com algumas coisas na internet para não dar errado.

Muitas pessoas cometem o erro de entrar em sites sociais e adicionar pessoas desconhecidas que só querem se aproveitar daquela situação. Mas a maioria é mais legal e entre mesmo só para jogos ou redes sociais e etc.

A internet me ajuda bastante, tipo eu tenho uma tia que mora em outro país e eu me comunico com ela via skype, eu gosto bastante, tenho até amigos que moram não tão perto de mim e eu converso com eles através da internet. Hoje em dia quase nada é feito sem a internet, consegue-se até contratar pacotes de internet pela internet.

A parte ruim é que as crianças estão crescendo com toda essa tecnologia e esquecem de ir na rua brincar com as outras pessoas, isso deixa as crianças “diferentes”, porque vão acabar parando de ser “criança” de verdade.

E eu acho que o mundo hoje está cercado de tecnologia envolvendo a internet, por isso o mundo não deve ficar sem a internet.

(Hefesto, 14 anos)

Eu e a Internet

Na internet normalmente costumo acessar redes sociais e fazer pesquisas para trabalhos escolares. Além disso na internet tem coisas e sites muito chamativos como focos de famosos para mim o que mais me atrai são os lançamentos de filmes que posso assistir pelo computador.

Lá em casa, eu uso a internet entre 30 a 1:30 por dia com vários jogos, filmes e nas redes sociais. A importância da internet na minha casa é enorme e porque todo mundo lá de casa usa

para algumas coisas como às vezes para pesquisas, jogos, compras nos sites e verificação de mutas (sic), de contas para pargas (sic) e outros vários detalhes.

Portanto a internet tem muita importância na minha vida e na vida do resto do mundo. Se um dia ocorresse que não hovesse (sic) mais internet nos dias de hoje que quase tudo é usado com internet (sic). Se não tivesse sido criado a internet o mundo estaria ainda se desenvolvendo com mais lentidão e não haveria mais essa ligação de conhecimentos entre os lugares do mundo todo.

A conclusão disso é que a internet nos dias de hoje é como se fosse um órgão muito importante para população mundial.

(Perseu, 14 anos)

Eu e a internet

Minha vida sem a internet era Bom (sic) eu estudava mais sério (sic) um menino inteligente por que eu sou um Buro (sic) so (sic) quero saber da internet (sic).

A internet é (sic) bom para pesquisar coisas (sic) que você não conhece (sic) e ficar por dentro (sic) do assunto (sic) um (sic) pessoa (sic) more o primeiro lugar (sic) que anuncia (sic) e (sic) a internet mas a internet pode pesquisar, músicas (sic), vídeos, palavras e etc. A internet é (sic) um (sic) rede que você esquece (sic) que você tem água (sic) coisa para fazer e esquece (sic) das horas quando vão ver já perder (sic) tempos preciosos (sic) da sua vida.

A internet (sic) é (sic) uma tentação (sic) e um vício (sic) desliga dia pra mim seria melhor [...] a internet e estudava (sic) mais (sic) não ficaria o dia na internet.

(Pan, 15 anos)

EU E A INTERNET

Minha relação com a internet é (sic) perfeita, o que eu faço mais no computador e logar no programa de bate-papo entre amigos jogar muito conversar sem parar mecher (sic) no *facebook* escutar músicas e etc.

O que mais me atrai na internet são os vídeos do whatsapp são muito engraçado.

Normalmente eu fico 5 horas online em frente ao computador celular nem mecho muito a internet pra (sic) mim e (sic) muito útil, sem ela não consigo viver.

Pesquisei sobre [...], contas de banco, faturas aquele [...] não tem nada melhor que

A tecnologia de notebooks e computadores tudo depende da internet eu mexo so

(Aquiles, 14 anos)

ANEXO B – ENTREVISTAS

Ficha de documentação	
Informações sobre a entrevista e o entrevistado	
Data da entrevista:	Local:
Duração da entrevista: 05:43	
Pseudônimo para o entrevistado: DEMÉTER	
Cidade onde nasceu:	
Cidade em que vive:	
Sexo:	Idade:
Nível de escolaridade:	
Profissão dos pais ou responsável:	
Observações:	

Pesquisadora – Então, seu nome é Deméter. Deméter, onde você nasceu?

Deméter – onde eu nasci?

Pesquisadora – isso

Deméter – aqui mesmo em Brasília

Pesquisadora – aqui mesmo em Brasília? e você mora aqui na Ceilândia desde quando você nasceu?

Deméter – sim

Pesquisadora – e você mora aqui? Na Expansão?

Deméter – eu moro aqui, na Expansão

Pesquisadora – qual a quadra?

Deméter – na dezoito de cima

Pesquisadora – hã, mas::

Deméter – mas quando eu era menor, morava no P Norte

Pesquisadora – ah, tá. essa casa aqui na Expansão, é de vocês mesmo? ou é alugada?

Deméter – não, é da minha vó. Aí mora, minha vó::, eu e umas tias minhas.

Pesquisadora – e sua mãe?

Deméter – não. Eu não moro com a minha mãe.

Pesquisadora – uai. E sua mãe mora onde?

Deméter – minha mãe mora no Setor O

Pesquisadora – o que? Ela casou de novo?

Deméter – não, foi que:: eles se separaram, aí foi eu:: como eu morava aqui quando eles eram juntos, aí eu resolvi ficar. Ela achou tudo bem. Aí ela todo dia passa pra me ver

Pesquisadora – hã

Deméter – aí quando eu quero ir pra casa dela, eu vou. Aí:: mas eu moro aqui.

Pesquisadora – e você tem irmãos?

Deméter – tenho.

Pesquisadora – aí mora com ela?

Deméter – não, mora comigo.

Pesquisadora – e ela, sua mãe mora só?

Deméter – É. Ela mora sozinha. Ela alugou uma casa junto com uma amiga dela.

Pesquisadora – ah: tá. e seu pai?

Deméter – meu pai:: ele é solteiro

Pesquisadora – hum

Deméter – aí mora, na na casa dos fundos. Eu, ele e meu irmão

Pesquisadora – ah::, tá. Você mora com seu pai?

Deméter – isso

Pesquisadora – e a sua vó, é mãe do seu pai?

Deméter – isso.

Pesquisadora – e aí, são quantas casas lá?

Deméter – são três casas. A:: da frente, a detrás e a em cima. Só que a em cima tá alugada.

Pesquisadora – ah, tá. O que é que sua mãe faz? O que é que seu pai faz?

Deméter – meu pai é vigilan::te e minha mãe:: trabalha numa:: lojinha de:: conveniência BRB

Pesquisadora – hum. Deméter, qual que é a sua rotina? O que você faz todo dia assim? É:: você acor::da:: vem para esco::La. E depois, o que é que você faz?

Deméter – eu:: (+) na segunda-feira, eu acordo, venho pra escola, aí: quando eu chego em casa, eu almoço. Dou comida para o meu irmão. Ajeito a casa. E: quando dá quatro horas eu:, saio. Vou pro curso. E chego à noite. Aí à noite, quando tem alguma coisa pra fazer da escola, eu faço ou se não...

Pesquisadora – você faz curso de quê

Deméter – de:: inglês

Pesquisadora – inglês?

Deméter – isso.

Pesquisadora – só de inglês? Tem outro curso?

Deméter – NÃO. só inglês.

Pesquisadora – e:: aí isso é todo dia?

Deméter – segunda e quarta

Pesquisadora – segunda e quarta. (+) e nos outros dias?

Deméter – nos outros dias eu:: passo a tarde com meu irmão. Cuido dele.

Pesquisadora – seu irmão é menor?

Deméter – é. Ele tem sete anos.

Pesquisadora – sete anos.

Deméter – isso

Pesquisadora – ele também estuda?

Deméter – estuda

Pesquisadora – certo. E nas horas vagas, o que é que você faz?

Deméter – eu mexo: no:: celular

Pesquisadora – no celular?

Deméter – isso

Pesquisadora – e tem computador em casa?

Deméter – TEM

Pesquisadora – e o computador, também não::

Deméter – eu USO, sim. Mas:: mas é mais o celular. Uso o computador só pra fazer mais trabalho.

Pesquisadora – aí: tem:: internet também na sua casa?

Deméter – tem. Tem sim

Pesquisadora – e aí: você usa computa/ usa celular. Seu celular também pega internet?

Deméter – sim

Pesquisadora – e aí: na no celular você quais as redes

Deméter – eu uso o:: instagram, o facebook e o whatsapp

Pesquisadora – o whatsapp, tá. Com que frequência você usa o computador? você usa todo dia?

Deméter – NÃO. Raramente é usado.

Pesquisadora – o celular?

Deméter – o celular eu uso todo dia

Pesquisadora – fica ligado direto?

Deméter – NÃO:: assim:: é:: só nas horas vagas, quando eu não tenho nada pra fazer, aí eu PEgo, e vou mexer. Não sempre.

Pesquisadora –e aqui na escola, você pega: é: é: você pega é::/ você utiliza a internet aqui também? Ou como é que você faz?

Deméter – não. eu não trago o celular pra escola.

Pesquisadora – ah, não traz não?

Deméter – não

Pesquisadora – hum, legal. Interessante. E:: o que é que você gosta mais de acessar?

Deméter – eu gosto mais do facebook, whatsapp é só::
 Pesquisadora – é?
 Deméter – pra falar com amigos, com minha mãe, quando eu preciso
 Pesquisadora – hã, e:: o facebook, o que mais te atrai lá dentro, então?
 Deméter – ai: mais as fofocas. ((risos)) que o povo pos:ta. Aí eu tiro alguma foto, aí eu gosto, aí eu posto lá.
 Pesquisadora – hã: e quem são seus amigos lá no no facebook?
 Deméter – tem muita gente aqui da esco:la, meus familiares, e:: tem professores também.
 Pesquisadora – hã
 Deméter – e::
 Pesquisadora – tem pessoal de igreja? Ou você não participa?
 Deméter – NÃO. eu acho que eu não tenho amigo da igreja.
 Pesquisadora – não?
 Deméter – não.
 Pesquisadora – você coloca amigos também que você não conhe/ aliás, você adiciona pessoas lá que você não conhece?
 Deméter – ah:: depende.
 Pesquisadora – como?
 Deméter – assim:: se for:: pessoa muito estra:nha. Agora se for pessoas que eu conheço assim, só de vista, aí eu adiciono.
 Pesquisadora – ah: tá:
 Deméter – entendeu?
 Pesquisadora – o pessoal te pede amiza:de, aí você o::lha
 Deméter – é. Aí eu olho. Vejo se eu já vi. Vai e eu adiciono.
 Pesquisadora – certo. É:: que mais. Você já falou que gosta de ver as fofocas, mas
 Deméter – isso
 Pesquisadora – e aí: você comen:ta? Você, o que é que você faz?
 Deméter – ah, eu não eu não comento muito. Não não fico postando muito status, essas coisas. Não posto muito.
 Pesquisadora – não?
 Deméter – não
 Pesquisadora – mas então assim, o que é que te atrai? É só ficar olhando mesmo?
 Deméter – É:: eu o::lho. Aí tem vez assim que eu pos:to, quando eu tô com raiva de algum amigo, eu joga um indire:ta
 Pesquisadora – ah é?
 Deméter – é ((risos)) aí:: SÓ:: só isso mesmo
 Pesquisadora – só isso mesmo?
 Deméter – mas comentar mesmo, só se for muita amiga minha
 Pesquisadora – é?
 Deméter – só
 Pesquisadora – mas você:/ tem pessoas mais distante também que você conversa por lá? que você usa o facebook pra se comunicar com eles? Assim, amigossou ou parentes distantes que moram até em outros estados?
 Deméter – não. não tenho
 Pesquisadora – NÃO?
 Deméter – não
 Pesquisadora – Por enquanto é isso, Deméter. Eu não tenho mais nenhuma pergunta não.

Ficha de documentação

Informações sobre a entrevista e o entrevistado:

Data da entrevista:

Local:

Duração da entrevista: 7:08

Pseudônimo para o entrevistado: Apolo

Cidade onde nasceu: São Paulo	
Cidade em que vive: Expansão QNR, casa do patrão do Wagner	
Sexo: Masculino	Idade: 16 anos
Nível de escolaridade: 9º ano	
Profissão dos pais ou responsável: Pai – mestre de obras/ Mãe trabalha em uma firma	
Observações:	

Pesquisadora: Vamos começar. Você nasceu onde Apolo?

Apolo São Paulo

Pesquisadora: Ah, você é de São Paulo?!

Apolo: É

Pesquisadora: Você veio para cá, tem muito tempo?

Apolo: não

Pesquisadora: tem quanto tempo?

Apolo: uns 3 meses

Pesquisadora: SÓ?

Apolo: só

Pesquisadora: o que é que foi que aconteceu? Você saiu de lá? Veio para cá? O que é que foi?

Apolo: na verdade eu morava em Planaltina, Goiás.

Pesquisadora: Hã!

Apolo: aí de Planaltina, Goiás eu vim para cá (incompreensível)

Pesquisadora: e veio parar aqui na expansão?

Apolo: foi

Pesquisadora: e:: você mora com quem aqui?

Apolo: com meus pais, né?

Pesquisadora: o:: /pai e mãe?

Apolo: é

Pesquisadora: tem irmãos?

Apolo: tenho

Pesquisadora: quantos?

Apolo: nove

Pesquisadora: NOSSA!!! ((risos)) vocês são 10? Ou são nove?

Apolo: oito, aí com eu nove

Pesquisadora: NOVE FILHOS! Você é o mais velho, não?

Apolo: não. Sou um dos mais novos.

Pesquisadora: ah é? E o /.../ então você já tem irmão casa:do? Já:? Não?

Apolo: já

Pesquisadora: aí:: mas aí eles moram lá São Paulo? Moram aqui? Moram em Planaltina? Onde que moram?

Apolo: tem uns que moram em Luis Eduardo Magalhães, e os outros aqui

Pesquisadora: Bahia, né?

Apolo: é

Pesquisadora: e:: mas me conta aí essa história, eu eu / (...) a entrevista é mais é pra isso, pra sabe da sua vida mais um pouquinho, sua rotina. Você falou que morou em Planaltina. Você nasceu em São Paulo?

Apolo: foi

Pesquisadora: aí: foi para Planaltina?

Apolo: não. Não. Na verdade eu fui para Morro do Chapéu lá na Bahia.

Pesquisadora: na Bahia, né?

Apolo: é

Pesquisadora: seus pais são da Bahia?

Apolo: é, meus pais são da Bahia.

Pesquisadora: ah. Ai foi pra lá::

Apolo: aí de lá nós viemos pra cá, pra Planaltina Goiás. Aí de Planaltina Goiás nós viemos pra cá, pra Brasília

Pesquisadora: e:: seus pais trabalham?

Apolo: trabalham

Pesquisadora: os dois?

Apolo: os dois.

Pesquisadora: eles fazem o quê?

Apolo: meu pai é mestre de obras e minha mãe trabalha em uma firma ali

Pesquisadora: uma firma?

Apolo: é

Pesquisadora: Sabe do que é que é? De quê?

Apolo: não

Pesquisadora: ah, ta. É:: me fala de sua rotina, o que é que você faz durante o dia? Vamos lá começar, você aco::rda, vem para a escola.

Apolo: vem pro colégio, aí volto pra casa, aí troco de roupa, tomo banho, almoço e vou *trabaiá*.

Pesquisadora: você também trabalha?

Apolo: aham

Pesquisadora: onde você está trabalhando, W?

Apolo: trabalho na Elite Car, numa loja que vende peças de carro

Pesquisadora: ah: onde fica? No centro da Ceilândia?

Apolo: não, fica: no Setor O

Pesquisadora: aqui no Setor O mesmo?

Apolo: é

Pesquisadora: ah, ta. E: quando é que sobra tempo pra você: fazer dever: ? Entrar na internet?

Apolo: ah, a noite

Pesquisadora: a noite?

Apolo: é

Pesquisadora: hum:: assistir televisão, assiste também, não?

Apolo: assisto sim

Pesquisadora: ta. Na sua casa, tem computador?

Apolo: tem

Pesquisadora: tem quantos computadores? Ou::

Apolo: tem um só

Pesquisadora: só tem um?

Apolo: tem um notebook

Pesquisadora: um notebook? e vocês têm acesso à internet lá?

Apolo: tem

Pesquisadora: aí:: são oito irmãos, quantos que moram em casa com você?

Apolo: só eu e mais dois irmãos e uma irmã minha

Pesquisadora: então são só quatro filhos que estão em casa hoje?

Apolo:

Pesquisadora: aí como é que ^é vocês compartilham isso aí? Um computador só

Apolo: uai, durante o dia, quando eu não tô em casa, a minha irmã e o meu outro irmão caçula eles ficam lá. Aí cada um tem seu tempo

Pesquisadora: É?

Apolo: é

Pesquisadora: o seu irmão, o menor, tem quantos anos?

Apolo: tem dez

Pesquisadora: e aí no caso, os seus pais trabalham e eles ficam sozinhos em casa

Apolo: não

Pesquisadora: NÃO?

Apolo: eles ficam na casa da minha outra irmã

Pesquisadora: ah

Apolo: casada

Pesquisadora: casada, né?

Apolo:é

Pesquisadora: mora aqui também

Apolo: mora

Pesquisadora: (+) certo. É:: Apolo, você, o que é que você gosta de fazer na internet?

Apolo: uai, eu:: eu fico olhando o facebook

Pesquisadora: hum

Apolo: e alguns vídeos, do youtube

Pesquisadora: é mais isso, né?

Apolo: é

Pesquisadora: lá no facebook, é:: quem são seus amigos lá?

Apolo: uai, professora, tem um monte, né? Não o outro facebook que eu tinha, cancelou, né? Aí esse agora eu não tenho, quasenem amigo, né?

Pesquisadora: por que você cancelou o outro?

Apolo: Foi

Pesquisadora: você tinha uma conta, aí cancelou?

Apolo: foi

Pesquisadora: por que? Tinha pessoas que você não queri:a? ou é por que::?

Apolo: não porque eu achava que tinha que parar mesmo

Pesquisadora: AH, então você parou um tempo?

Apolo: foi. Aí agora eu fiz outro

Pesquisadora: resolveu voltar?

Apolo: é

Pesquisadora: deu saudade, foi?

Apolo: foi

((risos))

Pesquisadora: mas aí o que você faz?/ aí::, ta, você tem esse outro, aí você tem poucos amigos lá. Como é que você seleciona esses amigos, então? Ou você deixa todo mundo entrar no seu facebook, ou ou você só escolhe só conhecidos? Como é que é?

Apolo: só escolho só os conhecidos só, os amigos.

Pesquisadora: e seus amigos lá, de lá, são o que o pessoal de São Paulo? O pessoal da Bahia? O pessoal daqui? Quem são? (+) quem você tem lá de amigo? Quem são seus amigos lá na rede?

Apolo: nesse agora eu não tenho quase ninguém, não

Pesquisadora: quase ninguém? Você abriu agora?

Apolo: foi. Tem poucos dias.

Pesquisadora: ah, ta. (+) mas você já gosta de ficar lá. E:: aí lá você faz joguinhos? Ou:: compartilha co:isa? Você fala de você também ou só escuta, só fica vendo lá dos outros?

Apolo: não, eu jogo também, professora. Fico mais olhando lá a () dos outros. É poucas coisas que eu compartilho.

Pesquisadora: seus irmãos que estão lá na Bahia,são muitos que têm na Bahia? ou não?

Apolo: não. Só dois.

Pesquisadora: só dois. Aí eles também têm conta do facebook?

Apolo: não. Acho que não.

Pesquisadora: não? Seus pais tem conta de facebook?

Apolo: tem não ((ri surpreso))

Pesquisadora: tem não?

Apolo: tem não.

Pesquisadora: eles não gostam? Não sabem?

Apolo: não, eles não interessam muito nisso, não.

Pesquisadora: não têm tempo?

Apolo: é, não têm tempo, né?

Pesquisadora: deixa eu ver o que mais (+) o que que /.../ bom, você cancelou:: e aí você voltou. O que é que te atraiu a voltar de novo então?

Apolo: uai, pessor, e porque eu entrava mais em contato com meus ami:gos pelo facebook, nós ficava nas conversas. Aí aí eu peguei e resolvi abrir outro.

Pesquisadora: e tem algum professor que faz parte do seu facebook?

Apolo: não
 Pesquisadora: nenhum?
 Apolo: nenhum
 Pesquisadora: por que, você não quis?
 Apolo: porque:: eu não quis mesmo
 Pesquisadora: é. Deixa eu ver outra coisa que ia te perguntar:: (++) é:: (+) da fan Page aqui da escola, parece que tem uma fan Page daqui da escola também. Você faz parte dessa fan Page? Ou não?
 Apolo: não
 Pesquisadora: você não conhece?
 Apolo: não
 Pesquisadora: não. Eu pensei que você assim, que você acompanhasse o da escola também. Então ta certo, Apolo. Bom, eu acho que é só:: por enquanto é só. Se eu precisar eu acho que volto aqui de novo.

Ficha de documentação

Informações sobre a entrevista e o entrevistado

Data da entrevista: Local:

Duração da entrevista: 8h 27min

Pseudônimo para o entrevistado: Ártemis

Cidade onde nasceu: Valparaíso – GO

Cidade em que vive: Ceilândia – QNO 19

Sexo:F Idade: 15

Nível de escolaridade: 9º ano

Profissão dos pais ou responsável: Pai – vigilante/ Mãe: dona de casa

Observações:

Pesquisadora – Onde é que você nasceu?

Artemis – É no Valparaíso, Goiás

Pesquisadora – Valparaíso? Goiás?

Artemis – isso

Pesquisadora – E:: aí você veio pra cá, pra Ceilândia quando?

Artemis – não, eu nasci. Aí do hospital eu:: (incompreensível) eu morava em Samambaia.

Pesquisadora – ah, tá.

Artemis – aí fui morar na Samambaia. Passei uns cinco anos, acho, morando lá. Aí vim pra cá, pra Expansão.

Pesquisadora – ai você mora aqui com quem?

Artemis – com meu pai, com a minha mãe e com a minha irmã

Pesquisadora – são só três, são só::

Artemis – quatro

Pesquisadora – só vocês quatro?

Artemis – é, nós quatro

Pesquisadora – e sua irmã, é mais velha? Mais nova?

Artemis – mais velha

Pesquisadora – hã, ela tem quantos anos?

Artemis – vinte

Pesquisadora – e você?

Artemis – quinze

Pesquisadora – e ela:: /ela não. Seus pais, o que é que eles fazem?

Artemis – minha mãe:: ela:: só fica em casa assim. Aí meu pai ele faz faculdade de pedagogia.

Pesquisadora – ah é?

Artemis – aham.

Pesquisadora – onde que ele estuda?

Artemis – lá na:: faculdade: católica. Eu acho. Aí:: ele trabalha.

Pesquisadora – hum

Artemis – numa escola em Taguatinga de vigilante.

Pesquisadora – ah, tá

Artemis – aí só:. Minha irmã, minha irmã faz faculdade, né?

Pesquisadora – também

Artemis – aham. De:: (+) ai não lembro o que ela faz (incompreensível). Aí::, trabalha.

Pesquisadora – hum

Artemis – a tarde

Pesquisadora – mas: seu pai faz faculdade lá, é:: ele tem bolsa? Na Católica? Ou não? Ou é pelo FIES? Você sabe?

Artemis – não. Não sei.

Pesquisadora – não sabe falar?

Artemis – não

Pesquisadora – ta. me fala da sua rotina. O que é que você faz (+) diariamente assim, o que você costuma fazer diariamente? Você acorda, vem para escola que estuda de manhã, e depois?

Artemis – eu chego em casa e aí, né, eu durmo um pouquinho,

Pesquisadora – hã

Artemis – que eu to cansada, né?

Pesquisadora – aham

Artemis – aí eu ajudo minha mãe a arrumar a casa

Pesquisadora – hum

Artemis – aí eu faço meus deveres de casa. Só::.. Aí às vezes eu saio, porque eu namoro, né? Aí eu vou pra casa do meu namorado. Só!

Pesquisadora – E:: (++) o que é que você gosta de fazer nas horas vagas? Quando você não tem nada para fazer, o que você gosta fazer?

Artemis – ficar na internet

Pesquisadora – ((risos)) ficar na internet?

Artemis – é

Pesquisadora – mas é só quando você está com horas vagas? Ou

Artemis – Nã::O. eu fico assim:, em casa, todo dia direto assim:: direto

Pesquisadora – você usa internet do computador ou do celular?

Artemis – eu uso os dois! Mas só que eu fico mais no celular

Pesquisadora – você tem computador em casa?

Artemis – tem

Pesquisadora – tem internet em casa?

Artemis – tem

Pesquisadora – aí você acessa: é:: (+) / o seu celular pega a internet de lá?

Artemis – é whatsapp

Pesquisadora – e quando você não ta lá, quando você está na escola, como é que você faz?

Artemis – aí a gente tem roteador, né? das meninas, que a gente pega bota crédito e dão crédito mesmo a 3G

Pesquisadora – é?

Artemis – é

Pesquisadora – deixa eu ver outra coisa, e com que frequência você fica? Todo dia você entra na internet?

Artemis – aham. Todo dia.

Pesquisadora – qual é o tempo, mais ou menos assim, que você acha assim, duas ho::ras? Três ho::ras? Você fica muito tem:po? Fica ligada o tempo todo por conta do celular:?

Artemis – na:o, tipo, eu mexo um pouquinho.

Pesquisadora – hum

Artemis – Aí, deixo o celular lá. Quando vibra, eu já pego. Aí fico mexendo.

Pesquisadora – é um vício

Artemis – só mexo quando vibra
 Pesquisadora – mexeu! Vibrou! você pega?
 Artemis – É! Eu pego
 Pesquisadora – ta. E o que você gosta de fazer lá? É: é é:: você vai é:: você entra na internet para ver o quê? Mais ou menos, basicamente
 Artemis – no facebook?
 Pesquisadora – no facebook. (incompreensível) tem alguma outra rede social?
 Artemis – tem o whatsapp, né?
 Pesquisadora – whatsapp.
 Artemis – só, os dois.
 Pesquisadora – só os dois?
 Artemis – aham
 Pesquisadora – e o que você faz lá? o que você gosta de fazer lá?
 Artemis – no facebook eu gosto de ta vendo as coisas, né?
 Pesquisadora – hum
 Artemis – assim (+) sei lá conversando. Eu converso mais pelo whatsapp
 Pesquisadora – é: aham.
 Artemis – fico conversando pelo whatsapp. Só
 Pesquisadora – por que a opção do whatsapp e não do facebook pra conversar?
 Artemis – porque é melhor pra conversar, eu acho melhor
 Pesquisadora – você acha melhor?
 Artemis – aham
 Pesquisadora – não por conta do:: porque lá no facebook, por exemplo, poderia todo mundo ver? Ou ou alguma assim? Ou não?
 Artemis – NÃO. Eu num:: eu: assim:: eu não gosto de postar muita coi:as. Mais é foto. Eu posto muita foto.
 Pesquisadora – *ah tá*
 Artemis – aí pra conversar (incompreensível) whatsapp
 Pesquisadora – *ah ta*. Mas e e comentar o:: o post dos seus colegas, você não faz isso? Não tem o hábito de comentar? De *tá* entrando, de *tá* observan:do?
 Artemis – comentar às vezes curto, *né*? Mas não muito
 Pesquisadora – não muito?
 Artemis – não muito. Gosto mais de ficar vendo as coisas mesmo
 Pesquisadora – só vendo? Só observando?
 Artemis –
 Pesquisadora – ah tá, é:: você já falou da questão da rede social, você passa/ você trabalha só com a::/ aliás, você só tem só o facebook e o whatsapp, né?
 Artemis – é
 Pesquisadora – tá, e quem são os seus amigos lá dentro do do facebook? Como é que você seleciona seus amigos? São é é amigos da esco:la? Amigo da rua? Amigo da igreja? Outodas as pessoas que te conhece? Ou que/ como é que você seleciona esses amigos? Quem são eles?
 Artemis – ah eu tenho amigo das escola, né? E tenho:: as pessoas me mandam o convite
 Pesquisadora – *hã*
 Artemis – aí eu olho, assim: aí eu vejo, aí eu vou com a cara da pesso::a
 Pesquisadora – desconhecidos também?
 Artemis – tenho
 Pesquisadora – tem?
 Artemis – tem
 Pesquisadora – aí você o:ilha? A cara da pessoa? Você vai na página dela?
 Artemis – é: eu olho, né?
 Pesquisadora – hum
 Artemis – A página pa ver:, aí eu gosto, aí eu aceito, aí às vezes eu não aceito.
 Pesquisadora – essa pessoas, você já observou se alguma delas já comentou sua foto também?
 Algumas dessas pessoas já::

Artemis – já curtiram
Pesquisadora – já curtiram?
Artemis – já curtiram, comentaram não
Pesquisadora – NÃO?
Artemis – não
Pesquisadora – briga, já viu alguma coisa de briga dentro da do face? Ali, alguma coisa?
Artemis – já
Pesquisadora – de quem? Assim de:
Artemis – de ami:gas
Pesquisadora – é? Discutindo mais::
Artemis – ah é (incompreensível) também tem essas fotos assim que o povo tá falando mais que é **esparro**
Pesquisadora – é o que?
Artemis – **ESPARRO**
Pesquisadora – **ESPARRO**?
Artemis – É. Essas meninas é, por exemplo/ vou ser aberta contigo
Pesquisadora – VAI, fale
Artemis – a menina pega e tira foto pelada
Pesquisadora – hum
Artemis – uma pessoa pega lá, por exemplo, uma amiga minha viu essa foto
Pesquisadora – aham
Artemis – pega essa foto e espalha, posta
Pesquisadora – sei
Artemis – todo mundo vê. Aí começa a briguinta
Pesquisadora – isso é espalho?
Artemis – é
Pesquisadora – é espalho que chama?
Artemis – **esparro**
Pesquisadora – **ESPARRO**?
Artemis – é
Pesquisadora – essa eu não conhecia esse nome.
Artemis – conhecia não?
Pesquisadora – NÃO!
Artemis – é. O que mais tem briga, mais é briga é por causa disso
Pesquisadora – ah::!tá
Artemis – por causa disso
Pesquisadora – e tem colegas suas que faz isso, tipo colocar fotos
Artemis – já teve uma menina (incompreensível)
Pesquisadora – e AÍ?
Artemis – aí fica só na () pelo fa:ce. Umas que denuncia:
Pesquisadora – nossa, isso não tinha observado ainda não
Artemis – não?
Pesquisadora – NÃO. E também não sabia, nunca conhecia esse termo não. **Esparro**. Ótimo. Estou aprendendo com você. ((risos)) (+) Tá, e o que é que mais te atrai nessas redes sociais? O que é que mais te atrai assim “ai:: que eu gosto de ficar aqui, que eu gosto de ficar conversando”. O que é que te atrai? O que é que você acha assim:: que te leva, assim: (+) que aí dá um sinalzinho e você quer ver o que é que tem. O quê? Por quê? O que é que você acha?
Artemis – a:i. é porque às vezes, tipo, você descobre muita COISA! Também: tem o fa:ce
Pesquisadora – descobre coisas? Como assim?
Artemis – ai eu não sei te explicar. Entendeu? Ó! Por exemplo. A:i, não sei explicar.
Pesquisadora – ((risos))
Artemis – não, coisas mi:nhas. Coisas dos ou:tros
Pesquisadora – ah tá.
Artemis – ó, é igual quando/ eu não sei como te explicar
Pesquisadora – o que? Como assim? Vai falando aí que a gente vai

Artemis – ó
 Pesquisadora – hum
 Artemis – por exemplo
 Pesquisadora – hum
 Artemis – ah:: deixa eu ver aqui. Ó, você vai conhecer um menino
 Pesquisadora – uhum
 Artemis – só um exemplo. Aí você: não sabe em é o menino. Tá!
 Pesquisadora – uhum
 Artemis – pelo face tu já sabe tudo. Se o menino tem namorada. Tu já descobre. Só pelas conver:sãs. Pelas coisas que posta
 Pesquisadora – uhum
 Artemis – então. Tipo assim::
 Pesquisadora – então:, no caso da paque:Ra. Aí já é interessante. Você encurta o caminho, né?
 Artemis – É::
 Pesquisadora – hum:: interessante. Gostei dessa ideia. Eu acho que eu descobri muita coisa com você Artemis. Foi muito bom.

Ficha de documentação

Informações sobre a entrevista e o entrevistado

Data da entrevista:

Local:

Duração da entrevista: 5min38

Pseudônimo para o entrevistado: AFRODITE

Cidade onde nasceu: BRASÍLIA

Cidade em que vive: CEILÂNDIA

Sexo:F

Idade: 15 ANOS

Nível de escolaridade: 9º ANO

Profissão dos pais ou responsável: PAI – falecido/ MÃE – trabalha em uma fábrica de pão de queijo.

Observações:

Pesquisadora: Então:: seu nome?

Afrodite: Afrodite

Pesquisadora: A gente vai conversar só sobre a sua vida mesmo, ta?

Afrodite: Tá

Pesquisadora: Coisa sim:ples, não vale no:ta.

Afrodite: (rsrsrs)

Pesquisadora: não vou fazer perguntas que não saiba. É só pra conhecer um pouquinho, que aí a gente, que aí a gente vai:: a gente vai fazer as análises lá do do meu trabalho, ta?

Afrodite: ta

Pesquisadora: cê me permite, me permite gravar?

Afrodite: permito

Pesquisadora: Então ta. Primeiro, onde você nasceu?

Afrodite: eu nasci aqui mesmo, em Ceilândia.

Pesquisadora: aqui em Ceilândia?

Afrodite: é no hospital

Pesquisadora: é você mora com quem?

Afrodite: moro com a minha mãe:: com meu padrinho e os meus dois primos e meus irmãos.

Pesquisadora: com seu padrinho?

Afrodite: é::: com minha madrinha e meu padrinho

Pesquisadora: você não mora com o seu pai?

Afrodite: não

Pesquisadora: conhece?

Afrodite: não, porque ele morreu já

Pesquisadora: ah, e você era pequena?

Afrodite: é, aí eu nem::: conheci ele.

Pesquisadora: ah ta. Me fala da sua vida, o que é que você faz assim durante o dia, me conta aí como é um pouco da sua vida

Afrodite: eu chego da esco::la,

Pesquisadora: hã

Afrodite: aí::: tem vez assim que eu fico na Ru::a, aí eu dou aula de reforço pra dois meninos que eles tão:: um tá na acho que é na segunda série é na primeira série, o outro tá na quarta série

Pesquisadora: aaaah, então você dá aula de reforço, vai querer ser professora também é?

Afrodite: ah eu não sei, talvez professora ou dentista

Pesquisadora: é? Então você é estudiosa?

Afrodite: é:: mais ou menos

Pesquisadora: ((risos))

Afrodite: aí eu chego da escola, aí eu fico mexendo no meu whatsapp, facebook

Pesquisadora: hum

Afrodite: aí eu durmo às vezes

Pesquisadora: e::: você estava falando, você usa computador com frequência?

Afrodite: não, meu notebook ele estragou. Aí eu uso pelo celular fico

Pesquisadora: ah::: ta, você só tinha notebook em casa?

Afrodite: é, só que ele estragou, só que minha mãe já vai mandar arrumar.

Pesquisadora: mas então vocês tem internet em casa também?

Afrodite: tem

Pesquisadora: ah tá. Ai pelo celular você vai lá e pega?

Afrodite: é

Pesquisadora: e é por ele que você continua falando com o pessoal?

Afrodite: ((riso))

Pesquisadora: quanto tempo, assim mais ou menos, você acha fica na internet?

Afrodite: Nossa, umas 4 horas. Não, tipo aí eu fico um pouco ai vou fazer alguma coisa, aí depois eu volto,

Pesquisadora: mas aqui na escola você acessa também?

Afrodite: é quando, eu pego a internet das minhas amiga

Pesquisadora: ah ta, ai cês compartilham a internet e ficam utilizando?

Afrodite: ((risos)) é

Pesquisadora: deixa eu ver o que mais. Bom você falou que você tem whatsapp e facebook, só essas redes que você usa?

Afrodite: é

Pesquisadora: é::: o que quem são seus amigos lá dentro dessas redes? Quem você coloca lá de amigo?

Eu sei que no whatsapp é mais restrito, NE?

Afrodite: é

Pesquisadora: é menos, é mais da lista de contatos, mas e no facebook?

Afrodite: ah no facebook eu aceito todo mundo.

Pesquisadora: aceita todo mundo? Mesmo sem você conhecer?

Afrodite: é

Pesquisadora: pediu pra ser seu amigo::

Afrodite: aceito

Pesquisadora: então se eu pedir, você vai me aceitar?

Afrodite: (risos)

Pesquisadora: ta certo. E::: o que você gosta de fazer então lá no facebook?

Afrodite: ah eu gosto de ficar publicando coi::sas, postando foto de ficar curtindo lá as coisas?

Pesquisadora: você coloca lá fotos sua lá também?

Afrodite: coloco
 Pesquisadora: não te estranha assim, saber que outras pessoas podem ver, ou ou pra você isso é bom, é legal?
 Afrodite: é:: é bom isso daí.
 Pesquisadora: é?
 Afrodite: uhum.
 Pesquisadora: já recebeu elogios de, comentário de gente que você não conhecia?
 Afrodite: já, de muitas pessoas
 Pesquisadora: é?
 Afrodite: aham
 Pesquisadora: e aí? Não tem medo? (riso)
 Afrodite: não
 Pesquisadora: não? E a questão de, que mais, você só usa a internet pra isso, ou no caso do facebook é maisuma questão de amizade mesmo?
 Afrodite: é
 Pesquisadora: de escola você não usa nada assim, não tem nenhum grupo da sua sua turma nem nada?
 Afrodite: não
 Pesquisadora: você não pensaram em criar também
 Afrodite: não (riso)
 Pesquisadora: eu sei que aqui da escola tem uma fan Page, da escola
 Afrodite: uhum
 Pesquisadora: vocês fazem parte, não, você faz parte?
 Afrodite: eu faço, já curtir a página da escola. Só que eles não postam quase nada
 Pesquisadora: ah::::: então o pessoal está desatualizado
 Afrodite: uhum
 Pesquisadora: então ta. Ah outra coisa, o que mais te atrai lá (++) dentro dessa rede, por que você gosta tanto de ficar lá?
 Afrodite: tipo tipo é muito (riso) viciante, é:: a gente vê o que os amigos ta postando, porque quando ta acontecendo uma novidade aí todos coloca lá::: a gente fica sabendo das coisas (+) no momento que eles postam
 Pesquisadora: é mais atrativo do que a televisão?
 Afrodite: é
 Pesquisadora: você acha? Você viveria sem o facebook? Sem internet?
 Afrodite: acho que não ((risos))
 Pesquisadora: difícil, né?
 Afrodite: uhum

Ficha de documentação

Informações sobre a entrevista e o entrevistado

Data da entrevista:	Local:
---------------------	--------

Duração da entrevista: 06:33

Pseudônimo para o entrevistado: Atena

Cidade onde nasceu: Sobradinho DF

Cidade em que vive: QNR casa própria

Sexo:F	Idade: 15 anos
--------	----------------

Nível de escolaridade: 9º

Profissão dos pais ou responsável: Pai – dirige trator/ Mãe - doméstica

Observações:

Pesquisadora – Atena, você me permite gravar?

Atena – aham

Pesquisadora – então tá. Vamos começar. É::Atena, onde que você nasceu?
Atena – você quer falar de hospital, assim?
Pesquisadora – qual a cidade?
Atena – Sobradinho
Pesquisadora – ah, você nasceu em Sobradinho? Você morava lá?
Atena – morava em Planaltina
Pesquisadora – você morava em Planaltina? E:: e aí, tá morando aqui quanto tempo?
Atena – vai fazer (+) fez dois anos / fez um ano agora em janeiro. Só que quando eu era pequena eu morava aqui. Aí fui embora pra lá, que minha mãe tem uma casa lá. aí eu vim pra cá de novo.
Pesquisadora – e aqui você mora com quem? Com sua mãe?
Atena – com minha mãe e meu pai. E minha irmã
Pesquisadora – sua irmã mais nova? Mais velha?
Atena – mais velha. Tem dezesseis e eu tenho quinze.
Pesquisadora – ah tá. E:: (+) o que é que seus pais fazem?
Atena –minha mãe é doméstica. E meu pai trabalha de:(+) ele trabalha dirigindo um trator lá no Setor de Indústria lá embaixo.
Pesquisadora – ele dirige trator?
Atena – É
Pesquisadora – tá
Atena – acho que é de empilhar (++) sei lá como é que é o nome. Esqueci.
Pesquisadora – tá, mas aí: é: a gente/ o que tem aqui já me serve. Atena, me fala como é sua rotina diária. O que é que você faz? todo dia assim? Costuma fazer todo dia?
Atena – É: eu venho para esco:la.
Pesquisadora – hã
Atena – aí de tarde eu fico em casa. Aí eu limpo a casa. Aí eu fico assistindo. Aí quando é dia de terça e quinta eu vou pro curso à tar:de. Aí no sábado eu também faço curso de manhã: profissionalizan:te. E sÓ!
Pesquisadora – você faz curso profissionalizante de que?
Atena – profissionalizante? É vários cursos. Telemar:keting. (+) Deixa eu ver. Secretaria:do. Vai/ os cursos mesmo. Tem outro de ven:da. Só esses daí.
Pesquisadora – você já fez esses todos?
Atena –é. Tô terminando ainda. Aí:: (+) na terça e quinta e faço de informá:tica.
Pesquisadora – hã
Atena – isso
Pesquisadora – é em escola aqui por perto? É do jovem aprendiz? O que é que é?
Atena –não. É no (Cetec) lá no P Norte
Pesquisadora – ah, tá. Lá é público?
Atena – não. Minha mãe, minha mãe paga. Aí:: é minha mãe paga
Pesquisadora – sua irmã também faz?
Atena –faz. Só que ela, ela fazia junto comigo. Agora ela tá fazendo lá no Plano, no Cedaspy
Pesquisadora – ela tá trabalhando?
Atena – não, minha irmã não
Pesquisadora – não? Tá. Então deixa eu ver (+) é:: e o que você gosta de fazer nas horas vagas?
Quando você não tem nada para fazer?
Atena – nada. Eu só:: assisto mesmo
Pesquisadora – assiste televisão?
Atena – é. E e converso com as com as pessoas lá em casa
Pesquisadora – lá: na sua casa?
Atena – uhum. Amigos assim
Pesquisadora – você não tem internet?
Atena – tenho. Tinha. Mas eu não tenho mais.
Pesquisadora – e tem computador em casa?
Atena – tenho mais não
Pesquisadora – também não? O que é que FO:I?
Atena – meu pai vendeu

Pesquisadora – vendeu tudo? Mas por QUÊ:?

Atena – aí só tem o tablet e tinha meu celular, mas meu pai tomou

Pesquisadora – uai, o que é que Foi:i?

Atena – por causa do facebook

Pesquisadora – por causa do faceBOOK? (+) uai, o que é que foi? O que é que ele:: que ele:: se irritou por isso?

Atena – não é porque:: NÃO SEI é porque: ele não gosta. A gente, eu e minha irmã, era muito viciada. Vivia no facebook. Não fazia nada.

Pesquisadora – uhum

Atena – NÃO, a gente fazia as coisas dentro de casa, arrumava tudo. Mas a gente não tinha tempo pra estudar. A gente só ficava mexendo na internet. Aí, pegou e cortou. Aí ele vendeu o computador. aí o tablet ele guardou, escondeu, né?

Pesquisadora – uhum

Atena – e o meu celular ele tomou

Pesquisadora – vi::xe, então você tá desconectada?

Atena – desconectada

Pesquisadora – e: como é que você fica sabendo das das outras coisas agora?

Atena – ((gesto de insatisfação com os ombros))

Pesquisadora – não fica? Ou é só na escola?

Atena – só na escola

Pesquisadora – e isso é motivo de tristeza? De revolta?

Atena – não, normal ((o olhar desmente a frase))

Pesquisadora – normal?

Atena – ((silêncio))

Pesquisadora – tá certo. Você parece tristonha com isso. Acho que te incomodou, não?

Atena – é, incomodou um pouquinho.

Pesquisadora – faz tempo isso?

Atena – faz, um, vai fazer um mês.

Pesquisadora – hum:: ele recebeu reclamação da escola?

Atena – (+)((gesto com a cabeça)) uhum

Pesquisadora – imagino. Então:: mas você continua com sua conta, lá no facebook?

Atena – uhum

Pesquisadora – e você vai, acessa ainda?

Atena – às vezes, só.

Pesquisadora – aí você faz, como é que você faz?

Atena – não::

Pesquisadora – pra acessar

Atena – quando eu vou pra casa de alguma amiga, aí eu entro rapidinho. Assim::

Pesquisadora – e o que você fazia lá assim que te chamava tanto atenção que você ficava tanto tempo assim lá na na internet? O que é que você fazia lá?

Atena – NA::DA. Eu ficava vendo algumas páginas lá:: ficava vendo umas frases assim. E só. Ficava conversando com alguns amigos. Só.

Pesquisadora – te interessava conversar com os colegas?

Atena – É

Pesquisadora – aí agora sem, você conversa pessoalmente?

Atena – com alguns, né? Porque os que moram em Planalti:na

Pesquisadora – aí esse você perdeu o contato, né?

Atena – uhum

Pesquisadora – tem/ tinha mais pessoa lá no face, que é do seu face que mora mais distante também?

Atena – é, mas não é amigos-amigos assim não

Pesquisadora – (+) ótimo. Então no seu no seu face que eram seus amigos lá? quem era mais? Era o pessoal da esco:la? Era o pessoal da RU:A?

Atena – da escola

Pesquisadora –paren:te?

Atena – da escola
 Pesquisadora – só da escola?
 Atena – tem parentes. Alguns também.
 Pesquisadora – você deixava entrar outras pessoas que você não conhecia?
 Atena – não
 Pesquisadora – alguém que te pedia amizade, você não conhecia, você dava uma olhadinha
 Atena – É. Dava uma olhadinha, aí eu não conhecia, aí eu excluía do meu face. Eu aceitava, aí depois eu ia vendo e excluía um monte de gente. Só deixava os mais conhecidos.
 Pesquisadora – ah tá. Entendi.(++) foto também, você coloca foto lá?
 Atena – uhum
 Pesquisadora – posta Foto? Compartilhava foto? Comentava as fotos dos seus colegas? Como é que é?
 Atena – É:: comentava algumas fotos. Tipo assim: “lin:do” “não sei o que” “bonito”, alguma coisa assim e postava umas fotos de boa tarde, bom dia
 Pesquisadora – o seu pai, viu o seu face?
 Atena – VIU. Ele via direto
 Pesquisadora – ele também tem?
 Atena – não. Ele não tem
 Pesquisadora – sua mãe tem?
 Atena – NÃO. Também ela não gosta
 Pesquisadora – então só tinha você e sua irmã?
 Atena – eu, minha irmã e meu outro irmão. Só que é só por parte de pai ele
 Pesquisadora – ah, mas aí ele, mas aí seu pai tinha acesso? Acabava tinha acesso
 Atena – ele tinha a senha, mas ele acabava vendo as coisas, aí::
 Pesquisadora – aí se irritou?
 Atena – é::
 Pesquisadora – aí depois da reclamação::
 Atena – pois é:
 Pesquisadora – cortou de vez?
 Atena – (++) uhum
 Pesquisadora – mas você está sobrevivendo sem ela? Sem internet?
 Atena – é mais ou menos
 Pesquisadora – mais ou menos? explica
 Atena – É porque eu não era muito ligada assim, não. Ai, nem faz muita diferença.
 Pesquisadora – não? Então tá bom.

Ficha de documentação	
Informações sobre a entrevista e o entrevistado	
Data da entrevista:	Local:
Duração da entrevista: 05:58	
Pseudônimo para o entrevistado: Eros	
Cidade onde nasceu: Ceilândia	
Cidade em que vive: QNO 20	
Sexo: M	Idade: 14 anos
Nível de escolaridade: 9º ano do Ensino Fundamental	
Profissão dos pais ou responsável: Mãe – serviços gerais	
Observações:	

Pesquisadora – Eu tenho que gravar, você me permite gravar?
 Eros – uhum
 Pesquisadora – porque senão depois eu não lembro o que é que a gente falou, o que é que a gente conversou. Então, Eros, é:: onde é que você nasceu?

Eros – aqui mesmo em Brasília
Pesquisadora – aqui em Brasília? mesmo
Eros – uhum. No hospital de Ceilândia
Pesquisadora – ah: tá. E você mora/ então você mora aqui desde que nasceu?
Eros – uhum
Pesquisadora – você mora aqui na Expansão desde que nasceu?
Eros – aham. Aqui na Expansão
Pesquisadora – Na:: o que? Qual a quadra?
Eros – vinte. QNO vinte
Pesquisadora – ah tá, conheço. com quem que você mora lá?
Eros – com minha mãe:, com minha vó:, e com o meu tio. E: minha irmã
Pesquisadora – e seu pai?
Eros – meu pai não mora comigo não
Pesquisadora – ah, não?
Eros – não
Pesquisadora – mas você o conhece?
Eros – conheço
Pesquisadora – tem contato com ele?
Eros – tenho
Pesquisadora – ah, tá. E:: aí me fala então, Eros, eu quero saber o seguinte, fala um pouquinho da sua rotina, o que é que você faz todo dia? Costuma fazer todo dia? Você vem pra escola de manhã, e depois?
Eros – venho pra escola
Pesquisadora – hã
Eros – aí depois, eu chego em casa e almoço. Vou pro meu cur:so, né? Que eu faço um cur:so
Pesquisadora – de que?
Eros – de duas/ De informática. Eu faço de informática, de inglês e de gestão. E montagem, que eu já acabei, né?
Pesquisadora – caramba
Eros – aí: eu faço de duas as quatro. Aí quatro horas eu che:go. Assisto um pouquinho, né? Aí depois vou pra igreja. Que eu eu:: sou da igreja, né? Aí eu chego. Janto. Banho e vou dormir.
Pesquisadora – e nas horas vagas, o que é que você faz?
Eros – nas horas vagas? Mexo no computador:, brinco (+) na rua, jogo futebol. Essas coisas.
Pesquisadora – ah tá. Você:: (+) na sua casa então tem computador?
Eros – tem
Pesquisadora – computador mesmo? não é:: não é ta: é::
Eros – não. É computador mesmo
Pesquisadora – tá. Tem internet?
Eros – tem
Pesquisadora – e você também tem acesso a internet só do computador? internet só do computador? ou ou tem através do celular?
Eros – não, celular não
Pesquisadora – você não tem celular?
Eros – tenho, mas não tem internet
Pesquisadora – ah, tá. Ótimo. (+)A questão do computador, quantas horas você passa mais ou menos no computador? você acessa o computador todo dia?
Eros – não. Todo dia, não. Minha mãe não deixa não.
Pesquisadora – deixa não?
Eros – não
Pesquisadora – e: e: qual o tempo que você passa na internet também? Você entra?
Eros – é mais, é mais feriado, que eu entro. Assim quando não tem nada pra fazer, né? Porque primeiro eu faço todos os dever:: aí quando (incompreensível) eu entro.
Pesquisadora – você fica o que? Uma hora? Duas horas? Fica mais? Quando é final de semana assim
Eros – não, final de semana eu fico até tarde.

Pesquisadora – É?
Eros – uhum
Pesquisadora – mas já virou a noite?
Eros – VIRO, uhum
Pesquisadora – é mesmo?
Eros – uhum
Pesquisadora – e aí, você:: (+) é:: participa de alguma rede social?
Eros – sim
Pesquisadora – qual?
Eros – facebook
Pesquisadora – hã
Eros – ask e twitter
Pesquisadora – a ask mudou de nome, né? Era ask.me e aí passou para ask.fm. é isso?
Eros – é. É ask.fm.
Pesquisadora – ele antes era o ask.me, não era isso?
Eros – uhum
Pesquisadora – tá
Eros – e o twitter
Pesquisadora – e o twitter
Eros – uhum
Pesquisadora – e:: o que você / o que é que te atrai lá nessas redes? O que é que cada uma assim: o que é que o que é que você gosta de cada uma?
Eros – conversar mais com os amigos, né? Botar o papo em dia.
Pesquisadora – é?
Eros – essas coisas
Pesquisadora – compartilha fotos?
Eros – compartilho. Curto.
Pesquisadora – comenta
Eros - Comento
Pesquisadora – e:: os posts, também. Aqueles posts que o pessoal põem
Eros – uhum
Pesquisadora – também? Do mesmo jeito?
Eros – depende, né? Tem uns que eu compartilho não. depende
Pesquisadora – tipo o quê? O que é que você não compartilha de jeito nenhum?
Eros – deixa eu ver:: depende do assunto que eles botam lá. tem muitos que botam coisas que não deve. Aí eu não compartilho.
Pesquisadora – então você tem essa consciência de que não é tudo que você compartilha?
Eros – é
Pesquisadora – nem curti?
Eros – é. Depende da coisa.
Pesquisadora – e:: aí, deixa eu te perguntar? LÁ, dentro do seu facebook, você tem o pessoal da::/ quem são seus amigos lá dentro? É o pessoal da igreja? Pessoal do da escola? É o pessoal da Rua? quem são? Seus parentes?
Eros – é. Metade.
Pesquisadora – Quem que é?
Eros – é: tem um pouco meus parentes. Tem o pessoal da igreja. Tem o pessoal da rua, da escola também. Da escola é menos um pouquinho. Da escola não tem muita gente não.
Pesquisadora – dos seus parentes, seu pai tem facebook também?
Eros – NÃO. minha/ só minhas duas tias e minha mãe
Pesquisadora – sua mãe tem?
Eros – uhum
Pesquisadora – sua mãe também usa o computador lá? direto?
Eros – usa. De vez em quando. Direto não. De vez em quando
Pesquisadora – de vez em quando?
Eros – é que ela trabalha, né? E não tem tempo

Pesquisadora – mas aí é: /então você: /ela é sua amiga no facebook?

Eros – É

Pesquisadora – tá. Outra coisinha aqui, que eu ia te perguntar, você, aceita, na amizade lá, pessoas que você não conhece? Quando o pessoal te é:: é é, clica lá e solicita amizade, você não conhece, como é que você faz?

Eros – NÃO. Aceito NÃO. Já aceitei. Já no comecinho. Mas agora não aceito mais. Dá muito problema isso.

Pesquisadora – DÁ?

Eros – aí não aceito mais não.

Pesquisadora – tipo aqui, você já teve problema por conta disso?

Eros – NÃO, não. É que eu vi passar na televisão, vejo passando na televisão, esses casos, né?

Pesquisadora – hum

Eros – aí eu não aceito muito/ gente que eu não conheço, não.

Pesquisadora – então você você deixa só o pessoal mesmo que é conhecido mesmo, né?

Eros – é. Eu já apaguei já metade lá. que eu tinha muita gente. Muita mesmo.

Pesquisadora – hum

Eros – só falava besTEIra. Aí eu apaguei.

Pesquisadora – aí você apagava?

Eros – aí só deixei SÓ: metade. Tem pouca pessoa agora

Pesquisadora – hum:: ótimo. E:: o que mais? (++) o que é que mais te atrai lá dentro?

Eros – facebook?

Pesquisadora – dentro do caso facebook? No caso facebook, o que é que mais te atrai? Você sempre/ às vezes dá vontade de entrar lá SÓ pra ver uma coisa lá. O que é que mais te atrai lá dentro?

Eros – (++) acho que a conversa, né?

Pesquisadora – conversar mesmo com os amigos?

Eros – é. Conversar com os amigos

Pesquisadora – mas e pessoalmente, você não conversa muito com os amigos pessoalmente?

Eros – não. Tipo é porque:: é distante. Você fica distante. Aí eu entro no facebook e converso com eles, entende?

Pesquisadora – sei.

Eros – uhum

Pesquisadora – você não fica muito tempo na rua?

Eros – na rua?

Pesquisadora – conversar com seus colegas na rua

Eros – não

Pesquisadora – ah, certo. Tá bom. Eu acho que é mais é isso mesmo. Você tem mais alguma coisa? lembra de mais alguma coisas assim? de interessante?

Eros – eu jogo também às vezes no facebook

Pesquisadora – aqueles joguinhos?

Eros – aham

Pesquisadora – é BOM! Né?

Eros – é

Pesquisadora – tá certo. Entãotá, Eros. É basicamente isso.

ANEXO C – CARTA DE APROVAÇÃO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS / UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA / CAMPUS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ADOLESCÊNCIA, POBREZA E INCLUSÃO DIGITAL: práticas discursivas e identidades (re)construídas no espaço virtual

Pesquisador: Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 30563714.3.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 807.993

Data da Relatoria: 31/07/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UnB, cujo foco primordial é a analisar a produção escrita e a construção de identidade de adolescentes diante do uso crescente da internet e tecnologias em geral. Para tanto, a investigação conta com uma fase "netnográfica" na rede social (FB), realização de entrevistas e a produção de um texto por parte dos adolescentes entrevistados. O contato inicial se dará pela internet e com professoras das CEM 7 e 34 da Ceilândia Sul, posto que dele a pesquisadora pretende chegar até os adolescentes entre 14 e 16 anos, do 9º ano do Ensino Fundamental.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar práticas discursivas entre adolescentes de classes (des) favorecidas e discutir, desde uma perspectiva crítica, identidades construídas no ambiente virtual.

(idem ao parecer anterior, sem nenhuma alteração).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

idem ao parecer anterior, sem nenhuma alteração.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa importante sobre os usos e manejos de linguagem por jovens e

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC 2 ALA NORTE 2 MEZANINO 2 SALA B1 2 606 (MINHOCÃO)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3307-2760 **E-mail:** lhd@unb.br

Continuação do Parecer: 807.993

adolescentes, o projeto está bem detalhado e atendeu a todos requisitos esperados pelo CEP, quanto às questões éticas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados e a pesquisadora esclareceu não ter iniciado a pesquisa de campo, anexando novo cronograma; explicitando sua apresentação aos pais e estudantes e detalhando sua postura diante de determinadas situações que envolvam a ética com relação aos próprios adolescentes.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora ressaltou que não usará imagens dos jovens e adolescentes em momento algum, que entrará em contato previamente para saber se pode acompanhá-los na internet, com assinatura de TCLE e termo de assentimento e, assim, respondeu o indagado no parecer anterior.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

BRASILIA, 26 de Setembro de 2014

Assinado por:
Livia Barbosa
(Coordenador)

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC - ALA NORTE - MEZANINO - SALA B1 - 606 (MINHOÇÃO)
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASILIA
Telefone: (61)3307-2760 E-mail: ihd@unb.br

